



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**  
**Pró-reitoria de Pesquisa e Ensino de Pós-Graduação – PPG**  
**Departamento de Educação – DEDC/CAMPUS I**  
**Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEduC**  
**Linha de Pesquisa: Educação, Tecnologias Intelectuais, Currículo e Formação do Educador**  
**Grupo de Pesquisa (Auto)biografia, Formação e História Oral – GRAFHO**

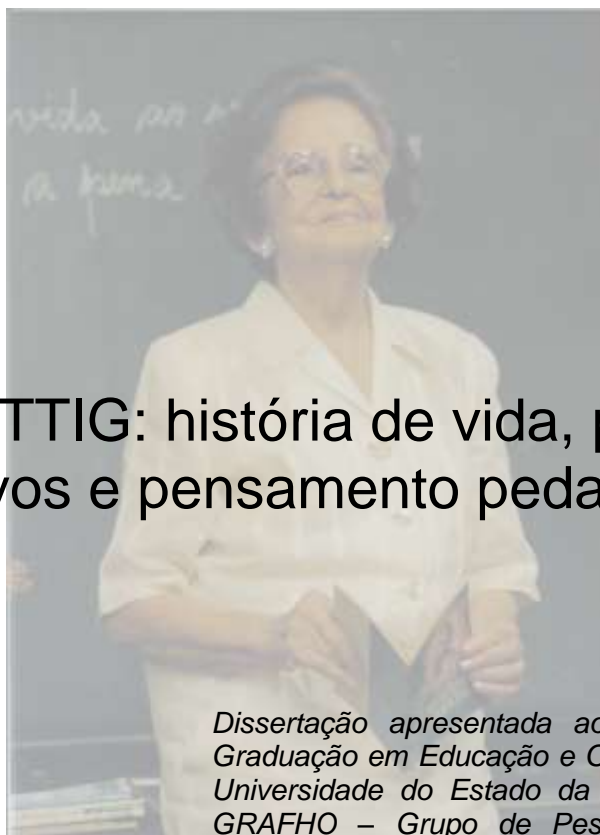
**Liane Cristina Figueiredo Soares**

**OLGA METTIG: história de vida, percursos  
formativos e pensamento pedagógico**

**SALVADOR**

**2007**

**Liane Cristina Figueiredo Soares**



## **OLGA METTIG: história de vida, percursos formativos e pensamento pedagógico**

*Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia, no âmbito do GRAFHO – Grupo de Pesquisa (Auto)biografia, Formação e História Oral, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação.*

*Orientador:*

Prof.º Dr Elizeu Clementino de Souza

*Banca:*

Profª Dra Denice Barbara Catani

Profª Dra Elsa Lechner

Profª Dra Jaci Maria Ferraz de Menezes

Profª Dra Yara Dulce Bandeira de Ataíde

**Salvador  
2007**

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Profº Luis Henrique Dias Tavares.

**S6770 SOARES, Liane Cristina Figueiredo**

**OLGA METTIG: história de vida, percursos formativos e pensamento pedagógico / Liane Cristina Figueiredo Soares – 2007.**

**112 p.: il**

**Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado da Bahia – UNEB – Faculdade de Educação – Mestrado em Educação e Contemporaneidade.**

**Orientador: Profº Drº Elizeu Clementino de Souza**

**Inclui Bibliografia e anexos**

**1. Olga Mettig - Professora 2. Autobiografia – Olga Mettig  
3. Formação de Professores – Bahia I Título**

**CDD 370.9**

*Autorizo a reprodução parcial ou total dessa dissertação para fins acadêmicos, desde que seja citada a fonte.*

# TERMO DE APROVAÇÃO

LIANE CRISTINA FIGUEIREDO SOARES

## OLGA METTIG: história de vida, percursos formativos e pensamento pedagógico

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia, pela seguinte banca examinadora:

Elizeu Clementino de Souza – Orientador \_\_\_\_\_  
Doutor em Educação - Universidade Federal da Bahia / Universidade de Lisboa  
Universidade do Estado da Bahia

Denice Barbara Catani \_\_\_\_\_  
Doutora em Educação - Universidade de São Paulo  
Universidade de São Paulo

Yara Dulce Bandeira de Ataíde \_\_\_\_\_  
Doutora em Educação - Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Universidade do Estado da Bahia

Jaci Maria Ferraz de Menezes (Suplente) \_\_\_\_\_  
Doutora em Ciências da Educação - Universidade Católica de Córdoba  
Universidade do Estado da Bahia

Elsa Lechner (Suplente) \_\_\_\_\_  
Doutora em Antropologia – École des Hautes Études en Sciences Sociales - Paris  
Centro de Estudos de Antropologia Social/Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa – Lisboa/Portugal

# AGRADECIMENTOS

A **Deus**, pela vida.

À **Natureza**, nossa mãe, mestra e serva, pelas orientações claras, seguras e definitivas, bem como pela disponibilidade das ferramentas necessárias às nossas realizações.

Aos **Amigos** que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho. Afinal, para os amigos, o sucesso de um é uma benção para os outros:

Aos meus pais Acyr e Maria e aos meus filhos Vitor e Luthi, por me darem todo o apoio necessário para a realização deste trabalho. Afinal, “a família sempre está presente, principalmente, nos momentos mais difíceis”.

Ao meu mestre Jair Tércio que, por incansáveis vezes, buscou demonstrar o sentido real da vida. Afinal, “ser mestre implica não só em responder perguntas, mas em saber criar situações que possibilitem tanto o sensibilizar, quanto o despertar e o renascer do Ser Humano”.

Ao meu orientador e amigo Prof. Dr. Elizeu Clementino de Souza por toda atenção, dedicação e contribuição dadas durante a realização deste trabalho, demonstrando que “a fonte de inspiração de quem deseja ensinar deve ser sempre o interesse e a compreensão de quem deseja aprender”.

À minha amiga Ana Cruz, pelo incansável apoio e contribuição.

Às minhas irmãs de coração Selma, Maribel, Cecília e todas as demais que são companheiras de jornada, pela amizade, apoio e incentivo nos momentos difíceis.

À família Mettig, pelo desprendimento e pela colaboração durante a realização dessa pesquisa.

Enfim, a todos aqueles que acreditam que “nós, o mundo e a humanidade, somos um, e os fazemos como são e estão” (A Arca).

*Educar é trabalhar no processo da vida do gênero humano, auxiliando-o quanto ao encontrar-se naquele estado de ser que favoreça o contato real com a sua verdade interior e do seu tempo; mantendo-o e/ou tornando-o um ser integral, enfim como um ser real, um ser moral.*

A Arca

# RESUMO

O interesse em pesquisar a história de vida da educadora baiana Olga Mettig é mobilizado pelo reconhecimento de que não é possível escrever a história da educação sem passar por aqueles que a fizeram e a pensaram. Assim, este trabalho tem por finalidade analisar a trajetória de vida pessoal/profissional e procura compreender o percurso formativo da educadora e as decorrências do pensamento pedagógico na constituição do magistério baiano num espaço-tempo histórico, investigando sua contribuição para a formação de educadores no Estado da Bahia. Para tanto, analisei sua história de vida, por meio de sua trajetória entre os anos de 1950 a 1970, época de maior produção intelectual da educadora. A pesquisa ancora-se na abordagem biográfica, com ênfase nas histórias de vida, o que possibilita estabelecer relações entre as influências sofridas no decorrer de sua vida/formação, com sua prática como docente, diretora escolar, escritora de livros didáticos e empresária. O trabalho utiliza dados coletados por meio de entrevistas semi-estruturadas, reportagens, documentos e anotações pessoais e acervo da família que “relatam” a vida e obra da educadora. Ao estudar sua história de vida, pensamento pedagógico e contribuições para o processo de formação docente, inevitavelmente aprecio sua contribuição para a formação de atitude, bem como seu papel na construção da história da educação na Bahia. Além de narrar as experiências de uma vida, suscitar reflexões sobre a mulher, a mãe e a educadora Olga Mettig, discuto a formação de sua identidade feminina, a escolha da profissão e as contribuições para as futuras gerações. Olga Mettig marca pelo pioneirismo e empreendedorismo. Torna-se um exemplo de excelência profissional, independentemente de ser uma pessoa conservadora e rígida em seus princípios e crenças e exigente quanto ao método de trabalho em suas instituições. Seu nome é carregado de história, principalmente por ser uma mulher determinada a atingir seus objetivos em favor da formação docente que contribui para a constituição da história da educação na Bahia, em uma época em que as mulheres eram educadas para o lar.

**Palavras-chave:** Olga Mettig. Histórias de vida. Abordagem biográfica. Educação baiana.

# ABSTRACT

The interest in searching the history of life of the bahian educator Olga Mettig is mobilized by the recognition of that it is not possible to write the history of the education without passing for who had made and planned it. So, this work has for purpose to rescue its trajectory of personal/professional life, looking for to understand her formative trail and the results of the pedagogical thought in the constitution of the bahian teaching in a historical space-time, investigating its contribution to the formation of educators in the State of the Bahia. For in such a way, we analyze her history of life, researching its trajectory during the years of 1950 the 1970, time of greater intellectual production of the educator. The research was structuralized using the biographical boarding, that makes possible to establish the relation between the influences she had during its formation with practical as professor, school director, didactic book writer and entrepreneur. This work uses collected data through the half-structuralized interviews, news articles, documents and personal drafts of the educator, part of the collection of the family, that "tell" about the life and work of the educator. During the study of her history of life, her pedagogical thought and her contributions in the process of teaching formation, inevitably we appreciate her contribution in the attitude formation, as well as her role in the construction of the history of the education in the Bahia. Besides telling the experiences of a life, bringing reflections about the woman, the mother and the teacher Olga Mettig, I discuss the formation of her feminine identity, the choice of the profession and the contributions to the future generations. Olga Mettig marks for the sense of pioneer and undertaking. Becoming an example of professional excellency, independent of being a conservative person, rigid in her principles and beliefs, demanding about the method of work in her institutions. Her name is loaded of history, mainly for being a woman determined to reach her goals in favor of the teaching formation and contributing to the constitution of the history of education in Bahia, in a time when the women were educated for home management.

Keywords: Olga Mettig. Histories of Life. Biographical boarding. Bahian education.



# RELAÇÃO DE FOTOS

(1) Olga Pereira Mettig .....	45
(2) Olga Mettig com as filhas Olga Mettig Filha e Carmem Rocha .....	51
(3) Praça Professora Olga Mettig (1) .....	56
(4) Praça Professora Olga Mettig (2) .....	56
(5) Sede do Ginásio Nossa Senhora do Carmo .....	70
(6) Sede do Colégio Nossa Senhora do Carmo .....	76
(7) Olga Mettig e Maria Lígia Lordello de Magalhães .....	79
(8) Sede das Faculdades Integradas Olga Mettig .....	97

# RELAÇÃO DE IMAGENS

(1) Capa do Livro Minha Primeira Gramática .....	81
(2) Capa do Livro História do Brasil .....	83
(3) Capa do Livro Educação Moral e Cívica .....	84

# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	10
CAPÍTULO I .....	15
ABORDAGEM BIOGRÁFICA E HISTÓRIAS DE VIDA .....	15
1.1 A história de vida como campo de pesquisa .....	17
1.2 A abordagem biográfica como recurso pedagógico da pesquisa e do ensino .....	22
1.3 Investigar, resgatar e analisar: reflexões sobre as fontes e análise dos dados .....	26
CAPÍTULO II .....	31
A EDUCAÇÃO NA BAHIA 1950-1970 .....	31
CAPÍTULO III .....	44
QUEM FOI OLGA METTIG .....	44
3.1 Infância, amadurecimento e profissionalização .....	46
3.2 A educação feminina ensinada à Olga Mettig .....	58
3.3 Valores ensinados e seguidos em sua prática educativa .....	63
CAPÍTULO IV .....	67
A TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DE OLGA METTIG .....	67
4.1 Colégio Nossa Senhora do Carmo .....	68
4.2 Produção dos livros didáticos .....	78
4.3 Faculdades Integradas Olga Mettig .....	85
4.4 O pensamento pedagógico de Olga Mettig .....	96
CAPÍTULO V .....	100
CONTRIBUIÇÕES DE OLGA METTIG À EDUCAÇÃO BAIANA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES .....	100
REFERÊNCIAS .....	105
LISTA DE ANEXOS .....	110

# INTRODUÇÃO

O interesse em pesquisar a história de vida de professora Olga Mettig, *Dona Olga*, como era chamada por todos, se deu pelo fato de serem considerados, como bastante significativos, os destaques e as implicações pessoais, profissionais e acadêmicas dessa educadora na sociedade baiana. Com essa pesquisa, tenho o objetivo de resgatar sua trajetória de vida pessoal/profissional para compreender seu percurso formativo e as decorrências do pensamento pedagógico na constituição do magistério baiano num espaço-tempo histórico, ao tempo em que investigo sua contribuição para a formação de educadores no Estado da Bahia.

*Dona Olga* não só viveu o magistério, como também inovou e construiu um legado para a educação da Bahia, por meio de suas escolas, faculdades e, principalmente, dos seus livros, que contribuíram para a prática docente de milhares de professores. Foi pioneira no segmento educacional em todos os níveis de ensino, pois publicou, criou e conseguiu se destacar através da sua atividade profissional.

A reflexão sobre a história de vida de um educador promove um pensar sobre nossa própria formação, embora, durante muito tempo na história da educação, demos significativa ênfase a outras questões, sem observar ou mesmo ignorar, efetivamente, a vida pessoal e as subjetividades envolvidas na formação de um professor. O exercício de pensar sobre a formação possibilita uma ressignificação constante sobre o papel que esperamos desempenhar enquanto educadores conscientes da importância da educação para o desenvolvimento humano. Afinal, a educação caracteriza-se pela interação dos sujeitos, mediados pelo conhecimento, contextualizados pelas dimensões históricas, políticas, sociais e culturais. É o contexto no qual estão inseridos que dimensiona e dá sentido e significação à interação entre eles, construindo e desconstruindo<sup>1</sup> as subjetividades envolvidas, sejam elas de natureza individual ou coletiva.

A educação é um processo de ressignificação permanente de papéis dos atores envolvidos nesse processo. Falar de educação pressupõe abordagem da importância destes, sobretudo da figura do professor como mediador do

---

<sup>1</sup> Para uma maior compreensão desse processo, consultar Abrahão quando fala dos “professores enquanto profissionais reflexivo-transformativos de sua própria prática” (2004, p. 19).

conhecimento, figura-chave do processo de desenvolvimento humano, usando como meio a educação.

Assim, neste estudo, busco resgatar a história de vida, os percursos formativos e o pensamento pedagógico da educadora baiana Olga Mettig. Para tanto, investigo sua trajetória pessoal, formação profissional e realizações, enquanto docente e empreendedora. Procuro, ainda, compreender em que contexto aconteceram, através da análise da realidade educacional e política da Bahia durante os anos de 1950 a 1970, época de maior produção intelectual da educadora, fato este que não desconsidera sua trajetória anterior, tampouco as realizações posteriores. Essas premissas suscitaram as seguintes indagações: Como se realiza a compreensão do processo de construção identitária de destacados educadores, que articulam a dimensão pessoal, individual e coletiva em um dado tempo/espaço histórico? Que concepções de gênero<sup>2</sup> balizaram e sustentaram a formação dessa educadora? Qual a trajetória traçada no seu percurso de formação e ingresso na profissão? Qual pensamento pedagógico substanciou o trabalho dessa educadora? E, por último, quais contribuições essa educadora trouxe para a educação baiana?

Tal pesquisa foi delineada sob o ponto de vista da história da educação, para tanto eu utilizei a abordagem biográfica como metodologia<sup>3</sup>, que privilegia a coleta de informações contidas na vida pessoal e profissional, assim, trata-se de um infundável esforço de construção da memória e do viver dessa educadora e atribui novos sentidos a tais informações. Conforme Souza (2006), trata-se de um movimento de investigação-formação, pois seus princípios são as experiências e a observação dos fatos relacionados a essas experiências.

Delimitando o foco da narrativa, utilizei pesquisa documental e, do ponto de vista dos procedimentos técnicos, desenvolvi um trabalho de campo composto por duas técnicas diretas de coleta de dados: a análise documental e a entrevista semi-estruturada; momento em que trabalhei com ex-alunos, ex-funcionários, familiares, amigos e colaboradores, com uma visão analítica, reflexiva e interpretativa da história de vida de Olga Mettig. Isso me permitiu traduzir em dados concretos o seu legado para a educação – que inclui escolas, faculdades, cursos, centros de

---

<sup>2</sup> Sobre essa questão, analiso as implicações sociais na construção da identidade feminina, no que se refere ao modo como se dava a educação da mulher naquela época, bem como influências que sofreu Olga Mettig em sua formação pessoal e profissional.

<sup>3</sup> Para aprofundamento das histórias de vida como método das pesquisas educacionais, consultar as obras de Souza (2006), Catani (2003, 2005), Nóvoa (2000, 2001), Josso (2004, 2006), Queiroz (1988), Vieira (1999) e Abrahão (2004).

educação e livros, parte integrante da educação de milhares de pessoas há mais de sete décadas.

Além disso, a intencionalidade em trabalhar com entrevistas semi-estruturadas, permitindo a flexibilidade das questões abertas, possibilitou o diálogo com os entrevistados e, dessa maneira, oportunizou-me a inclusão de novos questionamentos, bem como de reformulações e esclarecimentos sobre as questões iniciais.

Para melhor organizar minha pesquisa, estabeleci alguns critérios para a escolha dos documentos que serviram de base analítica e também para a escolha dos sujeitos que fizeram parte dessa pesquisa através das entrevistas orais e escritas, as quais se configuraram como uma das principais fontes de coleta, garantindo uma maior fidelidade dos fatos, bem como uma interpretação crítica acerca dos mesmos. Neste sentido, busquei localizar pessoas que conviveram com *Dona Olga*, seja intimamente (familiares e amigos), seja profissionalmente (funcionários e ex-alunos), e tivessem interesse em participar da pesquisa, tendo o cuidado de estabelecer um vínculo de confiança, ao construir um processo de cumplicidade com os entrevistados, tornando cada um deles um co-participante da pesquisa.

Durante a pesquisa, também tive acesso a documentos de caráter autobiográfico e biográfico de *Dona Olga*, ou seja, entrevistas publicadas com ela e sobre ela, além de depoimentos publicados (como reportagens e artigos veiculados em jornais e revistas que circulam no estado da Bahia), de documentos oficiais, de documentos pessoais (caderno de anotações, caderno de recortes, cartões, discursos, fotos, homenagens e artigos publicados) e de documentos das instituições de ensino fundadas por ela, constituindo-se em fontes para o trabalho, as quais subsidiaram, empírica e teoricamente, a compreensão do universo investigado e o aprofundamento das discussões sobre o tema em questão.

Essa dissertação, resultado da pesquisa realizada, é composta de cinco capítulos que apresentam, em seu conteúdo, a articulação entre os elementos teóricos e os observados, de modo imbricado. No primeiro, **“Abordagem Biográfica e Histórias de Vida”**, apresento um conjunto de reflexões acerca do uso e da importância da abordagem biográfica, também chamada de histórias de vida, para a pesquisa do ponto de vista da história de vida individual, buscando estabelecer um confronto entre relatos, memórias e histórias de vida. Nesse contexto, trato das razões pelas quais escolhi a abordagem biográfica embasada nas histórias de vida,

com relatos orais e escritos. Afinal, comungando com o pensamento de Sousa (BUENO, CATANI e SOUZA, 1998, p. 31), no que se refere à análise teórica e metodológica da história oral, da memória e dos seus entrecruzamentos, já existem, no Brasil, produções razoáveis<sup>4</sup>.

No segundo capítulo, **“A educação na Bahia 1950-1970”**, há um recorte que procura delinear os processos educativos, sociais e políticos na Bahia no período de 1950 a 1970, época de maior produção intelectual da educadora, para assim entender os percursos formativos e as decorrências do pensamento pedagógico na constituição do magistério baiano neste espaço-tempo histórico. Situo o papel da figura feminina na sociedade e realizo uma breve análise das tendências pedagógicas.

Diante da dificuldade de encontrar livros e publicações sobre a Educação na Bahia, percebo a necessidade de registrar que, apesar das ações de pesquisadores baianos<sup>5</sup> no sentido de registrar essa memória, o acesso a ela ainda ocorre de maneira “informal”, existindo a necessidade de encontrarmos uma forma de assegurar a inserção de conteúdos que viabilizem o conhecimento efetivo e global da memória da Educação promovida na Bahia.

No terceiro capítulo, **“Quem foi Olga Mettig”**, busco evidenciar a construção da identidade feminina frente a uma sociedade androcêntrica, nele suscito reflexões acerca do empreendedorismo da educadora, mesmo ainda na infância, do seu amadurecimento pessoal, do seu desenvolvimento profissional e da educação vivenciada por ela, destacando a sua formação, os valores ensinados, a contribuição para a escolha de sua profissão e a sua influência numa prática educativa.

Já no quarto capítulo, intitulado **“A trajetória profissional de Olga Mettig”**, objetivo delinear o percurso da educadora, as realizações de suas obras e o fato de ser pioneira em uma sociedade patriarcal na qual as mulheres exerciam o papel coadjuvante, sendo permitida a elas somente a realização de atividades “adequadas” ao gênero, ou seja, que fossem a extensão das atividades do lar. Por fim, no quinto e último capítulo, intitulado **“Contribuições de Olga Mettig à**

---

<sup>4</sup> “A evocação da entrada na escola: relatos autobiográficos de professores e professoras”. In: A vida e o Ofício dos Professores: formação contínua, autobiografia e pesquisa em colaboração. São Paulo: Escrituras, 2003. Obra em que as autoras apresentam resultados do trabalho de pesquisa desenvolvido no Grupo de Estudos “Docência, Memória e Gênero” da Faculdade de Educação da USP (GEDOMGE-FEUSP).

<sup>5</sup> Grupo Memória da Educação na Bahia coordenado pela Dra. Jaci Maria Ferraz de Menezes, vinculado à Linha de Pesquisa 1 – Processos Civilizatórios: Educação, Memória e Pluralidade Cultural, do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da UNEB.

**educação baiana: considerações finais”**, busco estabelecer a importância e as contribuições de Olga para a educação e, principalmente, para a formação docente das jovens baianas, em uma época de conflitos sociais e políticos.

Após um processo de reflexão, sobretudo ao concluir a leitura e análise bibliográfica, estou convicta de que um estudo dessa natureza, centrado no resgate da trajetória de vida e do pensamento pedagógico da educadora Olga Mettig, contribui para a história da formação docente, a história da educação da Bahia e a ressignificação da profissão docente na contemporaneidade. Nesta medida, proponho, muito além de relatar experiências de uma vida, suscitar reflexões sobre a mulher, a mãe e a educadora Olga Mettig. Discorro, ainda, sobre a questão da formação de sua identidade feminina, da sua escolha profissional e das suas contribuições para as futuras gerações.

Assim, convido o leitor a conhecer os caminhos por mim percorridos durante essa pesquisa, permitindo-se percorrê-los ao meu lado, de maneira incondicional, vivenciá-los e, possivelmente, ampliá-los. Afinal, nunca devemos nos contentar com o essencial e uma pesquisa interessante deve trazer contribuições para todos. Sendo assim, devemos ultrapassar nossos limites... Pensar que sempre pode ficar melhor...



# CAPÍTULO I

## ABORDAGEM BIOGRÁFICA E HISTÓRIAS DE VIDA

O sentido e a persistência do trabalho centrado na abordagem biográfica e de seu enquadramento como um projeto de investigação-formação justificam-se porque não busco uma teorização *a posteriori* sobre a prática, mas sim uma constante vinculação dialética entre as dimensões prática e teórica, as quais são expressas através da metareflexão do ato de narrar-se, dizer-se de si para si mesmo como uma evocação dos conhecimentos das experiências construídos pelos sujeitos.

(SOUZA, 2006.)

Neste capítulo, apresento um conjunto de reflexões no que diz respeito ao uso e à importância do método biográfico ou das histórias de vida, como proposta para a pesquisa no âmbito da história da educação (CATANI, 2006) e para a formação de educadores (SOUZA, 2006). Isso porque existem diversas possibilidades presentes nessa metodologia que potencializam as histórias de um sujeito que está em contínua relação consigo mesmo e com o meio no qual está inserido, agindo, transformando, sendo produto e produtor dele. Para os educadores, a memória ou sua história de vida é um ponto de partida para suas opções e ações pedagógicas. Contudo, essas memórias podem permanecer encobertas pela própria vida, necessitando de uma reflexão mais ampla por parte do sujeito que permita a revelação de sucessos e dissabores da profissão, alimente a história da educação e retire do anonimato os atores do processo. Essa revelação equivale a colocar-se diante do espelho, em contraposição à imagem social e à imagem íntima.

Pesquisar sobre histórias de vida representa um ato desafiador e instigante. Ao investigar, resgatar, analisar documentos e narrativas, sistematizar e registrar as vivências e a trajetória de uma pessoa ou de um grupo de pessoas em suas

individualidades e subjetividades, busca-se compreender o singular/plural (JOSSO, 2006) e um conjunto de experiências centradas no conhecimento pedagógico e escolar das aprendizagens experienciais e da formação construídas ao longo da vida.

Comungo com as idéias apresentadas por Souza (2006), ao afirmar que a pessoa do professor deve ser inserida no centro das discussões do projeto formativo, visto que tal inserção nos oportuniza compreender o percurso profissional docente a partir da análise de sua trajetória pessoal. A identidade pessoal do professor revela-se no âmbito profissional, na medida em que traz à tona marcas das experiências vivenciadas ao longo de sua formação, assim como o ser profissional revela a identidade pessoal do professor. Segundo Nóvoa, “é impossível separar o *eu* profissional do *eu* pessoal” (2000, p. 17). Essa articulação sinaliza e reforça a atuação docente, seus ranços e perspectivas de formação. Contudo, de acordo com Demartini (2006, p.), os estudos sobre educação focam, principalmente, as memórias e as experiências relativas à educação escolar e “ainda exploram pouco a memória social/educacional para além dos muros das instituições escolares”, nas diversas situações de aprendizagem “nos mais diversos contextos e espaços”.

No que se refere à formação do professor, Catani apresenta, como requisito à compreensão de tal processo, uma análise da história da educação brasileira, partindo da compreensão dos “modos pelos quais são ‘fabricadas’ as identidades cabíveis aos profissionais da educação” (2006, p. 80), que explicitam a formação, os saberes e o trabalho desse profissional. O professor depara-se com cenário inadequado para o exercício da sua profissão, péssimas condições de trabalho, carga horária exaustiva, salários defasados e formação inadequada, fatos que confirmam o descaso com a educação. A falta de formação ou a formação inadequada dos educadores é apontada, inclusive, como fator preponderante da crise educacional.

Essas colocações explicitam a necessidade da formação continuada como requisito básico para a aquisição de melhores condições de trabalho e, conseqüentemente, para um maior reconhecimento profissional. Vale ressaltar que formação continuada refere-se a atividades devidamente organizadas, com o intuito de viabilizar aos professores melhor acesso ao conhecimento, levando em conta as realidades culturais e sociais, bem como o confronto de conhecimentos construídos,

o que favorece a possibilidade de um avanço contínuo no decorrer de sua trajetória profissional.

Ao rememorar algumas histórias de vida no decorrer do tempo, observo que são histórias que sempre tiveram um papel formador, considerando que representam modelos de comportamento. Portanto, justifico a relevância do trabalho ora apresentado já que, nele, foi utilizada a abordagem biográfica com ênfase nas histórias de vida como método de pesquisa. Conforme Nóvoa:

[...] De facto, a qualidade heurística destas abordagens, bem como as perspectivas de mudança de que são portadoras, residem em grande medida na possibilidade de conjugar diversos olhares disciplinares, de construir uma compreensão multifacetada e de produzir um conhecimento que se situa na encruzilhada de vários saberes (NÓVOA, 2000, p. 20).

A abordagem biográfica assume um caráter inovador de tomada de decisões, no momento em que oferece ao pesquisador um leque variado de possibilidades de categorizar e organizar sua pesquisa, tomando por base os seus objetivos e as dimensões a que submeterá tal investigação. Mostra, a exemplo do estudo da pessoa do professor, nesse caso específico Olga Mettig, a sua prática pedagógica, os ciclos de vida profissional, a sua concepção de educação e as suas realizações educacionais.

Busco, a seguir, apresentar alguns aspectos teóricos relacionados às histórias de vida como campo de pesquisa e como processo pedagógico. Construo minha análise a partir das pesquisas com histórias de vida e suas implicações para a constituição de fragmentos da História da Educação na Bahia e das dimensões existenciais, profissionais e formativas do pensamento pedagógico de Olga Mettig.

## **1.1 As histórias de vida como campo de pesquisa**

As histórias de vida como método de pesquisa<sup>6</sup>, embora bastante recente na área das ciências da educação, é uma perspectiva metodológica que foi largamente

---

<sup>6</sup> Segundo Poirier, Clapier-Valladon e Raybaut (1999), a primeira história de vida foi registrada por Flaubert, que considerava importante registrar as experiências dos anônimos de forma digna, como objeto de estudo.

empregada entre os anos 1920 e 1930, pelos sociólogos da Escola de Chicago<sup>7</sup>, animados com a busca de alternativas vinculadas à sociologia positivista.

Tal abordagem, enquanto perspectiva metodológica, é registrada no Brasil há pouco mais de quatro décadas, quando surgiu o programa de “História oral” do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas, na década de 70, com o intuito de coletar depoimentos da elite política nacional. Começou a ser utilizado alguns anos depois, na área da educação, como prática de investigação e de formação ou nas pesquisas referentes à vida de educadores, comportando uma diversidade de pesquisas, seja com as memórias, os diários, as biografias educativas e os relatos de formação.

Por meio do método das histórias de vida, é possível redescobrir os caminhos percorridos, assim como os cenários e os fatos vivenciados por uma determinada pessoa, em uma época distinta, encaminhando-nos a uma reflexão sobre a nossa própria atuação, quer pessoal, quer profissional. Segundo Abrahão, “[...] a história de vida é sempre uma ‘construção’, na qual participa o próprio investigador, sendo impossível confundi-la com um mero relato” (2005, p. 9). É uma metodologia que nos possibilita resgatar a memória e reelaborar a identidade individual em um contexto social específico.

As histórias de vida como metodologia de pesquisa é utilizada na área da educação como prática de investigação e de formação ou nas pesquisas referentes à vida de educadores. É perceptível, assim, a existência de uma diversidade de nomenclaturas visto que as histórias de vida são, ultimamente, utilizadas em diferentes áreas das ciências humanas e da formação, articulando seus princípios epistemológicos e metodológicos.

Como alguns autores<sup>8</sup>, compreendo que existe uma grande diferença no que se refere a um relato de vida e a uma história de vida. Nota-se que o relato se refere a uma narração fiel da vida do indivíduo conforme a pessoa conta, enquanto que a história de vida ultrapassa os limites da narrativa, tornando-se um estudo de caso acerca da vida e obra de uma pessoa ou grupo de pessoas, através dos relatos e de qualquer outro tipo de informações, bem como de documentação que permite o

---

<sup>7</sup> A expressão Escola de Chicago representa um conjunto de teorias e correntes do pensamento de diversas áreas, em diferentes épocas, que ficaram conhecidas por serem discutidas e desenvolvidas em Chicago, cidade norte-americana. Apesar do enfoque sociológico, esta Escola trouxe grandes contribuições para a economia, a arquitetura e urbanismo, a comunicação, dentre outras áreas.

<sup>8</sup> A exemplo dos autores Abrahão (2004); Queiroz (1988); Souza (2006a/b/c); Catani (2003a/b).

enriquecimento de tal pesquisa. Assim, ao perceber a necessidade e a relevância em aprofundar as pesquisas acerca da vida pessoal de *Dona Olga*, opto pela utilização da abordagem biográfica, que possibilita o estabelecimento da relação entre as influências sofridas no decorrer de sua formação e a sua prática como docente, diretora escolar, escritora de livros didáticos e empresária. Tempo em que delineou-se, também, a visão que as pessoas do seu convívio tinham sobre ela, a exemplo de seus familiares, amigos, funcionários e ex-alunos, dentre outros.

Sendo assim, o presente trabalho utiliza dados coletados através de entrevistas semi-estruturadas, reportagens, documentos e anotações pessoais da educadora, parte do acervo da família, que “relatam” a vida e obra da educadora pesquisada. Para tanto, objetivando uma maior familiarização com sua vida e obra, traço alguns questionamentos que nortearam as entrevistas realizadas no decorrer da investigação<sup>9</sup>, como forma de buscar encontrar respostas às indagações apresentadas anteriormente: Como se realiza a compreensão do processo de construção identitária de destacados educadores, que articulam a dimensão pessoal, individual e coletiva em um dado tempo/espaço histórico? Que concepções de gênero balizaram e sustentaram a formação dessa educadora? Qual a trajetória traçada no seu percurso de formação e ingresso na profissão? Qual pensamento pedagógico substanciou o trabalho dessa educadora? E, por último, quais contribuições essa educadora trouxe para a educação baiana?

Baseada nos estudos de Nóvoa (2000), concluo que as histórias de vida pensam o futuro mais do que mostram o passado, na medida em que, além de revelarem o passado, contribuem para o entendimento do presente e para a construção de um futuro. Também permitem perceber a causalidade dos fatos e fazem repensar as trajetórias para trilhar caminhos diferentes, pautados nos exemplos que deram certo, evitando que sejam percorridos outros, desnecessários ao crescimento pessoal e/ou profissional.

O estudo das histórias de vida e da formação docente evidencia *a pessoa do professor* e ressalta a relevância da subjetividade que ora se constitui na idéia central: no próprio conceito articulador dos questionamentos teóricos vigentes e das propostas que realimentam o estudo do método. Com a centralização dos estudos

---

<sup>9</sup> Questões que consideram aspectos da vida pessoal, profissional e religiosa e que buscam desvelar sua formação, seu pensamento pedagógico e as influências sofridas no decorrer de sua vida, conforme anexos.

na pessoa do professor, passou-se a abordar a constituição do trabalho docente, levando-se em conta os diferentes aspectos de sua história: pessoal e profissional. Novos conceitos para a compreensão do trabalho docente surgiram com os estudos educacionais e essas novas abordagens de pesquisa passaram a reconhecer o professor como sujeito, trazendo à tona a necessidade de serem investigados os saberes de referência dos professores sobre suas próprias ações e pensamentos. Assim, são eles caracterizados, inclusive, como sujeitos de um saber e de um fazer inerentes a sua profissão.

Segundo Souza, as histórias de vida são utilizadas nas pesquisas na área de educação como forma de investigação-formação, “seja na formação inicial ou continuada de professores/professoras ou em pesquisas centradas nas memórias e autobiografias de professores” (2006a, p. 23). Portanto, a análise dos valores e dos princípios de ação que direcionam o percurso dos professores em sua carreira pode trazer novas concepções sobre os fundamentos do trabalho docente, no que se refere ao desvendamento de atitudes e práticas presentes no dia-a-dia das escolas. Desta forma trará contribuições para o trabalho e para a formação de tais profissionais.

Ainda de acordo com Souza (2006a), o trabalho centrado na abordagem biográfica é relevante, dentre outros aspectos, porque não se ocupa em teorizar sobre a prática, mas em estabelecer uma vinculação dialética entre teoria e prática. Ressalto que ela é, também, particularmente, importante como um método de pesquisa, por permitir que as entrevistas, as histórias de vida e os diálogos se constituam em documentos de pesquisa.

A abordagem biográfica passa a ser considerada, simultaneamente, um meio de investigação e um instrumento pedagógico e é, justamente, esta dupla função que justifica a sua utilização no domínio das ciências da educação. Como forma de investigação, serve para retratar um recorte histórico ou uma época vivenciada pelo investigado, além de contribuir como um objeto para a formação de educadores. Por conseguinte, é um instrumento valioso para que esses educadores em formação aprendam a construir sua própria história, com base nas histórias vividas por outros, pois tem a função de resgatar a memória de vida daqueles que pensaram a educação. A abordagem biográfica pode também ser utilizada como referência para questionamento da nossa própria história, enquanto agente

mediador. Pode também divulgar histórias anônimas que servem como referencial profissional e/ou pessoal.

Outro aspecto importante da abordagem biográfica é a demonstração de que os estudos sobre histórias de vida são importantes para o desenvolvimento de pesquisas que busquem identificar e analisar os saberes docentes. A intenção é contribuir para a ampliação do campo educacional e, principalmente, para a implementação de políticas que envolvam a questão da formação do professor, a partir da ótica dos próprios sujeitos envolvidos. Dessa forma, pensar na formação do educador envolve a capacidade para lidar com o conflito resultante do confronto entre os saberes diversificados dos diferentes grupos sociais presentes na educação e aquele saber sistematizado constante em um determinado momento histórico-social da educação.

As pesquisas de Souza (2006a e 2006b) consideram as biografias como fontes históricas de grande relevância na área educacional o que possibilita considerar em que contexto elas foram produzidas e qual a relação estabelecida entre a narrativa e o projeto de pesquisa a que se referem. Nesta instância, a utilização das histórias de vida desencadeia importantes embates teóricos no decorrer de sua evolução, travando uma luta sucessiva pelo reconhecimento de seu caráter científico, enquanto método autônomo de investigação.

Por ser mais uma alternativa de mediação entre as histórias individuais e sociais, pessoais e profissionais, o interesse na utilização de tal método é crescente nas últimas décadas. Tanto que existe uma variedade de publicações e de estudos sobre a abordagem biográfica e sobre a vida de educadores<sup>10</sup>, carreiras e trajetórias de formação, com base na utilização de suas histórias de vida. Tal fato mostra o significativo valor nesse método de pesquisa, pois ele proporciona ao pesquisador a recolocação dos indivíduos como pauta principal nas discussões sobre as pesquisas educacionais<sup>11</sup>. Indicam, inclusive, que, para pensar em formação, as histórias de vida se configuram como fator preponderante para o entendimento das trajetórias formativas, uma vez que abordam a vida pessoal e profissional do indivíduo e a

---

<sup>10</sup> A exemplo de Josso (2004, 2006), Catani, Bueno e Sousa (2003a/b), Demartini (2006), Nóvoa (1995, 2000, 2001), Catani (2005) e Souza (2003, 2006, 2006a, 2006b, 2006c), sendo que este último desenvolve um importante trabalho acerca do estágio supervisionado e das narrativas de formação de professores, tendo como foco as implicações e a fertilidade dessas narrativas, numa perspectiva epistemológica da abordagem biográfica.

<sup>11</sup> Para aprofundamento do tema, consultar as obras de Souza (2006), Nóvoa (1995, 2000), Josso (2004, 2006), Queiroz (1988), Vieira (1999) e Abrahão (2004), que trazem inúmeras contribuições aos estudos sobre histórias de vida e pesquisas educacionais.

compreensão de que esses níveis influenciam sobremaneira as escolhas que são feitas no decorrer da vida. Afinal, o ser humano é composto dessas dimensões e as pesquisas em educação não podem simplesmente fechar os olhos e não revelar o maior número possível de contribuições que possam enriquecê-la.

Na pesquisa biográfica, os sujeitos em formação têm a oportunidade de conhecer e analisar as situações vividas e assim compreender a si mesmo como um ser em formação que sofre influências sociais, econômicas, políticas, religiosas, culturais e educacionais presentes no percurso da própria existência. Isso revela o profissional que é e que deseja ser, possibilita o conhecimento da própria historicidade e dá maior sentido às experiências vividas para assim ressignificar cada passo dado.

## **1.2 A abordagem biográfica como recurso pedagógico da pesquisa e do ensino**

Concordo com Nóvoa (2000), ao afirmar que ninguém forma ninguém e que o indivíduo forma-se a si mesmo<sup>12</sup>, sendo crucial entender que a abordagem biográfica contribui, efetivamente, para a formação individual pois propicia o exercício da auto-reflexão e conduz à compreensão de que isso implica quando se analisa a nossa conduta pessoal e valorização enquanto pessoas e profissionais. Portanto, é impossível reduzir a vida escolar do profissional docente às dimensões profissionais, pois, no contexto educacional, existe um convívio direto e particular entre os diversos atores do processo. É imprescindível ao professor em formação inicial ou continuada a compreensão dessas implicações, pois, estando consciente da sua intervenção, direta e indireta, na formação do aprendente, o processo de ensino e aprendizagem flui de maneira mais eficiente. Assim, considero uma incapacidade caracterizar o trabalho do educador, exclusivamente, no tocante a sua formação acadêmica, sob o risco de torná-lo um profissional meramente técnico, o

---

<sup>12</sup>Consultar Nóvoa (2000), ao enveredar-se sobre a crise identitária dos professores, fato que foi impondo um distanciamento entre o eu pessoal e o eu profissional, favorecendo, assim, o processo de desprofissionalização, acentuado nos anos 60, período em que os professores foram “ignorados” e “esmagados”.



quer justifica a minha preocupação com a incessante busca do professor por um aperfeiçoamento.

O distanciamento entre o *eu pessoal* e o *eu profissional* reduz a ação pedagógica a uma dimensão técnica que atravanca o desenvolvimento do profissional por fragmentar sua visão acerca da prática docente. Sobre isso, verifico que:

A crise de identidade dos professores, objecto de inúmeros debates ao longo dos últimos vinte anos, não é alheia a esta evolução que foi impondo uma separação entre o *eu pessoal* e o *eu profissional*. A transposição desta atitude do plano científico para o plano institucional contribuiu para intensificar o controle sobre os professores, favorecendo o seu processo de desprofissionalização (NÓVOA, 2000, p. 15) (grifo do autor).

Nas últimas décadas, os professores atravessaram uma fase difícil, passando do total esquecimento, quando subjugada a sua existência, para o esmagamento, quando são acusados de contribuírem para a reprodução das desigualdades sociais. Se tal não bastasse, ainda sofreram controle absoluto de suas ações, quando considerados uma ameaça ao sistema. A década de 80, particularmente, traz a público a tomada de consciência da necessidade do professor ser o centro das discussões educacionais, em suas dimensões pessoais e profissionais, ao colocar as problemáticas investigativas no âmago do processo identitário da sua formação. Os debates acerca da abordagem biográfica instigam-me a questionar sobre a importância de tal método e a verificar que é essencial não apenas como um instrumento de investigação, mas também como um instrumento de formação que possibilita conhecer o homem e sua relação com o seu percurso escolar, permitindo-lhe a identificação daquilo que foi realmente formador em sua própria história de vida.

É fato que, atualmente, as pesquisas, principalmente aquelas relacionadas à área educacional, utilizam a abordagem biográfica como fonte de pesquisa, por assumir um caráter duplo – informar e formar –, o que possibilita ao pesquisador e ao leitor uma análise meticulosa acerca dos saberes, das habilidades e das capacidades necessárias ao formador de formadores. Assim, entendo que as experiências realizadas antes da preparação formal para o magistério levam não somente a compreender o sentido da escolha da profissão, mas influem na orientação e nas práticas pedagógicas atuais dos educadores, pois demonstram os ranços e os avanços do que foi vivenciado por eles enquanto estudantes. Isso pode

levá-los a refletir e a ultrapassar os limites da intelectualidade, ou seja, conduzir a uma sensibilização no que diz respeito a aspectos cognitivos, afetivos e emocionais.

Ao utilizar a abordagem biográfica, procuro alcançar meus objetivos de resgatar a trajetória de vida pessoal/profissional da educadora Olga Mettig para compreender seu percurso formativo, saberes e pensamento pedagógico. Investigo, também, sua contribuição para a formação de educadores no Estado da Bahia, vinculando-os à pesquisa, de modo que tal abordagem responda aos meus anseios e atenda às necessidades de contextualização dos saberes e da significação ao tema, objeto de pesquisa. Observo que “[...] A memória docente deixou de ser palco de experiências, raramente modelares, mas sempre exemplares, capazes de trazer sabedoria ao presente e fornecer interrogações para direcionar o futuro [...]” (id. 2003a, p. 24). E este é, também, um dos objetivos deste trabalho: não somente desvelar o passado, como também nortear o presente e transformar as ações do futuro. Assim, é necessário o discernimento entre o que se pode aproveitar das práticas utilizadas no passado e aquilo que se deve adaptar ou mesmo transformar, pois nem toda prática dita tradicional deve ser repelida da nossa prática docente.

Até porque, conforme Catani *et al*:

A percepção da educação como “campo de aplicação de teorias” levou a idéia de que o olhar sobre a experiência passada é, no mínimo, inútil, porque se refere ao ultrapassado, e, no máximo, pernicioso, porque “sem bases científicas”. Práticas tradicionais foram assim rotuladas de “atrasadas”: o ditado, a cópia, a leitura oral, por exemplo, quase banidas das recomendações pedagógicas, até que pesquisas muito recentes vieram “recuperar” seu valor na aprendizagem da leitura. Experiências consagradas pela cultura escolar, longas experiências institucionais foram tidas como rotineiras e banais, histórias de vida e de formação escolar, apenas interessantes. As descobertas ditas “científicas”, no fundo meramente técnicas, atropelaram a experiência de escolas, a história de alunos e de professores (CATANI *et al*. 2003a, p. 25).

Utilizo as afirmações acima para explicitar o cenário apresentado por alguns entrevistados ao serem questionados sobre a prática docente da professora Olga Mettig. Além do mais, considerando o contexto sócio-histórico e educacional da época, é evidente e compreensível que a concepção de educação seja pautada nos preceitos da “escola tradicional”, até mesmo porque, apesar das manifestações por mudanças, nenhuma transformação ocorre de imediato.

Daí a importância de considerar-se, na trajetória de formação de educadores, o precípuo desenvolvimento do senso de refletividade crítica proposta

por Nóvoa (2000), ao constatar que “ninguém forma ninguém”, como citado anteriormente e que, para haver a autoformação, faz-se necessária a auto-reflexão. Entretanto, não cabe, aqui, a negação do irrefutável papel do educador, mas a reafirmação da relevância da auto-análise, presença obrigatória em sua prática docente. Já que, na relação, o indivíduo adquire experiências, cabe a ele transformar tais experiências em aprendizado.

Partindo desses pressupostos, vale salientar que cada indivíduo percebe o processo de formação de maneira particular. Neste sentido, deve-se levar em conta sua história de vida, sua percepção e sua leitura de mundo na aquisição dos conhecimentos. Portanto, a assimilação de valores e de conceitos se constrói de formas diversas, por meio de concepções que ele traz, enraizadas em suas histórias individuais, as quais, muitas vezes, antecedem o seu ingresso na vida escolar. Essas são questões cruciais para o entendimento do processo de formação do educador, visto que proporcionam o redimensionamento e a reavaliação das concepções que o indivíduo traz no momento de ingresso no curso de formação para o magistério. Elas também conduzem à compreensão do discurso pedagógico que gera, inclusive, a dicotomização entre a teoria e a prática. Mesmo sem compreender muito bem o que sugerem tais teorias, muitos aderem a esses preceitos com afinco, sem analisar ou questionar sua validade e sua aplicabilidade naquele determinado contexto. Segundo Catani *et al*:

Assim sendo, os problemas da prática não são decorrentes, unicamente ou necessariamente, de uma falha de fundamentação teórica como certos discursos pretendem impor, mas sim contradições originadas na própria prática. No âmbito da cultura escolar institucionalizada, contudo, esta visão não tem prevalecido. O conhecimento teórico acabou por ser sobrevalorizado em relação ao conhecimento que precede da prática, separando-se e dicotomizando-se em relação a esta [...] (CATANI et al. 2003, p. 36).

Sei que não é possível negligenciar o estudo das teorias, entretanto vale salientar que a valorização da experiência também é fundamental. Deve haver um equilíbrio dinâmico entre ambas. Com isso, privilegiar uma em detrimento da outra é, no mínimo, um ato irresponsável. Assim, durante o processo de formação, o educador deve compreender que a teoria e a prática pedagógicas implicam numa relação dialética de natureza descritiva, interpretativa, reflexiva e não linear.

### **1.3 Investigar, resgatar e analisar: reflexões sobre as fontes e análise dos dados**

Escolher a educadora baiana Olga Pereira Mettig como objeto de pesquisa representou um ato desafiador e instigante, pois, ao investigar, resgatar, analisar documentos e narrativas, sistematizar e registrar vivências da trajetória de uma pessoa comprometida com a educação baiana, mostrei a superação das diversas dificuldades para formar-se professora primária. Olga Mettig veio do interior, deixando para trás seus familiares e sua cidade natal e iniciou um percurso profissional desafiador como professora substituta. Trilhou, gradualmente, um caminho de sucesso, ao criar sua própria escola, fundar a Faculdade de Educação da Bahia e, posteriormente, as Faculdades Integradas Olga Mettig, em uma época em que as mulheres não tinham “voz, nem vez”. Desta forma estabeleço a significância dessa pesquisa, para que as experiências de vida dessa mulher e educadora não se percam com o tempo, e não lhe seja dada a relevância que merece.

Para trabalhar a história de vida da professora Olga Mettig, consultei o material disponibilizado por Dona Maria Lígia Lordello de Magalhães<sup>13</sup>, companheira de trabalho e amiga inseparável de Dona Olga, tais como: entrevistas, reportagens e artigos veiculados em vários jornais que circulam no estado da Bahia, documentos e anotações pessoais da educadora, documentos legais publicados nos meios oficiais e documentos das instituições de ensino fundadas por ela. Enfim, todo o material disponibilizado que se constituiu elemento essencial para a realização dessa pesquisa.<sup>14</sup>

Com algumas indagações, tracei estratégias de aproximação com pessoas, já referidas anteriormente, que pudessem contribuir para a pesquisa, através de suas narrativas e me possibilitassem o acesso a outros documentos e fatos sobre Dona Olga. Afinal, por que esses documentos foram disponibilizados? Haveria outros? Quais critérios foram utilizados na escolha destes documentos? Tais

---

<sup>13</sup> Maria Lígia Lordello de Magalhães foi companheira de trabalho e amiga de Dona Olga desde 1949, quando foi convidada a trabalhar no Colégio Nossa Senhora do Carmo como professora do 4º ano, dando início à parceria. Ela empreende esforços para implementar o Memorial Olga Mettig, dentre outros projetos que darão segmento aos sonhos da amiga.

<sup>14</sup> Todos os documentos consultados e analisados estão em anexo.

indagações me levaram a refletir, junto a Pollak (1989), sobre a questão da “memória oficial” e da “memória subterrânea”<sup>15</sup>, ou seja, onde está guardado o que não se deve ou não se quer lembrar.

Segundo Bosi, “A memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento. Frequentemente, as mais vivas recordações afluíam depois da entrevista [...] (1983, p. 3)”. Assim, considero que a entrevista é um dos momentos mais importantes da pesquisa biográfica, pois possibilita o levantamento de informações e a complementação dos dados obtidos através da análise dos documentos. Portanto, nesse momento da pesquisa, é importante observar a elaboração das perguntas, conforme o universo do entrevistado, desenvolver a disposição de ouvir sem interferir e observar a linguagem não-verbal. Além disso, estabeleci alguns critérios para a escolha dos entrevistados, como a busca de pessoas imparciais, por acreditar que a imparcialidade das respostas enriquece a narrativa e contribui para a reconstrução do cenário da história de vida da educadora.

Com o auxílio de Dona Maria Lígia Lordello de Magalhães, listo nomes de possíveis entrevistados, pessoas que conviveram diretamente com a educadora, a exemplo de alguns funcionários das Faculdades Integradas Olga Mettig, companheiros de trabalho, pessoas que caminharam lado a lado com ela e que tiveram a oportunidade de vivenciar situações consideradas relevantes na sua trajetória profissional, assim como familiares, parentes e amigos, que pudessem descortinar aspectos de sua vida pessoal, profissional e religiosa. Este método permitiu-me analisar, interpretar e caracterizar sua formação, influências que sofreu durante sua vida pessoal e acadêmica, sua concepção de educação, qual a relação entre essa concepção e sua atuação profissional, dentre outras questões.

Compreendo que as entrevistas, através da relação que se estabelece entre o entrevistador e o entrevistado e por meio das trocas verbais e não-verbais que se revelam durante o processo, é uma das atividades da pesquisa que me permitiu uma melhor compreensão dos significados, dos valores e das opiniões dos entrevistados a respeito do objeto pesquisado. Posso afirmar que as falas e as omissões são reflexos de experiências e nos revelam sentidos, concepções e intenções.

---

<sup>15</sup> Conforme Pollak (1989), as memórias subterrâneas são as esquecidas (apagadas) ou silenciadas (abafadas) por estratégias de resistência pessoais ou políticas (controle da memória).

Segundo Thompson (1992), quem busca escrever uma história mais humana e original deve levar em consideração a necessidade de coletar dados através de relatos orais, prática que exige habilidade do pesquisador. Há diferentes tipos de entrevistas, que vão desde a conversa informal até ao sentido mais formal e controlado de perguntar. Resta ainda dizer que o bom entrevistador sempre desenvolve uma variedade do método, produzindo os melhores resultados, de acordo com sua personalidade. Porém, algumas barreiras encontradas nas entrevistas levaram-me a refletir sobre alguns aspectos da pesquisa, como a recusa em gravar as questões delimitadas para a entrevista, por parte de alguns companheiros de trabalho e de ex-alunos, acabou transformando as primeiras entrevistas em meros questionários respondidos isoladamente. Além do mais, o fato de alguns entrevistados medirem as palavras, em determinados momentos da entrevista, mostrou que alguma coisa os deixava constrangidos. Afinal, é justificável a negação do entrevistado em gravar sua fala? Por que este entrevistado, que aceitou conversar informalmente sobre a trajetória percorrida e convivência pessoal e profissional da professora Olga, se sentiu por vezes constrangido?

Considero a gravação das entrevistas como essencial, pois é um registro que retrata exatamente o que foi dito, entretanto a negação de alguns entrevistados dificultou, inicialmente, a realização da pesquisa, ao mesmo tempo em que me conduziu à busca de alternativas na expectativa de encontrar pessoas que ficassem mais à vontade para falar de *Dona Olga*. Observei também que existem limites para a fala quando ela é transcrita já que estão envolvidos sentimentos e emoções. Estes limites são apontados por Queiroz (1988), quando discorre sobre o “indizível” ao “dizível” e afirma que a passagem da “obscuridade dos sentimentos para a nitidez do vocábulo” é um dos primeiros enfraquecimentos da narrativa, uma vez que a palavra não deixa de ser um “rótulo classificatório” utilizado para descrever uma ação ou uma emoção. Lembra ainda que, assim como a palavra constitui uma reinterpretação do relato oral, o entrevistador, da mesma forma, reinterpreta aquilo que lhe foi dito.

Resgatar e analisar a história de vida da professora Olga com o auxílio das entrevistas ou relatos orais fez-me perceber diversas especificidades, marcas de personalidades, individualidades, enfim, identidades, que, de alguma forma, contribuem para a formação de outros seres humanos. Sua história de vida propicia

uma reflexão da ação do educador sobre a sua prática e, também, auxilia-nos na construção da formação de futuros formadores.

Retomo aqui a importância das entrevistas por me permitirem que, ao longo da pesquisa, fosse construído um processo de cumplicidade com os entrevistados, tornando-os co-participantes da pesquisa. Os roteiros das entrevistas foram elaborados para atender às categorias pré-definidas ao longo da pesquisa. Trabalhei com quatro diferentes entradas para as entrevistas, sendo: a) Memória institucional – Dona Maria Lígia Lordello de Magalhães; b) Memória familiar; c) Memória de ex-alunos; e d) Memória de colaboradores e amigos. Todos os roteiros possuíram um item inicial dos dados pessoais do entrevistado: nome completo, idade, naturalidade, estado civil, local onde trabalha e função atual. Embora Dona Maria Lígia pudesse ser incluída na entrada “colaboradores e amigos”, senti a necessidade de fazer um roteiro específico para utilizar com ela, visto a singularidade de sua relação com Dona Olga. Além disso, as entrevistas ocorreram em locais definidos pelos entrevistados e foi observada a adequação do ambiente à aplicação desta técnica.

Durante a pesquisa, tive a oportunidade de entrevistar, ou melhor, de dialogar, com pessoas das quatro entradas: Maria Lígia Lordello de Magalhães – Presidente da Sociedade Cultural Educacional da Bahia Ltda; Edivaldo Boaventura – Diretor do Jornal A Tarde (Memória de colaboradores e amigos); Carmem Maria Mettig Rocha – Diretora do Instituto de Educação Musical (IEM) que faz parte da Sociedade Cultural Educacional da Bahia Ltda (Memória Institucional); Dídima Maria de Mello Andrade – professora de Universidade Estadual da Bahia – UNEB (Memória de ex-alunos); Francisco Soares Sena – professor da Faculdade de Arquitetura da UFBA (Memória de Familiares); Leda Jesuína dos Santos – Presidente de Honra da Academia de Educação (Memória de colaboradores e amigos); Maria Lazara da Silva – professora da Rede Estadual de Ensino (Memória de ex-alunos); Ney Jorge Campello – Secretário Municipal de Educação e Cultura de Salvador/BA (Memória de ex-alunos); e Olga Pereira Mettig Filha – Vice-Presidente da Sociedade Cultural Educacional da Bahia Ltda (Memória de Familiares).

Com tal experiência, compartilho com Stephanou e Bastos (2005) a idéia de que ao historiador/pesquisador cabe a função de discernir, dentre as diversidades de possibilidades, aquilo que há de relevância para a sua pesquisa, procurando “filtrar”

o que é mais contributivo, de modo a dar significado próprio à pesquisa. Outro aspecto fundamental na organização do trabalho com Histórias de Vida é a necessidade de romper com a crença de que só existe validade em documentos escritos e desconsiderar a importância da literatura e dos relatos orais, bem como desvelar as pistas e as marcas reveladas ao longo da pesquisa. Nesse caso, não posso deixar de trazer aqui Demartini (2006), quando apresenta um aspecto importante da História Oral, ao dizer que o pesquisador vive um “processo de formação contínua” diante das questões que os entrevistados vão apresentando e das dificuldades encontradas que exigem dele reflexões e novas práticas de pesquisa.

Os resultados obtidos na pesquisa sobre a carreira da educadora Olga Mettig detêm a importância das histórias de vida dos professores, em particular a de sua socialização escolar, tanto no que diz respeito à escolha da carreira e ao estilo de ensino quanto no que se refere à relação afetiva e personalizada no trabalho. Mostram que o "saber-ensinar", na medida em que exige conhecimentos de vida, saberes personalizados, competências que dependem da personalidade dos atores, de seu saber-fazer pessoal, tem suas origens na história de vida familiar e escolar dos professores. Mostram também que a relação com a educação já se encontra firmemente estruturada no professor e, finalmente, que o tempo de aprendizagem do trabalho não se limita à duração da vida profissional, mas cobre também a existência pessoal dos professores, os quais, de certo modo, aprenderam seu ofício mesmo antes de iniciá-la.

As pesquisas com histórias de vida ou (auto)biográficas proporcionam ao pesquisador e aos sujeitos envolvidos na investigação-formação a percepção da necessidade de se fazer uma reflexão acerca de sua trajetória, observando aquilo que, de fato, teve relevância em sua história de vida pessoal e profissional. Portanto, as histórias de vida se afirmam como um método de investigação-ação que demonstra, através da trajetória de vida do indivíduo, aquilo que vale a pena ser experienciado, servido de exemplo e que contribua, também, para uma tomada de consciência e estimulação para a autotransformação. Considero, pois, que as pesquisas (auto)biográficas ou com histórias de vida, nesse caso específico, ampliam os limites da história da educação quando, em sua narrativa, revelam questões educacionais que auxiliam a compreensão e resolução de situações-problema encontradas na contemporaneidade.



## **CAPÍTULO II**

# **A EDUCAÇÃO NA BAHIA 1950-1970**

Para melhor caracterizar a educação, no recorte histórico que se inicia em 1950 e se estende até 1970, período de maior produção da professora Olga Mettig, é necessária uma breve análise do contexto sócio/histórico da época. Esta análise permitirá compreender a relevância do trabalho desta educadora em uma época de mínima valorização do trabalho feminino.

Ao analisar algumas questões concernentes ao contexto histórico educacional da Bahia nesse período, busco, em Souza (2006), Tavares (2001), Fisher (2005), Catani (2003), Castro (1994), Menezes (2005), mostrar que a educação não pode ser vista de forma descontextualizada dos aspectos sociais e econômicos da sociedade em que está inserida. Portanto cabe aqui analisar a história da educação, partindo da premissa de que a escola, além de transmitir uma herança cultural e conhecimentos intelectuais, repassa valores morais, regras e normas de condutas que, muitas vezes, asseguram a acomodação das classes populares para garantir os direitos da classe dominante. Neste sentido, é conveniente considerar os aspectos do ambiente escolar que contribuem para a formação do indivíduo como, por exemplo, quando se inculca valores, comportamentos e hábitos, que são aprendidos mesmo sem fazerem parte do currículo, o que se denomina de currículo oculto (APPLE, 2006).

Por outro lado, é de extrema relevância ressaltar questões históricas que antecederam ao período de 1950 a 1970, para haver uma melhor compreensão desta fase da educação na Bahia. Para tanto, parto das observações de Menezes que destaca duas propostas político-institucionais para a educação na Bahia no período de 1920 a 1980: “Anísio Teixeira, de 1925 a 1928 e entre 1947 a 1950; e Isaías Alves de Almeida, no Estado Novo<sup>16</sup>” (2005, p. 14), período que vai de 1937 a 1945.

---

<sup>16</sup> Golpe de Estado dado por Getúlio Vargas que se caracterizou pelo poder centralizado no Executivo e pelo aumento da ação intervencionista do Estado.

A década de 30 foi marcada pela revolução, fruto da insatisfação das classes sociais dominantes no Brasil que culminou na deposição do presidente paulista Washington Luís em 24 de outubro de 1930. Neste período, explode, em Salvador, em meio à tensão política do país e à estagnação das lideranças baianas, uma manifestação denominada quebra-bondes, segundo Tavares (2001), fruto da insatisfação do povo com o recente aumento nas passagens dos bondes, do elevador Lacerda e dos planos inclinados Gonçalves e Pilar. Este fato foi o estopim para uma série de manifestações contra a Companhia Linha Circular de Carris Urbanos, subsidiária da *Electric Bond and Share Company*, proprietária dos bondes, e gerou invasões, apedrejamento e destruição do patrimônio, sendo reprimida duramente pela Polícia Militar, de modo que ocorreram mortes e ferimentos. Desnecessário afirmar que tais conflitos da década de 30 marcaram firmemente a área educacional.

A partir das discussões de Schwartzman (2000), verifico que, em 1931, foi criado o Ministério da Educação e Saúde e, em 1932, início da Era Vargas, lançado o *Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova*<sup>17</sup>, um movimento de renovação do ensino, que trazia como conceito principal o fim de uma escola pensada como mero local de transmissão de conhecimentos. Este movimento, em resumo, pregava a laicidade do ensino, a sua organização em nível nacional e a defesa de um Estado centralizado que tocasse adiante a política educativa. O mote principal era de que a educação deveria ser proporcionada para todos, de forma igualitária e básica de oportunidades. Contudo os católicos já se organizavam para fazer oposição ao movimento da Escola Nova, e a Constituição de 1934 foi como que um reflexo da aliança entre a Igreja Católica e o governo de Vargas. A educação do país deveria seguir os princípios fundamentais de base católica. Desta forma, o ecletismo pedagógico e o socialismo deveriam ser totalmente excluídos das escolas. Assim, a partir de 1935, o ensino da religião católica foi instituído oficialmente nas escolas públicas e as confessionais passaram a ser subsidiadas pelo governo federal.

O movimento escolanovista ganhou força, apesar de ser um grupo heterogêneo, que abrigava um time de intelectuais que se destacavam no cenário

---

<sup>17</sup> O Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova foi redigido por Fernando de Azevedo e assinado por mais 26 educadores: Fernando de Azevedo, Afranio Peixoto, A. de Sampaio Doria, Anísio Spinola Teixeira, M. Bergstrom Lourenço Filho, Roquette Pinto, J. G. Frota Pessoa, Julio de Mesquita Filho, Raul Briquet, Mario Casassanta, C. Delgado de Carvalho, A. Ferreira de Almeida Jr., J. P. Fontenelle, Roldão Lopes de Barros, Noemy M. da Silveira, Hermes Lima, Atílio Vivacqua, Francisco Venancio Filho, Paulo Maranhão, Cecília Meirelles, Edgar Sussekind de Mendonça, Armada Alvaro Alberto, Garcia de Rezende, Nobrega da Cunha, Paschoal Lemme, Raul Gomes.

nacional. Tal grupo defendia a tese de que bastaria modernizar e racionalizar o sistema educacional para resolver os problemas da pobreza, do atraso, do alto índice de analfabetos e da fome que ainda persistiam na sociedade brasileira. Seus principais argumentos baseavam-se nas teorias pedagógicas de influência norte-americana que cultivavam a liberdade, o método ativo, o pragmatismo e o não-diretismo no processo ensino-aprendizagem, o que significava uma franca oposição ao modelo tradicional de inspiração católica que se aplicava no Brasil.<sup>18</sup>

Entre o final da década de 1930 e meados da de 1940, a educação brasileira sofreu reformas que se diziam modernas, mas que não foram, na prática, tão profundas. O *slogan* destas reformas era “a educação a serviço da nação”. Segundo Hilsdorf:

As linhas ideológicas que definem a política educacional do período vão se orientando pelas matizes instituintes do Estado Novo: centralização, autoritarismo, nacionalização e modernização [...] Para reforçar o nacionalismo destacou-se a importância da educação física, do ensino da moral católica e da educação cívica pelo estudo da História e da Geografia do Brasil e das festividades cívicas [...] a modernização deu-se pela implantação do aparelho burocrático-administrativo do setor educacional. [...] a moderna sociedade brasileira precisava tanto de uma inteligência quanto da mão-de-obra qualificada, especializada. Todos os sistemas de ensino foram conformados a esses objetivos mediante as ‘Leis Orgânicas’ (HILSDORF, 2003, p. 99).

Em 1931, são criados o Ministério de Educação e Saúde, as leis orgânicas de ensino<sup>19</sup> do período do Estado Novo e o sistema SENAI, SESI e, posteriormente, em 1946, o SESC, SENAC<sup>20</sup>, que contribuiriam para o ensino profissionalizante.

A redemocratização, em 1946, trouxe um novo cenário político-educacional, no qual o então ministro baiano Clemente Mariani propõe a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB, com a intenção de regulamentar o sistema de educação do país com base nos princípios da Constituição Federal. Assim, foi dado início a um novo período de discussões e reflexões sobre a educação, diante da expansão do sistema escolar, para atender ao crescente número de alunos, principalmente do nível ginasial. Porém tal lei só foi aprovada 13 anos depois, em 1961.

---

<sup>18</sup> Tais reflexões foram feitas a partir da leitura da dissertação de Bispo Jr (2004).

<sup>19</sup> A Reforma Capanema, sob o nome de Leis Orgânicas do Ensino, estruturou o ensino industrial, reformou o ensino comercial e criou o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – SENAI, como também trouxe mudanças no ensino secundário. Gustavo Capanema esteve à frente do Ministério da Educação durante o governo Getúlio Vargas, entre 1934 e 1945 (ANDREOTTI, 2007).

<sup>20</sup> Já no fim do Estado Novo e durante o Governo Provisório, em 1946, o Ministério da Educação fica a cargo de Raul Leitão da Cunha.

O capítulo da Educação da Constituição Federal de 1947, redigido pelo professor Anísio Teixeira, Secretário de Educação e Saúde do Estado no governo de Otávio Mangabeira, apresenta uma proposta polêmica na qual Anísio Teixeira sugere um conselho eleito para a administração educacional: “[...] Seria denominado Conselho Estadual de Educação e teria autoridade para administrar a Secretaria de Educação sem permitir ingerências pessoais ou político-partidárias” (TAVARES, 2001, p. 458). Contudo, diante da resistência de alguns deputados, o então governador sugeriu retirar as características mais polêmicas do Conselho Estadual de Educação, reduzindo-o a um órgão consultivo da Secretaria de Educação.

Ao estudar Tavares (2001), percebo que o Governo de Octávio Mangabeira, eleito por voto direto para ocupar o cargo de governador da Bahia no período de 1947 a 1951, foi um marco para a educação baiana, pois tinha como Secretário de Educação e Saúde do Estado e presidente do Conselho Estadual de Educação o professor Anísio Teixeira. Foi criado também neste governo, pela Constituição de 1947, o Fundo de Educação que seria mantido com dotações do Estado e dos municípios.

Dentre as inovações e os ideais defendidos por Anísio Teixeira, estava a escola de tempo integral<sup>21</sup>, por acreditar que a escola, para se tornar eficaz, deveria oferecer outras atividades aos alunos, além do trabalho de sala de aula. Era também defensor da escola pública democrática que possibilitasse a justiça social e minimizasse as desigualdades entre as classes – a escola para todos. Segundo ele:

[...] desejamos dar-lhe seu programa completo de leitura, aritmética e escrita, ciências físicas e sociais, artes industriais, desenho, música, dança e educação física. Além disso, desejamos que a escola eduque, forme hábitos, forme atitudes, cultive aspirações, prepare realmente a criança para a sua civilização [...]. E, além disso, desejamos que a escola dê saúde e alimento à criança, visto não ser possível educá-la no grau de desnutrição e abandono em que vive (TEIXEIRA, 1994, p. 173).

Trago também as indagações e reflexões de Coelho (2003, p. 7) que apresenta a escola em tempo integral como uma tentativa em possibilitar:

[...] a ampliação e diversificação do trabalho pedagógico *para além* dos conteúdos meramente formais ou, ainda, incrementando as atividades de ensino e de rotina com outras [...]

---

<sup>21</sup> A escola de tempo integral a que Anísio Teixeira se referia era uma escola na qual os educandos permaneciam durante os dois turnos, matutino e vespertino, desenvolvendo atividades pedagógicas e atividades complementares, como, por exemplo, aulas de artesanato, pintura, música, oficinas de profissionalização, dentre outras.

Neste sentido, estão inseridas *ações dialógicas; posturas críticas e criativas relacionadas às artes; às diversas manifestações culturais; ao pensar ético-filosófico; ao debate sobre saúde, esporte, meio ambiente, lazer e trabalho*, entre outras possibilidades (COELHO, 2003, p.7).

Com a expansão da escola pública no Brasil, por volta de 1950, nota-se a ampliação do número de instituições dedicadas ao magistério, principalmente, devido às necessidades das mulheres de classe média ou alta, que careciam, também, de uma formação para a vida. Neste período, destacam-se as revistas pedagógicas. *A Revista do Ensino*<sup>22</sup>, por exemplo, era editada no Rio Grande do Sul, mas tinha uma projeção nacional. Teve sua primeira tiragem em 1951, iniciando com 5.000 exemplares e atingindo 50.000 na década seguinte. Os discursos contidos em tais revistas esboçam uma professora ideal que não se parece em nada com um ser real, com desejos e necessidades concretas. E sua missão é vista como de “colaboradora predileta de Deus em sua obra de amor” (FISCHER, 2005, p. 327), com privações e a exigência de preservar um comportamento condizente com tal tarefa. Não foi diferente para a professora Olga, que optou por servir ao magistério, acumulando funções e dividindo o tempo escasso entre o lar, o trabalho e a universidade, conforme assevera Magalhães (2006).

Num período marcado por mudanças e discussões da política educacional da Bahia, a professora Olga Mettig, na época estudante do curso de Pedagogia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal da Bahia, já exercia o cargo de Diretora da Escola Rui Barbosa. Tinha ainda se submetido, em 1947, ao Concurso para Inspetora de Ensino, sendo aprovada e nomeada pelo então Secretário de Educação e Saúde.

Para melhor entender o processo formativo da professora Olga, considero relevante trazer à baila algumas características da tendência pedagógica tradicional e suas implicações para a prática docente, visto que se trata de práticas que persistem no tempo, de diversas formas e servem de referência para tendências posteriores. O modelo de educação tradicional, estabelecido pelas escolas jesuíticas, traz em seu bojo a concepção de que a natureza humana é má e corruptível, portanto esmera-se no esforço de disciplinar a criança, controlando os seus impulsos naturais, impondo-lhes regras de conduta, submetendo-as aos rigores

---

<sup>22</sup> Conforme Fischer (2005), a revista de Ensino era uma publicação mensal de março a dezembro que teve assinantes em todo o Brasil e em diversos países de Língua Portuguesa. Nelas eram divulgados artigos, poesias, reportagens e sugestões didáticas. Reafirmava a profissão docente como vocação, a professora era apresentada como “serva de Deus”, mestre dedicada, desprendida e ignorada. Louva-se a figura da professora como “fada boa e carinhosa, misto de sacerdote, artista e operário”. Narrativa distante do real que permite visualizar a professora como um ser “quase divino”.

hierárquicos e à aprendizagem da obediência, inclusive através da vigilância constante e do uso de castigos físicos. Isso ilustra o autoritarismo e o poder da hierarquia: um paradigma que permaneceu durante muitas décadas, inclusive no período de formação de *Dona Olga*.

A respeito desta abordagem educacional, Mizukami afirma que:

[...] é caracterizada pela concepção de educação como produto, já que os modelos a serem alcançados estão pré-estabelecidos, daí a ausência de ênfase no processo. Trata-se, pois, da transmissão de idéias selecionadas e organizadas logicamente. Este tipo de concepção de educação é encontrado em vários momentos da história, permanecendo atualmente sob diferentes formas (MIZUKAMI, 1986, p. 11).

Sobre esta questão ficam evidentes algumas características da escola utilitarista ocupada com resultados e com o cumprimento de programas preestabelecidos, na qual o professor, considerado o detentor do saber, assume uma relação de verticalidade, devendo manter distância e impessoalidade no contato com os alunos, ocupando-se em discipliná-los, instruí-los e ensiná-los. É a autoridade moral e intelectual, um mediador entre os educandos e os modelos oferecidos que permanece na atualidade e assume diferentes formas.

A escola utilitarista oferece uma educação voltada para o ajustamento social já que se sente responsável pela condução e modelagem da conduta daqueles envolvidos e acaba transformando o ambiente tornando-o austero, rígido e inflexível. Nesse modelo de educação, observo que os conteúdos são trazidos prontos e as aulas são expositivas. A atenção é centrada no professor que se limita a “dar a lição” e a “tomar a lição”, ou seja, a transmitir conhecimentos que serão repetidos, aplicados e recapitulados automaticamente, para assegurar que houve que houve aprendizagem. Nesse processo, existem programas meticulosos e coercitivos, com exames seletivos que valorizam exclusivamente a quantidade e que evidenciam a exatidão da reprodução do conteúdo transmitido pelo professor. Este processo premia uns e/ou castiga o que demonstra um caráter disciplinador e catequético. Algumas disciplinas são consideradas mais importantes do que outras, justificando a prevalência do ensino da língua (oral e escrita) e da matemática; bem como das atividades de leitura e escrita. É um modelo de educação que reafirma a valorização do produto em detrimento da compreensão do processo de ensino e aprendizagem, na medida em que valoriza a repetição de fórmulas, datas e números.

Mesmo com todas essas inovações, os princípios da escola tradicional não conseguiram atender adequadamente às necessidades de uma camada insatisfeita

da população que busca alternativas para a efetivação de uma educação igualitária, que atenda a ricos, pobres e garanta o acesso à escola. Segundo Gomes (2001), as batalhas ideológicas que marcaram a história da educação no Brasil revelam uma sociedade extremamente complexa em sua configuração e interesses, visto que os grupos responsáveis por pensar e discutir a educação trazem, em seu bojo, concepções antagônicas ao mesmo tempo em que primam pela ordem social.

Em relação ao cenário político e econômico estadual, vale ressaltar o governo do médico e político Luiz Régis Pacheco que assumiu o governo da Bahia de 1951 até o ano de 1954. Posteriormente é o advogado e político Antônio Balbino de Carvalho Filho (1955 a 1959) o responsável pelo Governo. Nesse período, verifica-se o ressurgimento das preocupações com o atraso econômico da Bahia e deu-se início a diversos projetos, a exemplo do planejamento do Centro Industrial de Aratu (CIA). Segundo Vasconcellos, “o CIA foi implantado finalmente em 1967 nos territórios dos municípios de Candeias e Simões Filho, visando a oferecer um parque industrial infra-estruturado para os novos investimentos no Nordeste” (2002, p. 311). No entanto, no que diz respeito à educação, não constato nenhum avanço significativo. No período de 1959 a 1963, o General Juracy Magalhães assume, mais uma vez, o governo da Bahia e dá continuidade aos planos do seu antecessor que objetivava retirar o Estado do cenário de atraso econômico e educacional.

Durante a década de 60, surgem no Brasil movimentos da sociedade civil, com o intuito de resgatar a educação popular<sup>23</sup> através da conscientização política das classes mais pobres da população. Esses movimentos procuravam enfatizar os cursos de alfabetização e de educação básica, a exemplo do Movimento de Cultura Popular (MCP)<sup>24</sup>, que tinha como objetivos a criação de uma ação comunitária para a alfabetização de adultos e a formação de uma consciência política e social das massas trabalhadoras. O MCP interessava ao governo brasileiro que desejava aplicar o método de Paulo Freire que alfabetizava em 40 horas dentro do Plano Nacional de Alfabetização (PNA). Sabe-se que o PNA pretendia disseminar programas de alfabetização de adultos por todo o país. Porém, após o golpe militar de 64<sup>25</sup>, os movimentos sociais que reinventavam a educação brasileira foram

---

<sup>23</sup> Consultar Góes (2002), que faz uma análise que revê os movimentos educacionais de base popular nos anos 60.

<sup>24</sup> Movimento criado em 1960, constituído por estudantes universitários, artistas e intelectuais de Recife-PE, que tinha como Conselho de Direção, órgão executivo máximo: Paulo Freire, Geraldo Vieira, Germano Coelho, Reinaldo Pessoa, Anita Paes Barreto, Abelardo da Hora, Arnaldo Marques, Aluizio Falcão e Norma Porto Carreiro Coelho (COELHO, 2002).

<sup>25</sup> Consultar Góes (2002), que faz uma análise das políticas educacionais do governo autoritário entre 1964 e 1984.

interrompidos sob a alegação de subversão. De acordo com Góes (2002), foi o que aconteceu com a "Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler" (Natal), "Movimento de Cultura Popular" (Recife), "Movimento de Educação de Base" e muitos outros pelo Brasil afora.

O golpe militar, conforme Castro (1994), foi deflagrado na madrugada do dia 31 de março de 1964 contra o governo de João Goulart, contando com o apoio dos partidos conservadores (PSD e UDN), do empresariado, da classe média urbana e dos proprietários rurais, com a justificativa de combater o comunismo e a corrupção. Entretanto o que se apresentava era um cenário de autoritarismo e de terror político que privilegiava a autoridade do Estado e do Poder Executivo. É, também, a partir da década de 60, que surgem, efetivamente, os ideários de uma escola calcada nos moldes empresariais, a tendência tecnicista que se baseia em um modelo de racionalização característico do sistema de produção capitalista<sup>26</sup>.

Neste período, diversos movimentos estudantis pressionavam o governo brasileiro por mais vagas nas escolas e pela melhoria na qualidade do ensino. Após o golpe de 64 e a instauração da ditadura militar, surgiram os acordos firmados entre o Ministério da Educação e Cultura – MEC e a *United States Agency for International Development* – USAID, que garantiam ao país o recebimento da assistência técnica e financeira para a efetivação de uma educação que formasse, preparasse o operariado e atendesse às necessidades da era industrial. Além disso, nesta época, o currículo escolar sofreu drásticas modificações, como a diminuição da carga horária de algumas disciplinas – História e Geografia, e a exclusão de outras, como Filosofia. Essas e outras modificações promoveram uma queda na qualidade de ensino nas escolas públicas.

Também, durante este período, foi instituído o Decreto-Lei nº 869, de 12 de setembro de 1969, que determinava a inclusão da disciplina Educação Moral e Cívica nas escolas de todos os graus e de todas as modalidades. Essa disciplina, segundo Silva (2007)<sup>27</sup>, só podia ser ministrada pelo diretor da escola ou por outra pessoa indicada pelo diretor, com a anuência do governo. Somando-se a isso, Silva ainda relata sua experiência no período do regime militar:

Eu me lembro que eu fui dar aula [...], nós trabalhávamos muito a questão da educação grega, dos espartanos com formação militar e de Atenas com

---

<sup>26</sup> A tendência tecnicista estruturava a escola de acordo com as exigências da sociedade industrial e tecnológica, dando ênfase à formação e qualificação técnica.

<sup>27</sup> Entrevista com Maria Lazara da Silva (2007), ex-aluna da FEBA e professora aposentada da Rede Estadual de Ensino.



a democracia. Então, nós fazíamos um confronto, não é? O que é justamente uma democracia no poder e o que era realmente a participação do povo que era democracia, aí o diretor, ele que foi indicado, ele circulava pra saber as aulas. Quando eu terminei a aula, ele me chamou no gabinete dele, e disse ‘olha você tenha cuidado com o que você está passando. Eu disse: o que é que eu estou passando? Eu estou dando aula, estudando Grécia; aí ele chegou e falou, me chamou atenção: ‘olha, você tenha cuidado, não faça essa comparação, nem nada, você dá o assunto, mas não compare’ (Entrevista Maria Lazara Silva, 2007).

Percebo que, nos anos 60, foi desencadeada uma nova dinâmica política e social no mundo, no Brasil e na Bahia, marcada pelos movimentos de contracultura<sup>28</sup>, movimentos de massa, de novas esquerdas políticas e estudantis e movimentos pelos direitos civis, dentre vários outros.

Consoante Jameson (1992, p. 85-86):

O processo pode ser e tem sido descrito de várias maneiras, cada qual implicando uma determinada “visão da história” e uma leitura temática própria e exclusiva dos anos 60. Pode ser encarado como um capítulo completo e decisivo da concepção crociana da história como história da liberdade humana; ou entendido como um processo mais classicamente hegeliano da conquista da autoconsciência de si pelos povos oprimidos; ou explicado com base em uma concepção da nova esquerda pós-lukacsiana, ou mais marcusiana, da emergência de novos “sujeitos da história” que não são uma classe (negros, estudantes, povos do Terceiro Mundo); ou finalmente esclarecido por alguma noção pós-estruturalista, de inspiração foucaultiana [...] tudo isso sem esquecer a retórica propriamente política da autodeterminação ou da independência, ou ainda aquela outra, mais psicológica e cultural, das novas “identidades” coletivas.

Vale ressaltar que as relações que caracterizam tal década, no Primeiro Mundo – suas inovações políticas, o senso de liberdade e a luta por conquistar seus ideais – influenciam os países de Terceiro Mundo, a exemplo do Brasil. No cenário estadual baiano, o governador Antonio Lomanto Júnior assume o poder do Estado da Bahia de 1963 a 1967. Nesta época, acentuam-se as críticas feitas à escola tradicional, por seu caráter autoritário, hierarquizado e magistrocêntrico e à escola nova, por compactuar com uma visão ingênua de educação como instrumento de equalização da sociedade que oferece ao indivíduo a oportunidade de “tornar-se alguém na vida” por meio da escolarização. No Brasil, a Escola Nova recebeu muitas críticas, foi acusada de abrir mão dos conteúdos tradicionais e de acreditar na espontaneidade dos educandos, caracterizada por uma ilusão liberal.

---

<sup>28</sup> Como exemplo de Movimento de contracultura, cito o Movimento Tropicalista, uma intervenção de um grupo baiano formado por diversos artistas, como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Glauber Rocha, dentre outros, que abarca a música, o cinema e o teatro, marcando todo o cenário político e cultural do país até a atualidade. O lema “é proibido proibir” motivou os jovens brasileiros a lutarem por seus ideais de liberdade.

No âmbito da educação popular, analisando o cenário disposto no final da década de 60 e no início da década de 70, observo um período crítico e desastroso, orquestrado pelo governo militar que adequou a política educacional aos interesses e às determinações econômicas. O objetivo era criar um instrumento de controle sobre os possíveis opositores ao regime por meio de reformas educacionais criadas em 1968 e 1971, para a universidade e o ensino médio, respectivamente. Assim, a Lei Nº 5.540, de 28 de novembro de 1968 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), fixou normas de organização e funcionamento do ensino superior, estabelecendo que ele seria oferecido em universidades e, excepcionalmente, em instituições isoladas, organizadas como instituições de direito público ou privado que deveriam, sempre que possível, incorporar-se a universidades ou congregar-se a estabelecimentos isolados da mesma localidade ou de localidades próximas, constituindo, neste último caso, federações de escolas, regidas por uma administração superior e com regimento unificado que permitisse a adoção de critérios comuns de organização e funcionamento.

Porém os inúmeros vetos a esta lei propiciaram a sua reedição sob o número 5.692/71. Ela propunha a profissionalização do 2º grau e não foi acatada pelas escolas de elite que relegaram tais normas ao ensino público, conforme interessava à ditadura militar cujo objetivo era despolitizar as massas. Reuniu os cursos primário e ginasial no ensino de Primeiro Grau, com 8 anos de duração, sintetizou as disciplinas que desenvolviam o senso crítico, transformando-as em outras, mais genéricas (Estudos Sociais, substituindo História Geral, da América e do Brasil, Geografia Geral e do Brasil, e Ciências, em lugar das antigas Física, Química e Biologia) e retirou as disciplinas Filosofia e Sociologia do Segundo Grau.

Neste período, foram feitas concessões para a abertura de vários cursos de nível superior, sendo todos de iniciativa privada. Foram criados organismos de educação paralela, a fim de suprir as deficiências do ensino, como o MOBREAL<sup>29</sup> (considerado como uma pedagogia do colonizador a serviço da dominação cultural), e o Projeto Minerva<sup>30</sup>. Embora criado em 1967, o Mobreal só inicia sua atuação, decididamente, no campo da 'alfabetização funcional', em 1970. Denomino de

---

<sup>29</sup> O Movimento Brasileiro de Alfabetização (o MOBREAL) foi criado pela Lei número 5.379, de 15 de dezembro de 1967 como um prosseguimento das campanhas de alfabetização de adultos iniciadas com Lourenço Filho, propondo a alfabetização funcional.

<sup>30</sup> O Projeto Minerva nasceu no Serviço de Radiodifusão Educativa do Ministério da Educação e Cultura, tendo como escopo um decreto presidencial e uma portaria interministerial de nº 408/70, que determinava a transmissão de programação educativa em caráter obrigatório, por todas as emissoras de rádio do país, tendo início em 1º de setembro de 1970.

alfabetização funcional porque não considero adequado nomear alguém que aprendeu, simplesmente, a assinar mecanicamente seu nome completo e a decodificar alguns signos lingüísticos como alfabetizado. A alfabetização extrapola a memorização de letras e números, ela indica que o sujeito é capaz de realizar a leitura e interpretação do mundo no qual vive: textos, imagens, situações, fatos cotidianos e históricos. Considero que indivíduo alfabetizado é aquele capaz de desenvolver uma criticidade necessária ao ato de ler.

No que se refere a este dado, percebo que o interesse real do Mobral não é, decididamente, aquele divulgado oficialmente – erradicar o analfabetismo – e, sim, formar mão-de-obra barata qualificada para as funções exigidas pela sociedade industrial, conforme indicam os fatos. Com relação à educação superior, é, justamente, nesse período, final da década de 60, início da década de 70, que surge a Faculdade de Educação da Bahia – FACED, especificamente, em fevereiro de 1968, por conta de um decreto que reestruturou a Universidade Federal da Bahia – UFBA<sup>31</sup>.

Ainda segundo Tavares (2001), nessa ocasião (1967-1971), Luís Viana Filho, o primeiro governador baiano eleito pela Assembléia Legislativa por via indireta, na época dos governos militares, trouxe ao governo idéias e planos para fazer da educação um pólo de desenvolvimento. Ele nomeou Luís Augusto Fraga Navarro de Brito, um jovem professor e doutor em Ciências Políticas, para a Secretaria de Educação e Cultura. Navarro de Brito dedicou-se decididamente às suas funções e, em poucos meses, alavancou o sistema educacional baiano, colocando em prática os Planos de Educação I e II, o que o eleva ao patamar de terceiro melhor e mais importante secretário de Educação, depois de Anísio Teixeira e Isaías Alves de Almeida.

Com base nas pesquisas realizadas em Tavares (2001) e nos arquivos eletrônicos do *Memorial dos Governadores* da Fundação Pedro Calmon – Centro de Memória e Arquivo Público da Bahia, vinculado à Secretaria da Cultura e Turismo do Estado, verifico que o governador Luís Viana Filho fez da educação a meta principal do seu governo e seu mote era – “é preciso educar para enriquecer”<sup>32</sup>. Na sua

---

<sup>31</sup> A reforma universitária, em 1968, concentrou, em departamentos, os professores da mesma área e desmembrou as Faculdades de Filosofia e Letras da UFBA, criando faculdades específicas, a exemplo da Faculdade de Educação da Bahia – FACED. Esta unidade se formou a partir de quatro vertentes: o Departamento de Pedagogia e o Colégio de Aplicação da antiga Faculdade de Filosofia, o Centro de Ensino de Ciências da Bahia e o Programa de Lingüística, financiado pela Fundação Ford.

<sup>32</sup> Maiores informações disponíveis no *site*: [http://www.fpc.ba.gov.br/arquivo\\_cmemo\\_memgovs.asp](http://www.fpc.ba.gov.br/arquivo_cmemo_memgovs.asp). Acesso em: 18 Agosto 2007.

gestão, buscou dar ao povo baiano condições de acesso à literatura, ao cinema, ao teatro, enfim, à arte e à cultura, com a criação de bibliotecas públicas e a instalação de uma editora comercial na Bahia. Além disso, iniciou a construção da Universidade de Feira de Santana, dentre outras importantes ações econômicas. Posteriormente, em 1972, através de um projeto de assistência técnica das Organizações das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO, surge o primeiro Programa de Pós-Graduação em Educação da UFBA.

No que concerne à análise da construção identitária da mulher Olga Mettig, sugiro um olhar mais atento para os aspectos que configuram a história da formação feminina, na Bahia e no Brasil. A fundação da primeira escola normal do Brasil, em 1846, na cidade de São Paulo, curiosamente, era exclusiva para homens, o que demonstrava o seu caráter androcêntrico, já que à mulher era relegado o papel de esposa, mãe e dona de casa. Após alguns anos de funcionamento, foi fechada e reestruturada e reabriu com duas seções: uma para homens e outra para mulheres. A maior parte das mulheres que procuravam a escola eram ricas e tinham o objetivo de melhorar sua formação enquanto aguardavam o casamento. Segundo Fagundes (2005), em 1881 foi aceita a primeira mulher na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Posteriormente, mais três mulheres ingressaram com a obrigatoriedade de serem acompanhadas pelo pai ou uma senhora idosa. Tal fato que confirma a idéia de fragilidade e passividade da mulher originada por um estereótipo de sexo frágil<sup>33</sup>. Assim, constato que a difícil trajetória de algumas poucas mulheres que se aventuraram na senda acadêmica marcou a história, pelo pioneirismo e pela coragem de enfrentar os ditames de uma sociedade prioritariamente patriarcal que negava à mulher qualquer direito ao campo profissional.

É fato que a construção social da mulher varia de acordo com as expectativas de cada sociedade acerca dos papéis que deve desempenhar. Com frequência, a literatura reproduz a imagem da mulher submissa, mãe, mera “figurante” de uma história repleta de heróis e aventureiros. Sendo assim, a identidade pessoal feminina é formatada, construída na interação com o meio e na relação com o outro, concretizando uma ideologia, que, segundo Catani (2003), continua cumprindo papel modelar em sua disseminação.

---

<sup>33</sup> Para maior aprofundamento, consultar Fagundes (2005), com o qual, a autora propõe uma reflexão sobre o predomínio da mulher na profissão docente, os motivos que a levaram a essa escolha profissional, conduzindo-nos a uma discussão acerca da identidade feminina. Fagundes aponta questões como: por que o curso de Pedagogia tem sido eminentemente feminino, o que leva as mulheres a continuarem escolhendo o curso de Pedagogia, considerando as mudanças históricas e sociais?

Com este breve esboço da História da Educação na Bahia e no Brasil, percebo em que contexto aconteceu a formação da professora Olga Pereira Mettig e as influências educacionais, sociais, políticas e econômicas que contribuíram para a sua trajetória profissional. De fato, isso conduziu-me a investigar quem foi essa mulher, que, certamente, por seu pioneirismo, deixou um importante legado para a educação baiana, a exemplo da criação do Colégio Nossa Senhora do Carmo, da Faculdade de Educação da Bahia, das Faculdades Integradas Olga Mettig e dos livros didáticos que editou.

## CAPÍTULO III

# QUEM FOI OLGA METTIG

*Como professora, conjuguei o verbo ensinar durante toda a minha vida.*

Olga Mettig

**Foto 1 – Olga Pereira Mettig**



Fonte: Arquivo Familiar

A construção da identidade feminina é um processo bastante complexo, principalmente quando se fala em mulher num contexto social androcêntrico, patriarcal e hierárquico. Na verdade, mesmo com todos os movimentos e discussões a respeito do tema, não ocorreu uma emancipação feminina através da educação.

Não houve movimento organizado, não houve revolução, tampouco ruptura com valores socialmente estabelecidos. Na verdade, “ser professora” era uma das poucas profissões aceitas para o “sexo frágil”. Afinal, ensinar era uma extensão do ato materno. Não é à toa que denominamos de “maternal” quando nos referimos à primeira classe da Educação Infantil. Esse contexto remete-me às *Lembranças de Dona Brites*, que diz “Uma coisa que eu fiz sempre com amor foi ser professora. Enquanto fui professora, vivi, foi o tempo em que vivi: a vida dos alunos, de cada uma das crianças” (BOSI, 1983, p. 292).

Esse foi o momento em que Olga Mettig nasceu e cresceu, em Cachoeira, interior da Bahia. Em seus relatos autobiográficos, registrados em inúmeras entrevistas e citados por Magalhães (2006), Olga contava que descobriu sua vocação para o magistério aos 8 anos de idade, tempo em que ajudava sua professora primária na rotina de trabalho.

Em entrevista ao Jornal da Bahia, Olga Mettig revelou:

Eu ensinava aos meninos que minha mãe pegava para trabalhar em casa. De maneira que, quando terminei o primário, eu ingressei no primário superior, que foi fundado pelo professor Anísio Teixeira e que era ministrado por excelentes professores. (...)  
Segui carreira de professora por vocação. Aos sete anos, resolvi ser mestra e não houve obstáculos que me fizessem desistir de meu propósito. (1967, p. 5)

Olga Pereira Mettig estudou todo o curso primário em sua cidade natal, no Colégio Providência. Após a conclusão deste, frequentou a Escola Primária Superior<sup>34</sup>, uma experiência pedagógica levada a Cachoeira através do Professor Anísio Teixeira. Depois disso, veio para Salvador, onde, após estudar no Educandário do Sagrado Coração de Jesus, fez o Curso Normal para diplomar-se em professora primária no ano de 1934, pela Escola Normal da Bahia. Depois se diplomou como Licenciada em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia da Bahia.

Alguns aspectos chamam atenção na vida da professora Olga, um deles diz respeito ao fato de ela ter subvertido as regras sociais de sua época e, ainda na primeira metade do século XX, ter iniciado uma carreira profissional respeitada e profícua. Outro detalhe se refere à influência que ela exerceu, direta ou

---

<sup>34</sup> A Escola Primária Superior foi um novo projeto de educação instalado na cidade de Cachoeira. Uma extensão da Escola Primária, que possibilitava aos alunos concluintes da mesma dar continuidade aos estudos.

indiretamente, na educação acadêmica de alguns muitos baianos, através da publicação de seus livros didáticos.

Postas essas questões iniciais, procurarei, no presente capítulo, situar aspectos da vida de Dona Olga, especificamente no que diz respeito à infância, ao desenvolvimento pessoal e à profissionalização. Intento também anunciar e caracterizar dimensões formativas e teóricas da educação feminina ensinada a Olga Mettig e, por fim, alguns valores ensinados e seguidos em sua prática educativa. Penso ser a contribuição pessoal, a educação feminina e os valores ensinados/seguídos, entradas significativas da história de vida e do percurso formativo no âmbito da presente pesquisa.

### **3.1 Infância, amadurecimento e profissionalização**

De acordo com dados obtidos através da análise de documentos e das entrevistas realizadas com familiares e amigos de *Dona Olga*, constatei que ela nasceu no dia 06 de maio de 1914. Seu pai, Ricardo Vieira Pereira, proprietário da principal panificadora da cidade de Cachoeira, exerceu a função de Conselheiro da Câmara, e sua mãe, Georgeta Motta Pereira, era dona de casa. Era a sétima filha de um total de nove irmãos, quatro meninos e cinco meninas: Anarolino Theodoro, Ricardo, Augusto, Antônio, Baronísia, Georgeta, Zulmira e a caçula, Rosa. Viveu uma infância alegre, residia em um grande sobrado construído no início do século XVIII, sinal de prosperidade e fartura na época. Porém, em 1926, seu pai foi atingido por um golpe comercial, vindo a perder seu patrimônio. Como conseqüência da decepção sofrida, teve derrame cerebral e veio a falecer. Quando perdeu seu pai, Olga tinha 12 anos e seus irmãos mais velhos estavam ausentes: um estudava Teologia e Direito canônico em Roma e outro, em Salvador, onde fazia escola de medicina. Sua mãe passava por dificuldades financeiras para poder manter seus nove filhos em idade escolar. Nessa época, Olga revelou sua primeira atitude empreendedora, quando, aos 12 anos, passou a ajudar no atendimento à freguesia da padaria do seu pai, recém-falecido, a única fonte de recursos para sustento da família.



Na sua adolescência, sua família não passava pelos mesmos momentos felizes e tranquilos da época da sua infância, Olga já trabalhava na padaria para ajudar a família e começou a fabricar balas de mel e arraias. Quando seu irmão chegou da Europa, tomou a decisão de levá-la para Salvador para que pudesse dar início aos seus estudos pedagógicos. Seu irmão Ricardo conseguiu uma vaga para ela no Colégio Sagrado Coração de Jesus (Colégio dos Perdões), em Salvador, onde estudou por um ano. Depois, passou a freqüentar o Curso Normal do Colégio Nossa Senhora da Soledade, dirigido por freiras Ursulinas. Mas, como não se sentia bem no Colégio, em 1934, com a ajuda do irmão, conseguiu se transferir para o Pensionato da Providência e concluiu seus estudos na Escola Normal da Bahia<sup>35</sup>, o primeiro estabelecimento da Bahia com a finalidade de formação de professores primários.

No dia 15 de novembro de 1934, recebeu o tão desejado diploma de professora primária. Sobre isso, ela sempre afirmava: “Este dia foi um marco na minha vida e, até hoje, não sei definir aquele momento sonhado e almejado que traçou a estrada que eu iria percorrer” (MAGALHÃES, 2006, p. 25).

Em 1934, recém-diplomada, começou a namorar Gustavo Ernest Mettig, filho de um alemão e de uma baiana de origem escocesa, educada no Reino Unido. Em 1935, passou a morar com sua mãe e seus irmãos, que haviam se mudado para Salvador, por decisão de seu irmão Padre Ricardo, que já morava na cidade e havia assumido o papel de condutor da família. Com melhor assistência da família e do irmão, Olga consegue, em 1935, seu primeiro emprego como professora, fruto da amizade entre seu irmão Padre Ricardo e o Padre da Paróquia de Santana, na Escola Paroquial, situada bem próxima a sua casa, no bairro de Nazaré. Nessa época, eclode em Salvador o movimento da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, movimento este que oportunizou o ingresso da mulher no campo profissional, ainda que exercendo atividades apropriadas a sua “condição de mulher”.

Percebo que, ao mesmo tempo em que diz defender os direitos da mulher, Olga considera fundamental ao exercício do magistério a vocação. Em entrevista ao

---

<sup>35</sup> Segundo Aquino (2005, p. 87-102), as Escolas Normais surgiram no cenário da história da educação brasileira no século XIX, mais precisamente em 1835, quando foi fundada a Escola Normal de Niterói, pelo poder público, seguida pela Escola Normal da Bahia, em 1836; do Ceará, em 1845; de São Paulo, em 1846; e do Rio de Janeiro em 1880.

Jornal A tarde (2002, p. 12), afirma que é um “encargo adequado a quem pode vivê-lo como um sacerdócio”. Em outra matéria divulgada pela Revista Néon (2004, p. 32-33), Olga considera não ser uma feminista no sentido político da palavra, mas uma pessoa que busca focar todos os seus esforços na luta pela qualidade da educação.

Dando continuidade a sua longa trajetória como professora, mais uma vez com a ajuda de seu irmão, que possuía prestígio junto ao Governador do Estado, Juracy Magalhães, em 31 de março de 1936, Olga foi nomeada, interinamente, regente do 3º quadro de Magistério Primário da Capital, em uma escola situada no Largo do Tanque, substituindo a professora Bertholina Maria Falcão de Jesus, durante o impedimento da respectiva titular<sup>36</sup>. Ao terminar o período de regência interina nesta escola, Olga foi novamente designada professora substituta<sup>37</sup>, agora na Escola Luís Tarquínio. Nesse período, ela foi designada outras vezes para o mesmo cargo, indicações que, segundo afirma sua amiga Maria Ligia Lordello de Magalhães, em entrevista, já anunciavam a qualidade da seriedade de seu trabalho, mesmo tratando-se de uma professora com pouca experiência.

Nessa mesma ocasião, Gustavo Mettig, seu namorado, havia passado no concurso do Banco do Brasil, em 1936, oficializando o noivado com Olga. Durante esse período, ela também se dedicava à realização de concursos, em busca de formalizar o seu sonho: ser efetivada como docente. Em 1938, ela alcança seu objetivo, sendo aprovada no concurso da Secretaria de Educação, nomeada, em 12 de maio, professora efetiva do 3º Quadro do Magistério Primário da Capital, iniciando seu trabalho na Escola Joana Angélica, no bairro de Nazaré<sup>38</sup>. Em 14 de janeiro de 1939, inicia-se um novo período na vida de Olga e, enfim, casa-se com o engenheiro agrônomo Gustavo Mettig, na Igreja Matriz, em São Pedro, oficiado pelo seu irmão, Padre Ricardo. Pouco tempo depois, em fevereiro do mesmo ano, Doutor Isaías Alves<sup>39</sup>, ao assumir a Secretaria de Educação do Estado da Bahia, investiu

---

<sup>36</sup> Consultar Anexo AT.

<sup>37</sup> Antes de ser efetivada como docente Olga exerceu a função de professora substituta por diversas vezes. Em decreto de 21 de julho de 1936, substitui a professora Edith Monteiro Alves Caldeira, em 22 de setembro do mesmo ano, substituindo a professora Beraldina Sepúlveda Freire; em 21 de maio de 1941, substituindo a professora Hilda Faria de Azevedo; em 7 de agosto de 1942, substituindo a professora Militina Moreira Novaes.

<sup>38</sup> Consultar Anexo AR.

<sup>39</sup> MELLO, Maria Alba Guedes Machado. *Isaías Alves de Almeida e a educação na Bahia*. Revista FAEEBA. Educação e Contemporaneidade. V. 14. N. 24. P. 126. Jul/dez. 2005. Aborda sobre a importância desse pesquisador, militante do Estado Novo, que teve como foco de sua produção as políticas educacionais, centrando no combate ao analfabetismo, o ensino profissionalizante e a valorização do professor.

em mudanças no contexto educacional que, na época, só contratava para diretora escolar pessoas mais velhas e nomeou, em fevereiro de 1939, *Dona Olga* diretora do 2º turno da Escola Joana Angélica<sup>40</sup> – seu primeiro cargo de destaque.

*Dona Olga*, quando diretora desta escola, organizou um relatório<sup>41</sup> para a Secretaria de Educação, demonstrando o seu comprometimento com o trabalho desempenhado que, ainda segundo dados oferecidos, em entrevista, por *Dona Ligia*, demonstra a organização meticulosa do trabalho de *Dona Olga*, seu senso de liderança e sua vontade para vencer os desafios. Em 1939, nasce *Olga Mettig Filha*, sua primeira filha, para quem escreve uma dedicatória no livro do bebê que revela o significado de ser mãe:

Há quanto tempo te esperava, minha filhinha ... Quanta ternura, carinho e amizade no meu coração guardava para te envolver. Como Deus é bom em me teres dado, como sou feliz em possuir a confiança d'Ele e tê-la para mim. Não há sacrifício que por ti não faça, não haverá barreira que por ti deixe de atravessar, não haverá mais descanso para mim, porque todos os momentos de minha vida serão poucos para construir a tua sagrada vida, o teu futuro, que desejo ser venturoso, sólido e construído na base de um lar piedoso, com nobreza e bem moralizado (MAGALHÃES, 2006, p 36).

*Olga* registra o seu desejo em oferecer à filha uma educação exemplar, pautada na virtuosidade e na dedicação de mãe, considerando uma dádiva de Deus ter-lhe sido confiada tal responsabilidade. Na ocasião do nascimento de sua segunda filha, *Carmem Maria Pereira Mettig*, dois anos após o nascimento de *Olga Filha*, a educadora escreveu mais uma dedicatória no livro do bebê:

Não tenho palavras para expressar-te quanto te quero, minha *Olguinha*. Em todos os atos de minha vida beijo-te e a tua irmãzinha. Só tuas felicidades preocupam-me. Luto no momento para aplainar o caminho que tens a seguir e colocar-te num pedestal de vitrine, amor e caridade. Não quero somente que o que seja bom se frutifique.

*Dona Olga* demonstra ter as preocupações das mulheres da época – com a formação e a felicidade das filhas, conforme pude constatar nas entrevistas realizadas com *Olga Filha* e *Carmem Rocha*, em que ambas relatam a importância do exemplo da mãe em suas vidas, seja no que se refere à formação pessoal ou profissional, seja no que se refere à lembrança que trazem de uma mulher que sabia ser dura quando necessário.

---

<sup>40</sup> Consultar Anexo AQ.

<sup>41</sup> Consultar Anexo BC.

**Foto 2 - Olga Mettig com as filhas Olga Filha e Carmem Rocha**



Fonte: Arquivo familiar

Novamente, de acordo com Dona Lígia, Olga demonstrava as preocupações de uma mãe dedicada ao bem-estar da família, seus anseios e desejos de proteção. A chegada das duas filhas renova e revigora o querer seguir adiante e lutar pelas realizações de seus objetivos como professora. Conforme relato a seguir:

Como mãe, foi bondosa, carinhosa e exemplar. Exercia o papel de mãe com extrema responsabilidade. Como mulher, era firme, corajosa, fiel, sonhadora, sabendo tomar decisões certas em momentos difíceis da sua trajetória de vida. Como educadora, era estudiosa, afetiva, ética, empreendedora. Seu espírito de liderança com a capacidade de criar e de renovar reunia profissionais sob seu comando para materializar suas idéias e perseguir seus ideais. Ela fazia da educação a razão do seu viver (Entrevista, 2006).

No ano de 1944, surge um novo desafio. Olga foi nomeada Diretora da Escola Rui Barbosa que, segundo Dona Ligia, recebeu este encargo pelo magnífico trabalho realizado na Escola Joana Angélica e pela necessidade de ações pedagógicas criativas e planejadas. Durante o período como diretora da Escola Rui Barbosa, promovia solenidades de abertura e de encerramento do período letivo, momento em que proferia seus discursos para as alunas e professoras<sup>42</sup>. Dois anos

---

<sup>42</sup> Conforme Anexo T.

depois, dá início à sua à formação Universitária, na Faculdade de Filosofia<sup>43</sup>, onde fez o curso de Pedagogia. Em 1947, matriculou-se na Faculdade e participou do Concurso para Inspetor de Ensino, no qual foi aprovada e nomeada ainda em 1947<sup>44</sup>. Tal nomeação fez com que ela tivesse que deixar a direção da Escola Rui Barbosa, o que não foi bem aceito pelas professoras da época, levando-as a fazer um abaixo-assinado contra essa medida<sup>45</sup>.

Diante de tal pedido, o então Secretário da Educação a nomeou para o cargo de Inspetor de Ensino na função de Diretora da Escola Rui Barbosa, em seus três turnos<sup>46</sup>. Após quase quatro anos à frente da Escola Rui Barbosa, em agosto de 1947, é designada para inspecionar escolas da Capital<sup>47</sup>. Começou, então, a inspecionar nove escolas, algumas muito distantes de sua residência, o que a fez comprar um carro. De acordo com matéria publicada em junho de 2004, na Revista Néon, Olga foi uma das primeiras mulheres da Bahia a dirigir automóvel.

Dando continuidade aos relatos feitos por Dona Lígia, percebo que a *Dona Olga* não bastava ensinar, administrar e fiscalizar colégios oficiais e particulares. Sentia-se frustrada por estar sendo sempre transferida de escola e de cargo. Quando as escolas necessitavam de reestruturação, convidavam-na para empreender em tal jornada. Porém, logo após ser renovada e reestruturada, transferiam-na para outro lugar com o mesmo objetivo – alavancar a qualidade do ensino e a organização da instituição –, a exemplo das Escolas Joana Angélica e Rui Barbosa, transformadas em escolas de vanguarda. Este fato levou *Dona Olga* a pensar na possibilidade de “plantar no seu próprio quintal”, segundo afirma *Dona Lígia*<sup>48</sup>.

---

<sup>43</sup> Para Fagundes (2005, p. 61), a sociedade da época encarava os cursos oferecidos pela Faculdade de Filosofia como “um saber desinteressado”, visto que não representam ameaça às funções de mãe e esposa.

<sup>44</sup> Sobre os Inspetores de Ensino, encontra-se no Título VIII da Orientação Educativa e da Inspeção, da Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961, fixando as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Art. 65: O inspetor de ensino, escolhido por concurso público de títulos e provas vetado [...] deve possuir conhecimentos técnicos e pedagógicos demonstrados de preferência no exercício de funções de magistério de auxiliar de administração escolar ou na direção de estabelecimento de ensino.

<sup>45</sup> Consultar Anexo E.

<sup>46</sup> Consultar Anexo AN.

<sup>47</sup> Consultar Anexos AO e AP.

<sup>48</sup> Maria Lígia Lordello de Magalhães foi amiga e colaboradora de Olga Mettig por mais de 50 anos. Dona Lígia foi convidada a ensinar no Colégio Nossa Senhora do Carmo, ainda no início de suas atividades, e nunca mais se separou da companheira de lutas e conquistas. Juntas, editaram vários livros didáticos. Uma parceria que rendeu bons frutos, além da cumplicidade profissional, surge uma bela amizade, segundo me relata a própria Dona Lígia em entrevista anexada. Hoje, Dona Lígia é Presidente da Sociedade Cultural e Educacional da Bahia.

Assim, em 1948, cria o Colégio Nossa Senhora do Carmo, o seu verdadeiro laboratório de educação. A escola funcionava em sua própria residência e tinha como alunas suas duas filhas, Olguinha e Carmem, sendo que, ao final do ano letivo, já contava com mais 26 alunos.

A característica empreendedora da sua personalidade é demonstrada, de maneira clara, em 1949, quando hipotecou a casa para reformá-la e, assim, ampliar a escola. Nessa época, já dividia seu tempo entre o cargo de Inspetora de Ensino, as aulas na sua escola, o curso de bacharel em Pedagogia e a educação de suas duas filhas. Além disso, *Dona Olga* foi membro da Diretoria do Sindicato de Estabelecimentos de Ensino da Bahia entre 1959/1961 e 1961/1969 e membro da Comissão de Planejamento da Jornada de Diretores de Estabelecimentos de Ensino Médio. Como Inspetora Seccional da Bahia, participou de três congressos de Estabelecimentos de ensino – Rio de Janeiro (1960), São Paulo (1962) e Paraná (1966), publicou artigos especializados em educação e foi professora de Psicologia e Didática da Escola Normal Nossa Senhora do Carmo (Jornal Tribuna da Bahia, 9/03/1972)<sup>49</sup>. Segundo Castro (1977), aposentou-se em 10 de julho de 1968, após 31 anos de incansável trabalho como professora, diretora e inspetora de ensino. Os artigos escritos por Dona Olga versavam sobre temas relacionados à educação e à filosofia, tais como *Filósofo e Mestre, Origem e Evolução das Escolas e Epíteto e o Estoicismo*, todos três publicados no Boletim da S.U.P.P., em maio, julho e outubro de 1948, respectivamente.

Conforme afirma Leda Jesuíno<sup>50</sup>, professora de Olga Mettig no curso de Pedagogia da UFBA, a educadora era suave e firme nos seus propósitos, sua presença sempre representou uma esperança muito presente no seio complexo das dificuldades que eram levantadas naqueles dias tumultuados da década de 60. Em entrevista, Leda assegura que Olga não se prendia a concepções “teoréticas”, ou seja, não se prendia a teorias por si só, apesar de ter contato com os principais teóricos da educação. Seu desafio era tornar a educação mais humanista, visando à educação total do ser humano:

---

<sup>49</sup> Consultar Anexo A1.

<sup>50</sup> Leda Jesuíno é professora universitária e Membro Emérito da Academia Baiana de Educação. Foi professora e acompanhou a trajetória profissional de Olga Mettig.

Estive atuando ao seu lado e foi possível perceber sempre a força do seu ideal, o seu comprometimento com sua missão de educadora e a sua concepção humanística de educação. Foi uma honra especial ter sido, na UFBA, sua professora de filosofia, na década de 40, e uma dádiva especial ter compartilhado com seu ideal como professora fundadora, acompanhando sua brilhante trajetória até os últimos dias como membro emérito da Academia de Educação da Bahia. (Memória Olga Pereira Mettig – 1914 / 2004)

Ainda segundo o relato de Leda, Dona Olga foi uma aluna aplicada e uma profissional dedicada à melhoria da qualidade do ensino, inclusive na produção dos livros didáticos. Assim, recorda-se de como a conheceu:

Lembro como que fosse hoje, parece que eu a estou vendo aqui na minha frente, nas minhas aulas. Ela era uma professora muito interessada em educação mesmo, em educar, naquela época ela se dedicava muito a escrever livros didáticos [...]. Por sinal, os meus filhos estudaram muito nos livros didáticos dela, [...] minha filha estudou no colégio Nossa senhora Auxiliadora que também adotava os livros didáticos de Olga, eram livrinhos muito bem elaborados, numa dosagem muito adequada à idade da criança, ao interesse da criança, então eram livros muito facilitados e as crianças, pelo menos as crianças que eu conheci, sobretudo meus filhos, tinham uma excelente aceitação com os livros dela. [...] me parece que ela já trabalhava no colégio dela, o colégio Nossa Senhora do Carmo, então eu a conheci nessa fase.

A importância atribuída a Olga Mettig é demonstrada por ex-alunas, funcionários, amigos, companheiros de trabalho e filhos. Apesar de muitas qualidades, todos eles afirmam que ela era dotada de uma personalidade forte e de um poder de liderança, persuasão, rigidez e controle absoluto sobre tudo o que dizia respeito às suas instituições de ensino. Conforme relato de Leda Jesuíno:

[...] ela não era uma pessoa propriamente alegre, ela não era estonteantemente alegre, mas era uma pessoa muito serena, muito simpática, sempre pronta a ter uma conversa amena, não levava pra você problemas.

As Faculdades Olga Mettig foram iniciadas a partir da Faculdade de Educação da Bahia, inaugurada em 27 de abril de 1967, sendo a segunda instituição de formação na área educacional no Brasil e a primeira no Norte e Nordeste, segundo afirma Magalhães (2006). Segundo relato de Lígia Magalhães, Olga ainda freqüentava seu gabinete nas Faculdades Integradas Olga Mettig, aos 89 anos, atendendo a alunos, professores e funcionários; resolvia problemas internos; analisava projetos e planejava cursos; sempre preocupada em melhorar a qualidade

do ensino, inclusive, freqüentava aulas sobre gestão e relações administrativas. Segundo relata sua filha Carmem Rocha, em entrevista, a educadora sempre teve entusiasmo para o trabalho:

Minha mãe sabia a hora de ter limites. Até aí na direção da faculdade. Todo mundo tem as maiores recordações dela como uma pessoa que sempre ouvia, ajudava e tudo, mas na hora que precisava ser enérgica ela era. Pra tomar atitudes sérias, ela também tomava. Ela era uma pessoa presente, sempre, era uma pessoa corajosa. [...] Não se deixava recuar pelos problemas, pela falta de dinheiro, ia à luta. E começou, passo a passo, não começou como a gente vê agora os donos de faculdades com prédios maravilhosos [...]. Então foram anos de trabalho, de maturação, de crescimento. Eu acho que isso é que deu essa solidez ao trabalho dela. Não foi de repente! [...] Acho que tudo que eu aprendi foi de ver ela fazer. Hoje em dia eu sou uma pessoa que sei administrar, tenho jogo de cintura, sei levar as coisas com coragem, foi de ver tanto ela fazer com calma sem desistir, sabendo que, passo a passo, a gente vai conquistando, não pode ser tudo de repente, a gente absorveu no cotidiano. (Carmem Rocha, 2007)

Carmem considera os exemplos da mãe como essenciais à sua formação pessoal e profissional e afirma que muito aprendeu ao observar suas ações. Com ela, um simples diálogo era a chance para se aprender e nunca era tarde para ensinar. Olga era uma pessoa de pulso firme com os seus funcionários, sua família e todos com quem convivia, mas, ao mesmo tempo, conservava leveza e generosidade, certificadas por todos os entrevistados. Durante sua vida, recebeu muitas homenagens, a exemplo da praça batizada com seu nome, no bairro do Jardim Baiano, em frente ao Dique do Tororó, em Salvador, inaugurada, em 25 de setembro de 2002, pelo prefeito Antonio Imbasshay. Recebeu o título de “Mulher do Ano”, concedido pelo *Woman Internacional Club* e a Medalha “Maria Quitéria”, oferecida pela Câmara Municipal de Salvador. Além disso, a Secretaria Estadual de Educação outorgou-lhe o “diploma Abílio César Borges”, recebeu o título de “Educadora do Ano” e, em sua cidade natal, teve sua antiga casa, localizada em Cachoeira, um grande sobrado, transformado em museu.



**Foto 3 - Praça Professora Olga Mettig (1)**



Fonte: Arquivo familiar

**Foto 4 - Praça Professora Olga Mettig (2)**



Fonte: Arquivo familiar

Mesmo com as muitas homenagens que recebeu, ao longo de sua vida acadêmica, a professora Olga nunca se acomodou. Aos 88 anos, liderou uma equipe de suas faculdades no curso de Gestão e Marketing do Centro de Tecnologia do Comportamento, para melhorar a qualidade do atendimento oferecido aos alunos de sua Instituição. No gabinete localizado na Faculdade de Turismo da Bahia,

atendeu a alunos, professores e funcionários, até 2003, aos 89 anos, momento em que precisou afastar-se por questões de saúde. Completaria 90 anos, no dia 06 de maio, se os problemas decorrentes de uma enfermidade não a tivessem fragilizado tanto. De acordo com Dona Lígia, mesmo nesse período, quando se sentia mais fortalecida, Olga se refugiava em seu gabinete, sentindo-se feliz por voltar ao convívio com seus companheiros de trabalho.

Olga Mettig faleceu no dia 22 de abril de 2004, 14 dias antes de completar 90 anos. Em homenagem à sua história de vida, foi lançada uma revista, um ano após o seu falecimento, chamada “Memória Olga Pereira Mettig – 1914 – 2004”. Nela, são encontrados depoimentos de pessoas que conviveram com a professora, como colaboradores, amigos, família, ex-alunos, o que nos permite traduzir em palavras quem foi Olga Mettig. Trago alguns depoimentos retirados da revista, como o de Doutor Marcelo Rocha – Diretor Geral das Faculdades Integradas Olga Mettig:

Ela viveu uma vida dedicada à informação e à formação. Presenciou momentos históricos importantes e, ora consciente ora intuitivamente, soube aproveitá-los para acelerar transformações que julgava necessárias ao crescimento da Educação no País. Cada amigo, cada aluno, cada professor, cada funcionário que leva seu nome em sua formação carrega consigo um pouco do seu legado [...].

Para ilustrar melhor a importância de Olga Mettig para aqueles que conviveram diretamente com a educadora, cito um trecho da conversa que tive com Dona Lígia, em seu gabinete, na Faculdade de Turismo, endereço no qual funcionou o Colégio Nossa Senhora do Carmo e que foi residência de Dona Olga e sua família. Ao indagá-la sobre a convivência com a profissional Olga Mettig, *Dona* Lígia confirma todos os depoimentos divulgados até então: “Tudo o que eu sou hoje, devo a ela”. Explica que aprendeu muito observando a conduta de sua companheira e conta que, ao encerrar as atividades do Colégio Nossa Senhora do Carmo, Olga quis saber de Lígia se teria interesse em dar continuidade aos trabalhos já realizados. Ela, porém, ela não aceitou. Disse que não se sentia à vontade para seguir sozinha. *Dona* Lígia também revelou que pretende erguer o Memorial Olga Mettig, “aqui mesmo, nessa sala”, mostrando o antigo gabinete da amiga. Reafirmou que *Dona* Olga ainda tinha muito a contribuir com a educação em nosso país e espera que seus descendentes dêem continuidade ao seu belo trabalho.

Concluo este momento com o sentimento e algumas reflexões acerca de morte, relatados por Maria Augusta Abdon, Vice-diretora Geral das FAMETTIG:

Sobre a morte nas grandes tradições e na sociedade contemporânea, assim como a definição de uma espiritualidade adaptada à nossa modernidade, a transcendência e o sagrado devem encontrar seu lugar no âmago do humano.

Jean Ives Leloup, padre e teólogo ortodoxo, com sua voz pausada, firme e suave, afirmava: "Tudo é passagem, tudo é mutante, tudo é fluxo... exceto o Ser".

Segundo Leloup, na tradição ortodoxa, a morte é chamada "dormição". Essa tradição encontra-se na tradição bíblica onde se faz menção aos patriarcas que "entram em repouso". A "dormição" vai permitir que a pessoa adormeça inebriada de Sentido, um Sentido que lhe dará a possibilidade de abrir a parte de seu corpo mortal para ter acesso ao jardim da alma...

Portanto, a morte é a ocasião de um despertar. Vista assim, ela não é um drama e eis a razão pela qual dir-se-á que não se trata de chorar ou reter a pessoa, mas, antes, de convidá-la a descobrir essa pura luz que ela é.

A morte não é o fim, tenho a certeza, mas o fim de uma ilusão, uma libertação, a libertação do sofrimento, do encadeamento de causas e efeitos. É a razão pela qual a morte é um momento abençoado, o momento mais sagrado da existência, porque é finalmente a ocasião de entrar em um espaço ilimitado. É o momento em que a Realidade é, por fim, revelada.

A grande educadora Olga Mettig passou, como peregrina maravilhada, pela ponte da existência, sabendo que cada passo é único, cada fadiga jamais se repetirá, repouso é sem igual. Soube também, minha grande e inesquecível amiga Olga, na sua longa profícua existência, amar e ser amada. (MEMÓRIA Olga Pereira Mettig. 1914 – 2004)

Analisando os acontecimentos e as experiências da infância, bem como o amadurecimento e a profissionalização de Olga Mettig, percebo que a sua trajetória de vida foi pautada em uma educação tradicionalista, rígida, vigente na época, e apesar disso, ela conseguiu inovar e desafiar a sociedade por fazer aquilo em que mais acreditava – uma educação de qualidade. Mesmo objetivando desmistificar a imagem de mulher perfeita e inatingível, concluo que Olga Mettig contribuiu grandemente para o avanço da educação baiana, pelo fato de ter se dedicado à construção de suas obras.

### 3.2 A educação feminina ensinada a Olga Mettig

Quando nasci um anjo esbelto,  
 Desses que tocam trombeta, anunciou:  
 Vai carregar bandeira.  
 Cargo muito pesado pra mulher,  
 Esta espécie ainda envergonhada.  
 Aceito os subterfúgios que me cabem,  
 Sem precisar mentir.  
 Não sou tão feia que não possa casar,  
 Acho o Rio de Janeiro uma beleza e  
 Ora sim, ora não, creio em parto sem dor.  
 Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina.  
 Inauguro linhagens, fundo reinos  
 dor não é amargura.  
 Minha tristeza não tem pedigree,  
 Já a minha vontade de alegria,  
 Sua raiz vai ao meu mil avô.  
 Vai ser coxo na vida é maldição pra homem.  
 Mulher é desdobrável. Eu sou.  
 (Adélia Prado)

Proponho-me, adiante, a discutir o contexto educacional vivenciado pela professora Olga, destacando a sua formação, os valores a ela ensinados e sua implicações para o nascer da educadora.

Os homens, desde meninos, têm acesso às aventuras, às conquistas de novos horizontes, enquanto que as mulheres convivem com diversas restrições. Isso é fato inegável na história da humanidade. Homens e mulheres têm recebido uma educação bastante diferenciada. Na Bahia, a educação formal teve início com os Jesuítas<sup>51</sup>, dirigidos pelo padre Manoel da Nóbrega, vindo, em 1549, com Tomé de Souza, de Portugal. Era uma escola destinada à elite e à formação de novos sacerdotes. Naquela época, a economia baiana era agrário-exportadora, calcada no trabalho escravo, e a sociedade não se importava com a profissionalização de seus filhos.

A primeira escola para mulheres foi fundada pelos padres jesuítas com ênfase ao ensino das prendas domésticas, das boas maneiras e da catequese. Muito tempo depois, na década de 1920, a Igreja conseguiu muitas conquistas no que diz respeito à educação brasileira, a exemplo da aprovação da moção, em 1927,

---

<sup>51</sup> A Companhia de Jesus foi fundada por Inácio de Loiola e um pequeno grupo de discípulos, em 1534, em função da Reforma Protestante e a expansão do luteranismo na Europa, objetivando a catequização dos povos. A educação jesuítica seguia os preceitos do *Ratio atque Instituto Studiorum*, ou, simplesmente, Ratio Studiorum. Um estatuto fundamental, uma metodologia destinada ao ensino das primeiras letras, à formação do humanista, do filósofo e do teólogo.

durante a I Conferência Nacional de Educação, promovida pela Associação Brasileira de Educação. Nela era proposto o estabelecimento do “[...] ensino moral em todos os institutos de educação no Brasil, o qual teria que ter por base a idéia religiosa, o respeito às crenças alheias e a solidariedade em todas as obras de progresso social” (HORTA, 1994, p. 96). A partir dessa década, a educação acompanhou o percurso sócio/cultural originado no início do século XX: uma sociedade patriarcal e androcêntrica que atribuía às mulheres a responsabilidade pela educação moral dos filhos, bem como colocava, em suas mãos, o futuro da nação, a ideologia do progresso e a responsabilidade pela perpetuação da fé cristã. À mulher cabia a educação doméstica informal, pautada em regras rigidamente estabelecidas pelos valores sociais, os quais, por sua vez, eram reflexos da ideologia cristã e tinham como característica a inquestionabilidade, principalmente pelas mães, que reproduziam, inexoravelmente, a conduta das gerações anteriores com as quais aprenderam o “ofício” de serem mães.

Esse era o modelo brasileiro e, inclusive, baiano. Afinal, a Bahia do início do século XX foi um estado rural e excessivamente patriarcal. As raízes coloniais e escravocratas ainda permeavam o subconsciente da sociedade que, paradoxalmente, pregava a modernidade e o desenvolvimento à luz das influências européias. As mulheres brancas e de classe média tinham o mesmo destino: desempenhar o papel de mãe, orientar os filhos, cuidar pessoalmente ou orientar alguém para cuidar da casa, costurar e bordar ou, ainda, num outro extremo, seguir o sacerdócio e perpetuar os ideais da Igreja Católica como forma de libertação ao jugo familiar.

Assim configurava-se uma sociedade na qual a família assumia o papel de centro nuclear das relações sociais, o que propiciava a criação de laços de parentesco como a forma mais expressiva de solidariedade social e, à mulher, a responsabilidade maior pela efetivação desses laços através da educação doméstica. Indiscutivelmente, para as mulheres, a ênfase na educação continuava centrada na “educação para o lar”, ou seja, deveria estar voltada para as atividades domésticas, bem como para uma sólida formação moral religiosa. A formação moral (católica) era fundamental para a constituição do caráter feminino, para isso a instrução da educação escolar, em doses reduzidas, era satisfatoriamente suficiente.

## Segundo Louro:

Na opinião de muitos, não havia porque mobiliar a cabeça da mulher com informações ou conhecimentos, já que seu destino primordial – como esposa e mãe – exigiria, acima de tudo, uma moral sólida e bons princípios. Ela precisaria ser, em primeiro lugar, a mãe virtuosa, o pilar de sustentação do lar, a educadora das gerações do futuro. A educação da mulher seria feita, portanto, para além dela, já que sua justificativa não se encontrava em seus próprios anseios ou necessidades, mas em sua função social de educadora dos filhos, ou, na linguagem republicana, na função de formadora dos futuros cidadãos (LOURO, 1997, p. 446-47).

Entendo que um dos maiores entraves sociais para a emancipação da mulher foi o quesito “escolarização”. Desde o ensino primário isso já era evidenciado pela ênfase às ciências para os meninos e às artes domésticas para as meninas, o que dificultava a inserção da mulher na sociedade letrada. Conforme os estudos de Bassanezi (2001), com a chegada da Família Real ao Brasil, crescem as oportunidades de instrução laica para as mulheres, mesmo sendo dentro dos moldes vigentes. Mas, somente em 1823, a educação feminina foi formalizada pela Lei de 15/10/1827. Foram criadas as escolas de primeiras letras<sup>52</sup>. Porém, em virtude das dificuldades enfrentadas pelas mulheres que ensinavam a essas meninas e à inadequação dessas escolas, foram criadas escolas de formação de professores, as Escolas Normais.

Na sala de aula, a voz da submissa mulher de fins do século XIX e início do seguinte começou a ser ouvida e multiplicada. A função de ensinar tornava a mulher respeitada, faziam-na prosperar e, em alguns casos, obter poder político. Ser professora era uma das únicas profissões aceitas pela sociedade. As primeiras mulheres a encarar o giz, na Bahia, segundo matéria do Jornal Correio da Bahia (26/11/2000), foram as freiras Ursulinas, no Convento Nossa Senhora das Mercês, a partir de 1742. Mas a educação delas ainda era orientada pela idéia do papel secundário que as mulheres deveriam ter na sociedade. Educavam de acordo com o *Tratado da Educação das meninas*, documento de 1687, que preconizava que as mulheres tinham espírito “fraco e curioso” e eram “menos fortes que os homens”. Estes últimos se ocupavam da educação formal naquele tempo. O papel da mulher na educação baiana só começaria a mudar, decisivamente, a partir do início do século XX, com o crescente desinteresse dos homens pela função, o que gerou uma

---

<sup>52</sup> Eram conhecidas como escolas pedagógicas. Ensinavam as artes de coser e de bordar, bem como aritmética (restringindo-se às quatro operações fundamentais).

visão distorcida da realidade, fazendo-nos acreditar que o afastamento dos homens teria se dado devido aos baixos salários, o que não justifica. Nesse momento, surge o discurso de que “ensinar é uma extensão do ato materno”, conforme afirma Fagundes (2005).

Em 1923, foi fundado o Instituto Feminino da Bahia<sup>53</sup>, na cidade de Salvador. Era uma obra social católica que objetivava oferecer uma formação mais completa e engajada socialmente para as moças da terra. O Instituto aumenta o seu alcance, em 1925, com a criação dos Cursos Anexo e do Propedêutico ou Auxiliar de Comércio que realizavam atividades sociais e religiosas. Os domínios do Instituto foram ampliados de tal forma, que houve a necessidade de subdividir-se em departamentos: Divisão de Cultura, Divisão de Economia Doméstica e Divisão de Assistência Social.

Em 1924<sup>54</sup>, foi fundada a Escola Técnica de Comércio Feminina da Bahia, com 13 alunas matriculadas. A primeira turma de Contadoras dessa escola formou-se em 1925 e, no ano seguinte, o curso passou de 2 para 3 anos de duração. Posteriormente, em 1946, foi criado o Ginásio Feminino da Bahia, seguindo os mesmos critérios rígidos da Escola Técnica. Na década de 1950, período em que Olga Mettig se destaca profissionalmente, foi crescente a participação feminina no mercado de trabalho, apesar do estigma da época que dizia que mulher trabalhando competia com o marido dentro de casa, o que acarretava a desarmonia do lar e a ausência da educação dos filhos. No início do século, não era comum ver mulheres desempenhando a maternidade, a atividade profissional e o papel de “esposa” simultaneamente, a não ser em casos de necessidade ou de pobreza. Era norma geral da sociedade que as mulheres fossem sustentadas inteiramente pelos maridos e se dedicassem às atividades domésticas em tempo integral. Com o desenvolvimento econômico dessa década, os níveis de escolaridade feminina aumentaram substancialmente. “No ensino elementar e no médio, o número de mulheres já estava próximo ao dos homens. A proporção de homens para mulheres com curso superior, que em 1950 era de 8,6 para 1, baixou em 1960, para 5,6”. (BASSANEZI, 2001, p. 625)

---

<sup>53</sup> Criado com base nas obras sociais do Velho Mundo, pelo Monsenhor Osório Pimentel e pela Senhora Henriqueta Martins Catharino, em 5 de outubro de 1923. Para maior aprofundamento, consultar Passos (1993).

<sup>54</sup> Nesse mesmo ano, surge o Curso de Datilografia, visando “preparar moças para trabalhos ligeiros” (PASSOS, 1993).

A concepção, as formas e os discursos sobre a educação das mulheres na sociedade foram múltiplos e semelhantes, visto que a educação familiar de responsabilidade das mães se confundia com a educação escolar de responsabilidade das professoras normalistas. Havia um anseio em promover uma educação “integral”, na qual o indivíduo seria considerado em todos os seus aspectos: físicos, psíquicos e morais, com ênfase aos aspectos morais, como percebemos nos estudos de Passos (1993), sobre o Instituto Feminino da Bahia:

Apesar do clima de mudança favorecer o surgimento de algumas experiências educacionais consideradas avançadas, na época, no fundo, o conservadorismo continuava sendo muito forte, principalmente em algumas regiões brasileiras, como no Nordeste, a ponto de dificultar o perfeito funcionamento de muitas propostas, como a apresentada pelo Instituto Feminino (PASSOS, 1993, p. 140).

Observo que essa citação ilustra, brilhantemente, a situação educacional e profissional da mulher daquela época. Analisando o contexto em que as mudanças aconteciam, ainda percebo que até mesmo os Movimentos Feministas iniciados na Bahia eram elitistas e conservadores, pautados na doutrina cristã e na subordinação da mulher ao homem. Alimentavam a crença de que a mulher, a princípio, deveria desempenhar o papel de mãe e o de professora, cabendo oferecer-lhe uma formação adequada para exercer o seu papel.

Olga estudou, em sistema de internato, no Educandário do Sagrado Coração de Jesus (Colégio dos Perdões), em Salvador, sob a tutela do Padre Ricardo, seu irmão recém-chegado da Europa. Lá recebeu o seu primeiro ano de preparação para o magistério, aos 17 anos. Com a influência do irmão, Padre Ricardo, que celebrava as missas no Planalto da Aclamação, Olga conseguiu transferir-se para outro internato e freqüentar o Curso Normal do Colégio Nossa Senhora da Soledade, dirigido por freiras da Ordem Ursulina, de regime extremamente severo. Após expor seu desejo de freqüentar a Escola Normal da Bahia e desabafar sua angústia por presenciar, no Colégio da Soledade, atos com os quais não concordava, conseguiu, mais uma vez, sob os cuidados do irmão Ricardo, transferir-se para o Pensionato da Previdência e freqüentar a Escola Normal, na qual se diploma professora primária, em 1934, conforme desejara.

Essa foi a educação à que Olga teve acesso durante toda a sua vida. E os valores que deram sustentação a sua formação foram também embasados na



doutrina cristã, nos preceitos da feminilidade, nos estereótipos de mulher dócil e frágil, mãe exemplar, mestre exímia e esposa dedicada.

### 3.3 Valores ensinados e seguidos em sua prática educativa

Olga afirmava que tinha várias fontes que alimentavam sua formação, a exemplo de Rousseau, Platão, Jean Piaget, George Gusdorf, Santo Agostinho, Descartes, Anísio Teixeira e Pierre Furter. Em uma entrevista, afirmou que: “Minha vida não se pauta numa linha filosófica específica. Há sim uma ordenação de sistemas que fazem parte das vivências adquiridas através dos estudos e realidades práticas. É a filosofia de procurar o bem para o bem viver” (SILVA, 1987, p. 9).

Em entrevista, a professora Leda Jesuíno, ao ser questionada sobre o suporte teórico que embasava o pensamento pedagógico de Dona Olga, afirma que ela não se prendia a nenhuma teoria, apesar de conhecê-las e de respeitá-las. Segundo Leda Jesuíno, Dona Olga preferia desenvolver suas próprias teorias pautadas em sua prática educacional. No que se refere à motivação para a criação de suas escolas e faculdades, Leda afirma que o contexto cultural da época impulsionou Olga a empreender suas ações, conforme desejava e acreditava. Como vemos no trecho a seguir:

Olga não foi uma professora que se debruçasse sobre teoria educacional [...], tudo bem ela lia, ela conhecia, mas não se debruçava sobre isso, ela era uma espécie de educadora que estava muito mais preocupada em educar, estar com o aluno, estar fazendo educação. Eu distingo muito o teorizar educação e fazer educação, eu acho que tem muita gente teorizando sobre a educação, escrevendo sobre a educação, [...] eu penso que ela preferiu mais se dedicar à escola dela, aos alunos dela, ela gostava de formar caracteres, formar o aluno, trabalhar com a personalidade do aluno, ela discutia muito mais esses aspectos de orientação direta do aluno do que discutir Piaget, ou qualquer outro teórico, não era muito dela entrar nessas hipóteses teóricas não.

Eu acho que ela foi muito motivada pelo espírito da época, [...] nós somos todos contextualizados e muita coisa que nós fazemos é influência cultural do contexto da época, acho que tava na fase de novas realizações e ela era uma pessoa do fazer, [...] as pessoas pensam, sentem e fazem, mas há pessoas que mais sentem do que fazem, há pessoas que mais fazem do que sentem, e há pessoas que mais pensam do que sentem e fazem, ela era do fazer, muito mais do fazer do que do sentir ou do pensar, ela não era de elucubrações pedagógicas, filosóficas, ela era de fazer, então fazer ali era muito importante pra ela, entendeu?

Tomando por base os dados coletados através das entrevistas realizadas, posso confirmar que Dona Olga conceituava a Pedagogia como um conjunto de teorias e modos de conceber e praticar a educação e, por isso, buscava a sua própria pedagogia. Encarava o ato de educar como sendo a oportunidade de extrair do estudante todas as suas potencialidades latentes, desenvolvendo-as ao máximo. Utilizava ainda os conceitos de Aristóteles, de Dewey e de Platão para conceituar o ato de educar, a educação e a pedagogia.

Olga Mettig ganhou destaque e respeito, no seio acadêmico, pela sua ascensão profissional e pela contribuição para a formação de professores. Desempenhou atividades docentes e administrativas, simultaneamente ao exercício da maternidade. O exercício do magistério era como que uma extensão de sua vida de mãe e mulher. Assim ela relata em uma de suas entrevistas: “no afã de seu crescimento a mulher não pode perder a sua feminilidade (Revista Panorama da Bahia, 1987, p. 33)”; ou ainda, “tudo com um toque de bondade sempre consegui o respeito dos meus alunos. Todos eram muito afáveis comigo e eram filhos para mim” [...] e prossegue ela: “dávamos orientação [durante as aulas de formação moral e cívica] sobre o casamento, a vida sexual e regras de boa conduta. Isso preconizou [inclusive] o serviço de orientação educacional nos colégios”.

Ficam evidentes as influências da formação recebida por Olga no seu pensamento pedagógico. Olga não era uma feminista e em suas palestras não difundia a igualdade entre os sexos, apesar de afirmar que “A mulher só não se iguala ao homem em força física. Ela é inteligente, dedicada, sensível, tem todas as condições de triunfar” (BARRETO, 1991, p. 9). Suas aulas de sábado, no curso de Pedagogia, tinham conteúdos impregnados de questões de ordem moral, ética e cidadania, e eram carinhosamente batizados de “a voz do trono”. (METTIG, Beto 2004). Ela envidava todos os esforços em busca da qualidade na educação. Suas próprias atitudes eram exemplo para a sociedade. Ao longo de sua vida, Olga não levantou nenhuma bandeira ideológica, porém, em sua conduta, demonstrou posições que denotam sua luta pela emancipação social da mulher; mesmo que ainda restringindo-a a atividades ditas “adequadas ao gênero”.

Sobre as mudanças na educação, ela afirmava que “tudo mudou muito rapidamente. O conceito de família mudou bastante. Antes era a educação doméstica, o respeito e a seriedade. Hoje, os colégios visam mais o vestibular e desprezam a formação para a vida” (Jornal Correio da Bahia, 26 Nov. 2000). Olga

prezava uma educação que assegurasse uma postura moral e valorizasse a formação do caráter e, por isso, investiu em palestras, discursos e conversas informais com seus alunos.

Quanto às inovações tecnológicas, confessava não saber lidar muito bem com o computador, mas achava a *Internet* uma importante ferramenta para a educação e para dinamizar o papel do professor.

O Jornal Tribuna da Bahia, em matéria do dia 09/03/1972, apontava que a professora defendia a reforma no ensino, que começava a ser aplicada no país, e citava quatro itens como justificativa: a reforma oferecerá ao estudante em nível médio uma profissão definida; “forçará” o professor a dar mais formação do que informação; promoverá o desaparecimento de exames de admissão e o aluno passará a freqüentar escolas que lhe dêem continuidade de ensino; e exigirá dos futuros diretores nível superior.

Olga declarava ter muita fé na educação e comungava com o pensamento de Pierre Furter, quando diz: “O homem, por ser inacabado, tende à perfeição”; entendendo a educação como um processo contínuo que só acaba com a morte e atribuindo sua fé aos princípios que sempre nortearam seu trabalho: amor e ideal (METTIG, 1987, p. 9).

No que diz respeito ao papel da escola, afirmava ter a necessidade de acompanhar de perto as mudanças pelas quais passavam os jovens e os acontecimentos atuais da sociedade; como também acreditava ser preciso habilidade para modificar e adaptar os métodos, a fim de que se pudesse dialogar com os jovens, dar-lhes esclarecimentos e melhor orientá-los para o caminho do bem e da verdade. Conforme o seguinte relato:

Se a escola atual deixar de ser puramente informativa e procurar dar aos seus educandos uma formação lógica, criar-lhes uma capacidade de reflexão, julgamento e espírito crítico, estará contribuindo para que a juventude se beneficie dos valores reais que a vida moderna lhe oferece (METTIG, 1967).

Segundo análise das entrevistas de Olga ao Jornal Bahia Bella, percebo que ela sempre tinha uma visão positiva da vida. Sua visão de mundo era de muita esperança no amanhã pois afirmava que, no futuro, o progresso técnico e científico proporcionaria ao homem melhores condições de vida, por conseguinte mais conforto, segurança e bem-estar. Descobertas no campo da medicina trariam

possibilidades de vida mais longa e saudável. Já do ponto de vista espiritual, acreditava que havia “grande esperança de um mundo melhor”, conforme suas próprias palavras:

Presentemente há uma grande procura do sentido de vida, uma preocupação pela felicidade dos povos, um desejo de que a humanidade se erga e se irmane. No entanto, cabe a nós, educadores, uma grande tarefa na construção desse novo mundo. A conscientização dos jovens para os problemas atuais da humanidade e a diretriz a seguir, a valorização do homem como pessoa, os ideais de paz, a segura orientação moral e religiosa e, sobretudo, o exemplo são os meios exatos para conseguirmos no futuro um mundo melhor, baseado nos preceitos de justiça, amor a Deus e ao próximo (Jornal Bahia Bella, maio de 1967).

Essa visão de mundo positiva e, ao mesmo tempo, possível, que encontramos nas memórias da professora Olga em muito esclarece as razões que justificam como, em uma vida repleta de momentos difíceis e desafiadores, ela não se permitia abater e se entregar diante das dificuldades. Pelo contrário, trilhava seu caminho com fé e corria atrás de seus sonhos, perseverando e construindo sua história de vida como um exemplo de coragem, de luta e de fé. Sua vida, imersa em uma rede de contextos sócio-históricos, mostrou todos os momentos autocráticos, ditatoriais até a consolidação de uma democracia republicana.

O próximo capítulo traça a trajetória profissional da professora, esboçando o nascimento do seu Colégio Nossa Senhora do Carmo, passando pela Faculdade de Educação da Bahia, pela publicação dos livros didáticos que educaram gerações de baianos, até chegar à criação das Faculdades Integradas Olga Mettig.

# CAPÍTULO IV

## A TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DE OLGA METTIG

*Não é possível escrever a história da educação sem passar por aqueles que a fizeram e pensaram.*

(NÓVOA, 2001.)

Este capítulo procura resgatar a trajetória profissional de *Dona Olga* que, além de exercer a função de professora e de ter assumido, ainda moça, cargos de diretora de escolas e de inspetora de ensino pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia, abraçou projetos empreendedores, como a produção de livros didáticos, a criação do Colégio Nossa Senhora do Carmo e das Faculdades Integradas Olga Mettig. Conforme Magalhães:

A trajetória de Olga Pereira Mettig neste relato está revelada nos seus momentos de trabalho dedicado ao magistério público da capital. Nesse período, acontece o seu primeiro e único amor. É nessa época também que ela entra em contato de maneira mais direta com seu espírito empreendedor, voltado para a educação [...] (MAGALHÃES, 2006, p. 29).

Segundo afirmam alguns entrevistados, inclusive a Professora Lígia Magalhães, *Dona Olga* sempre investiu na sua carreira profissional, priorizando a sua formação acadêmica, os seus empreendimentos, o seu trabalho no magistério. Fez de sua casa um ginásio, de seu ginásio fez um curso pedagógico, desse curso fez uma Faculdade e desta, as Faculdades Integradas, com uma demonstração de coragem e antevisão que poucas pessoas têm e que ela soube conduzir, como mente ordenadora, tanto do ponto de vista administrativo quanto didático. *Dona Olga* viveu em prol da realização de seus sonhos profissionais, muitas vezes abrindo mão

do conforto e das realizações pessoais. Quando questionada sobre a fundação do Colégio Nossa Senhora do Carmo, Carmem Mettig, rememora:

[...] eu era muito pequena, mais velha, mas eu me lembro que a gente estudava numa salinha, eu sei que eu tinha meu piano e ficava num corredorzinho assim, de repente foi perdendo, o piano foi indo para o quarto, a sala botou uma separação virou sala de aula, e cada vez a gente foi recuando, foram tomando os espaços, era muita poeira, mas eu lembro de cada detalhe (FONTE).

Em entrevista, Carmem narra os momentos de dificuldades vividos no início da construção do colégio e diz que, apesar de ser muito pequena, lembra detalhadamente da poeira das obras, de reforma na casa, de modo que, cada vez mais, recuavam os espaços destinados à família para fazer nascer salas de aula, da dedicação da mãe que acompanhava tudo de perto, dos momentos em que ela e a irmã Olga Filha eram as únicas alunas do colégio e de todo o percurso da mãe educadora.

Durante a realização das entrevistas, pude constatar que os projetos e as construções realizados por *Dona Olga* foram acalentados desde a sua mais tenra idade. Sua atitude empreendedora encontrou, nos sonhos de criança, uma importante fonte de informações para perceber a realidade de outra maneira. Durante toda a sua trajetória acadêmica e profissional, sempre esteve à frente da administração de suas instituições, as quais, atualmente, são voltadas para o ensino superior. Octogenária, ainda freqüentava regularmente as instalações das Faculdades e tomava providências administrativas, pois, segundo ela, “o trabalho rejuvenesce”.

Falar de *Dona Olga* sem destacar seu aspecto empreendedor é impossível, visto que todas as suas obras surgiram em uma sociedade patriarcal, em que as mulheres eram educadas para o lar e sequer completavam os estudos.

## **4.1 Colégio Nossa Senhora do Carmo**

Considerando os relatos e os documentos citados anteriormente, constato que a fundação do Colégio Nossa Senhora do Carmo, em 15 de março de 1948, foi

a realização do sonho de criar uma escola pautada na educação integral<sup>55</sup>, onde pudesse empregar sua própria orientação.

**Foto 5 - Sede do Ginásio Nossa Senhora do Carmo**



Fonte: Acervo familiar

A criação do Colégio Nossa Senhora do Carmo foi fruto da inquietação da professora que, inconformada com os padrões da época, começou a elaborar sua própria metodologia educacional, que tinha como objetivo:

[...] dotar a criança de conhecimentos e habilidades tais que lhe permitam continuar, por si mesma, a obra iniciada pela Escola, prosseguir na sua cultura, mantendo-a em dia, e tirar maior proveito das experiências vividas capacitando-se ao desempenho das funções de futuro cidadão consciente e responsável pelo seu destino, de sua família e de sua pátria (JORNAL JUVENTUDE, 1964).

Outro fato que a incomodava, segundo a amiga Lígia Magalhães, eram as inúmeras transferências de escola às quais fora submetida e que a impossibilitaram de “colher os frutos” daquilo que plantara:

---

<sup>55</sup> Escola Integral para Olga era aquela pautada na formação física, psíquica e, principalmente, moral. Em toda a sua história de vida, observo uma grande preocupação com esses aspectos formativos, a boa conduta, o bem-viver, as atitudes nobres, a formação do caráter.

Olga foi levada a criar sua escola, que, a princípio, denominava-se Escola N. S<sup>a</sup> do Carmo, depois, Ginásio N. S<sup>a</sup> do Carmo e, finalmente, Colégio N. S<sup>a</sup> do Carmo, onde ministrou os cursos Primário, Ginásial e Normal, para aplicar a pedagogia e filosofia que desejava para a educação. Desestimulada com seu trabalho nas escolas do Governo quando começava a colher os frutos da sua pedagogia e filosofia era transferida para outra escola a fim de levantar o nível pedagógico da mesma. Com isso, uma pergunta não lhe saía da cabeça: “Em vez de plantar no quintal dos outros, por que não plantar no meu quintal?”.

A fala de *Dona* Lígia demonstra as inquietações da amiga no que se refere às constantes transferências de escola e ao desejo em construir seu próprio “laboratório de ensino”. Estava insatisfeita por não colher os frutos do seu trabalho, por não ter reconhecimento por suas intervenções nas escolas em que conseguiu alavancar a qualidade do ensino e em que conquistou o respeito dos professores, funcionários e alunos. Insatisfeita por sempre recomeçar e deixar para trás tudo o que havia conquistado com muito sacrifício. Esse foi o principal aspecto considerado durante a “gestação” da idéia de criar sua própria escola, segundo afirma *Dona* Lígia. Sua primeira grandiosa realização deu início a um percurso que resultou em produções ainda maiores, a exemplo da criação da Faculdade de Educação da Bahia.

*Dona* Olga escolheu para dar nome a sua escola, o nome da santa Nossa Senhora do Carmo, de quem era devota. Iniciou o processo de documentação para o registro da escola na Secretaria de Educação, que devido à lentidão da burocracia, inviabilizou o início dos trabalhos, conforme esperado, levando-a a solicitar ao diretor da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, na qual cursava Pedagogia, Professor Isaías Alves de Almeida, permissão para começar os trabalhos do ano letivo em uma das salas da Faculdade, pedido este que foi aceito. No prédio da Faculdade de Filosofia, número 193, da Avenida Joana Angélica, no bairro de Nazaré, em 15 de março de 1948, deu-se início ao ano letivo da Escola Nossa Senhora do Carmo, com apenas duas alunas, suas filhas Carmem Mettig e Olga Mettig Filha. Contava com o auxílio da professora Josildete Gomes que foi contratada para substituí-la nos momentos em que precisasse se ausentar. Posteriormente, em 14 de junho do mesmo ano, a escola é transferida para o prédio número 35 da Rua da Mangueira, atual Rua Rocha Galvão, onde *Dona* Olga morava com sua família. Lá, na sala destinada às aulas, encontravam-se seis mesas individuais, seis mesas com dois lugares, 12 cadeiras e uma mesa para um professor, mobiliário devidamente



organizado. Porém o título de registro da escola foi concedido somente em 16 de Agosto de 1948.

Consta que, no segundo semestre letivo, a escola apresentava 26 alunos matriculados e, no ano seguinte, já havia 85 alunos matriculados em cinco diferentes níveis de escolaridade. A parede da sala foi demolida para abrigar uma nova sala e a sala de jantar foi dividida para o funcionamento da classe de primeiro ano. Neste momento ela contava com a ajuda das professoras Helena Araújo e Lígia Lordello de Magalhães, esta última recém-contratada para o cargo de professora.

Em matéria divulgada no Jornal da Bahia, *Dona Olga* afirma que o ensino ministrado no Colégio Nossa Senhora do Carmo tem por base o “método” psicogenético, o qual considera o mais aceito nas escolas modernas:

[...] com este método o aluno educa-se sob a orientação do mestre, respeitando este a sua maneira de ser. É um método bastante individualizado, onde o aluno é atendido pelo professor na medida de suas solicitações. Ele é o agente e o professor, o orientador. No método psicogenético, o interesse despertado pelo assunto na classe poderá prolongar-se fora da sala de aula, levando o aluno à investigação e reflexão. No ensino primário, adotamos o “Sistema Morrison” que divide o programa em unidades didáticas. Ele abrange cinco fases distintas, só se completando o conteúdo de uma unidade depois que todas as fases forem percorridas: Exploração – Apresentação – Assimilação – Organização e Recitação (JORNAL DA BAHIA, 1967, p. 2).

A meta do Colégio, segundo documento constante do acervo disponibilizado por Dona Lígia, intitulado “*Falando sobre o Colégio Nossa Senhora do Carmo*”<sup>56</sup>, “[...] é conduzir o educando para a vida, no sentido de ‘educare’, atualizar as suas potencialidades, despertando-lhe o amor à cultura, o espírito de pesquisa, o discernimento, o gosto do esforço e a curiosidade intelectual”.

De acordo com os dados coletados nas entrevistas, *Dona Olga* não lecionava em sua escola desde o segundo semestre do primeiro ano de fundação, acompanhando de perto todo o processo didático<sup>57</sup>, desde a inspeção do trabalho das professoras até a verificação dos cadernos de classe dos alunos, dos diários de classe e dos planejamentos de aula. Nesse período, *Dona Olga* ainda estudava no curso de Pedagogia e dividia seu tempo entre a escola, a faculdade e a família.

---

<sup>56</sup> O documento intitulado “*Falando sobre o Colégio Nossa Senhora do Carmo*” foi disponibilizado por Dona Lígia, em visita ao seu gabinete, por ocasião de sua entrevista. Consta de quatro páginas datilografadas, sem data nem autoria, mas que incita a entender ter sido redigido por ambas.

<sup>57</sup> Consultar Anexos AV e AW.

Dona Lígia relata que *Dona Olga* sempre inspecionava as salas de aula e permanecia, por algum tempo, dialogando com os alunos e observando as aulas dos professores. Em uma dessas visitas, percebeu a dificuldade de alguns alunos em entender a atividade sugerida pelo livro didático adotado e isso despertou o interesse em escrever um livro didático para o curso primário. Em 1951, tendo como parceira Lígia Lordello de Magalhães, publicou seu primeiro livro e deu origem a uma série de outras obras.

Ainda em 1950, a Escola apresenta um bom número de alunos aptos a realizar o Exame de Admissão ao Ginásio<sup>58</sup>, fato que incentivou Olga a providenciar a autorização para o funcionamento do curso Ginásial, atualmente denominado de Ensino Fundamental II. Para abrigar os novos alunos, precisava fazer algumas reformas de ampliação na escola. Hipotecou sua casa e tomou um empréstimo bancário. Após realização das obras, a Escola foi inspecionada pela Delegacia Regional do MEC, obtendo relatório favorável. Pela portaria 718, de 13/12/1950, estava autorizado o funcionamento do Colégio Nossa Senhora do Carmo e assim teve início uma nova etapa na vida da professora Olga e, na mesma data, é licenciada como Pedagoga pela Universidade Federal da Bahia.

Quando questionadas sobre a relação de *Dona Olga* com os estudantes, as entrevistadas Carmem Mettig, Lígia e Leda Jesuíno, afirmaram que ela se sentia à vontade com os jovens e sempre gostou da relação direta com os alunos. Apreciava conversar e trabalhar com os jovens, demonstrando compreender os conflitos próprios da fase e as aspirações necessárias ao seu desenvolvimento moral. Conforme o relato a seguir:

Quando estou entre os jovens, quando com eles trabalho ou organizo algum empreendimento, sinto-me imensamente feliz porque creio na juventude. O jovem, na maioria das vezes, é um incompreendido. Já não é criança e também não é adulto. Vê-se cercado de problemas, conflitos íntimos, insegurança. Lutando pela sua afirmação na vida, quer independência e autonomia. Seus problemas que, para nós adultos, parecem simples, são para eles difíceis. O jovem tem carência de amor e compreensão. Compete a nós amá-lo, compreendê-lo e ajudá-lo nessa fase mais difícil da vida. Ele é bom. Aspira à grandeza, beleza, ao bem, à verdade. No entanto, precisa de oportunidade e auxílio para realizar o que sonha. Não devemos cortar suas aspirações, mas incentivá-lo de maneira autêntica e honesta. A

---

<sup>58</sup> Segundo Luckesi (2007), o Exame de Admissão ao Ginásio era realizado pelos alunos que não tiveram um Quinto Ano Primário bem sucedido ou que só cursaram até o Quarto Ano. No caso de reprovação no Exame, o estudante deveria fazer o Curso de Admissão, por mais um ano, visando uma preparação para os estudos ginasiais. Disponível em: <[www.luckesi.com.br/textos/resenha\\_biografica.doc](http://www.luckesi.com.br/textos/resenha_biografica.doc)>. Acesso em: 17 jul. 2007.

juventude é grandiosa e capaz de rasgos extraordinários de bondade e altruísmo (JORNAL BAHIA BELLA, 1967).

Considerando a afirmação acima, percebo, em seu discurso, uma preocupação com a virtuosidade do jovem e com a formação para os valores que deveria ser ensinada, também, pela escola. É perceptível a necessidade de compreender os conflitos próprios dessa fase e ela incentivava os jovens a desenvolver o senso de autonomia e o respeito por si mesmos.

Segundo consta no discurso de colação de grau do Curso de Formação para o Magistério da Escola Normal Nossa Senhora do Carmo<sup>59</sup>, em 1977, *Dona Olga* acreditava ser necessário repensar os valores da sociedade em crise que, desde aquela época, já demonstrava uma inversão de valores:

Os problemas modernos passaram a ter dimensões novas – as dimensões do Universo. Em conseqüência, todos os valores foram postos em cheque. Educar, hoje, exige conseqüentemente a redefinição de valores e o seu restabelecimento em devida e justa hierarquia (ANEXO S).

Em tal discurso, afirma, também, que, se não quiser levar o homem à autodestruição, a educação precisa formar cidadãos responsáveis e participantes, que tomem consciência da realidade e atuem em prol da qualidade de vida de todos. Além disso, fala de uma sociedade democrática, mas não deixa claro o que considera ser democracia no seu ponto de vista. Afinal, não encontrei nenhum registro ou narrativa que explicita a defesa pela democracia ou pelo direito de expressão, mesmo porque sempre se mostrou neutra no que se refere aos assuntos políticos, econômicos e sociais do país.

Em entrevista, *Dona Lígia* relata que *Dona Olga* tinha idéias fantásticas, sendo por ela incentivada a colocá-las em prática, enquanto que *Helena Araújo* racionalizava, sempre analisando os prós e os contras. *Helena* era o ponto de equilíbrio entre as três amigas. Inquietava-se com o fato de meninas saídas do curso regular confinarem-se à vida doméstica. Elas precisavam dar continuidade aos estudos, ter novas perspectivas na vida.

O sonho de implementar o Curso Normal em seu Colégio acontece, posteriormente, em 9/10/1954, quando *Dona Olga* recebe autorização do Governo do Estado da Bahia para o funcionamento do Curso Pedagógico do Colégio Nossa

---

<sup>59</sup> Consultar Anexo S.

Senhora do Carmo, através do Decreto 15.989/54. O trabalho foi ganhando notoriedade, pois, segundo explica Dona Lígia, “tínhamos os melhores professores e um currículo bastante rico” que de certa forma ocupava o lugar da faculdade que as mulheres geralmente não faziam.

É inegável a dedicação da Professora Olga ao trabalho educacional, à luta para a construção de suas obras, seu valor, merecido respeito e reconhecimento:

Posso afirmar, no entanto, que tudo isso foi conquistado com muita persistência, compreensão, dedicação e amor. Tudo na vida que se faz com dedicação floresce. E, no setor educacional, mais ainda, é preciso semear-se o amor em todo o seu trabalho. Já dizia Pestalozzi, precursor da educação moderna, que ensinar não é o princípio essencial da educação: esse princípio é o amor; ele é o ponto central de toda a educação. Com amor e dedicação, tenho conduzido alunos e deles conseguido, estudo, disciplina, amizade e uma participação integral no trabalho e vida escolar. Observo que eles se sentem felizes no colégio, onde encontram, além das aulas, atividades outras que, ajudando a formação de suas personalidades, lhes proporcionam alegria e felicidade (METTIG, 1967).

Na narrativa de uma ex-aluna, Maria Lázara, em entrevista, percebo o respeito que todos tinham pela “mestra”, como era denominada a professora, sempre presente em todos os eventos da Escola ao fazer os discursos de abertura. Verifico que essa postura de mestra, citada por Lázara, era devido ao fato de, apesar de estar aberta a diálogos com os alunos, os professores e funcionários, tratar a todos com simpatia, eras “dura” quando achava necessário e sabia impor sua opinião. Suas posições, segundo afirmam alguns entrevistados, sempre prevaleciam.

Para Dona Lígia, ela tinha o dom de convencer as pessoas a apoiarem suas decisões, sem discussões. Todos respeitavam seus posicionamentos e acatavam suas decisões por acreditarem nos ideais que ela representava. Orgulhavam-se do uniforme que vestiam, da escola em que estudavam ou trabalhavam. Lígia lembra-se de uma ocasião em que *Dona Olga* dirigia pelas ruas do bairro e, ao visualizar algumas alunas do seu Colégio com o uniforme muito bem cuidado, juntamente com outras estudantes de outros Colégios, no ponto de ônibus, constatou que todo o esforço empreendido na direção de seu estabelecimento havia produzido bons resultados. Sentia-se orgulhosa por perceber a satisfação de suas alunas, o respeito ao uniforme e, conseqüentemente, ao Colégio. “As alunas se destacavam em qualquer lugar que se apresentassem. Amavam o colégio onde estudavam” [...] (MAGALHÃES, 2006, p. 61).

A instituição funcionou em sua própria residência, na rua Rocha Galvão, 35, no bairro da Mouraria, por mais de 10 anos. Segundo matéria divulgada na Revista Néon (2004), o crescimento do Colégio foi possível, graças à estabilidade financeira conquistada com a publicação dos livros didáticos. Sua companheira, Lígia, confidencia que Olga separava em duas partes o dinheiro arrecadado com a venda dos livros: uma era destinada às suas viagens de férias e a outra às benfeitorias do Colégio.

Em relação às férias, relata Lígia Magalhães:

No princípio de sua vida profissional não havia horas de lazer. Todo o seu tempo estava entrelaçado entre o lar, o trabalho e o estudo; sempre sacrificando o seu horário de descanso. Depois de consolidada sua obra educacional passou a exigir de si gozar os períodos de férias escolares. Era um veraneio em locais próximos a Salvador. Depois passou a fazer curtas viagens pelo Brasil e nas duas décadas finais da sua vida passou a estender suas viagens em vôos internacionais. Ela gostava muito de viajar, observar outras culturas e tomar “banho de civilização” quando planejava suas viagens ao exterior. Diariamente dedicava-se à leitura. Junto a si, no seu canto de repouso havia diversos livros para leitura em determinadas horas e à noite, sua leitura era sempre um romance. Gostava de assistir a bons filmes. Quando viajava, não deixava de assistir os bons musicais que se apresentavam na ocasião de suas férias (ENTREVISTA MAGALHÃES, 2007).

Em 1964, conseguiu construir um prédio de cinco andares para o funcionamento dos cursos primário, ginásial e Normal. Os professores que lecionavam no Colégio Nossa Senhora do Carmo eram selecionados cuidadosamente e passavam por uma verdadeira triagem. “A Professora Olga orientava-me no trabalho que deveria ser desenvolvido em sua escola”, esclarece Lígia. *Dona Olga* considerava ser necessário ter professores dinâmicos, idealistas e trabalhadores. Sempre mostrou a importância de dar liberdade ao professor para que ele expressasse suas opiniões, escolhesse seus livros e se posicionasse. Entretanto, deixava claro que os métodos e normas da escola<sup>60</sup> deveriam ser cumpridos, ou seja, era uma liberdade vigiada, como afirma a própria amiga Lígia.

---

<sup>60</sup> Consultar Anexo AY.

**Foto 6 - Sede do Colégio Nossa Senhora do Carmo**



Fonte: Acervo familiar

O Projeto Pedagógico do Colégio era pautado na educação tradicional, com normas e regras bem estabelecidas, havendo uma vigilância, muitas vezes discreta, ao trabalho do professor e ao posicionamento dos alunos. Conforme cito anteriormente, *Dona Olga* acompanhava muito de perto todo o trabalho desenvolvido nas salas de aula. Sempre determinada a cumprir o papel que havia assumido, dizia “Consciente estou dos problemas com que se defronta toda pessoa que se dispõe a tratar de uma organização escolar, mas, como ideal não se apaga mediante as dificuldades, corajosamente enfrento-as”. (Memória Olga Pereira Mettig – 1914 / 2004, p. 3). Sempre compreendeu a educação como um sistema, uma extensão, um produto de evolução da sociedade e que devemos adaptá-la ao meio, isto é, aos problemas básicos do país e às coisas exteriores à escola, pois são elas as forças que determinam o caráter da educação. O Curso Normal, no seu colégio, visava preparar professores mais habilitados. O currículo de três anos do Curso Normal consistiu em educação geral, com especialização em matérias mais adequadas ao preparo das futuras professoras.

Considerando ser essencial a “prática de ensino” no último ano do Curso Normal, propiciou às suas alunas um curso de aperfeiçoamento, convidando várias professoras das escolas particulares próximas do seu colégio para realizarem

palestras sobre os métodos aplicados em suas escolas. Nesse curso, os debates eram realizados através de grupos de estudo. As professorandas recebiam também orientação para preparação dos materiais audiovisuais, inclusive dos exercícios de classe. Olga Mettig ofereceu às suas alunas do Curso Normal uma segura orientação para a “prática de ensino”, desejando que, em futuro próximo, se consagrassem à modernização do sistema escolar (Depoimento de Rosa Pereira Levita – ex-coordenadora do Curso Normal do Colégio Nossa Senhora do Carmo).

Muito mais do que uma educadora, foi uma instauradora e, como tal, deixou uma marca indelével no magistério da Bahia. Segundo Ildásio Tavares, Jornalista, e ex-aluno da primeira turma do Colégio Nossa Senhora do Carmo, *Dona Olga* foi uma corajosa empresária, uma executiva do ensino, numa época em que as atividades femininas poucas vezes ultrapassavam a fronteira do lar.

A poetisa Helena Parente Cunha, recém-saída da Faculdade e cheia de vibração, diz que Olga apostava nos jovens e com eles se entendia bem. Seu ginásio era muito arejado, moderno, era uma educadora de vanguarda. Ainda segundo seu relato:

Fiz o primário até o terceiro ano em Feira de Santana. Quando mudamos para Salvador, minha mãe, professora primária, temia me soltar na selva da cidade e fiz o quarto ano em casa, com ela, provas, deveres, tudo. No quinto ano, ela já achou que podia me soltar e o fiz na escola de D. Alvine Garcez. Na hora de fazer o ginásio minha mãe tremeu. Colégio público nem pensar. Ela correu os colégios todos e, finalmente, achou o ginásio dos seus sonhos: o Ginásio N. S do Carmo. Teve uma conversa com D. Olga e voltou decidida. Fiz o ginásio lá. E hoje sei porque minha mãe, também educadora, optou por essa escola. O ginásio de D. Olga era uma extensão de nossa casa e lá, mais que matérias, nós recebíamos valores, valores iguais aos que recebíamos de nossos pais – uma lição de ética (Memória Olga Pereira Mettig – 1914 / 2004).

Contudo, mesmo considerando toda a proposta educacional implantada, o Colégio Nossa Senhora do Carmo não suportou as modificações físicas e socioeconômicas, no início da década de 70, ocorridas no bairro em que ficava localizado<sup>61</sup>. Isso ocasionou um declínio na sua matrícula, levando a escola a sofrer uma grande perda financeira. Assim, em 1976, *Dona Olga* reuniu seus professores para informar-lhes a decisão de desativar o 1º grau do colégio, permanecendo, porém, com o Curso Normal. Nessa reunião, ela disse: “Estamos na época da

---

<sup>61</sup> O bairro, que até então era residencial, transformou-se em área de comércio, o que gerou uma migração das famílias para outros bairros mais afastados.

evolução. As coisas transformam-se dia a dia. Novos mercados de trabalho vão surgindo, exigindo cursos específicos e diferentes”. (MAGALHÃES, 2006). A fala sempre corajosa e determinada demonstra o pensamento de uma mulher que não se deixava abater pelas dificuldades e que, mesmo nos momentos de dificuldade e de tristeza, buscava confortar as outras pessoas.

Em 1982, com a continuação e o agravamento das dificuldades financeiras no Colégio, *Dona Olga* decidiu por fechar também o Curso Normal, encerrando as atividades do Colégio Nossa Senhora do Carmo. Para ela, [...] “É um vazio que estou a sentir e já um início de solidão, esta coisa tão estranha e difícil de enfrentar”. (MAGALHÃES, 2006). No entanto, como era de sua natureza, nesse momento ela se dedicou completamente a seu outro pioneirismo – a Faculdade de Educação da Bahia – FEBA, primeira Faculdade dessa natureza no estado da Bahia.

Em 1967, esse mesmo prédio passaria a abrigar a Faculdade de Educação da Bahia, a primeira Faculdade de Educação do Norte/Nordeste.

## 4.2 Produção dos livros didáticos

A mesma inquietação que levou D. Olga a fundar a Escola Nossa Senhora do Carmo motivou-a a escrever, ao lado de Dona Lígia Lordello de Magalhães, sua amiga e companheira de trabalho por décadas, dezenas de livros didáticos, que foram amplamente adotados na Bahia e em outros estados brasileiros.

Foto 7 - Olga Pereira Mettig e Maria Lígia Lordello de Magalhães



Fonte: Acervo familiar



Os livros para variadas séries foram publicados entre 1950 e 1985. Naquele período, as editoras não lançavam livros para as primeiras séries, fazendo com que, durante mais de 20 anos, *Dona Olga* dominasse o mercado com as suas publicações. Ao todo, seus mais de 30 livros de Geografia, Gramática e História do Brasil, entre muitas outras áreas de estudo, ultrapassaram a marca de duas mil edições, número que, mesmo para padrões atuais, é considerado um grande sucesso editorial. Em entrevista concedida em maio de 1967, ao *Jornal da Bahia*, *Dona Olga* afirmava: “Alguns dos nossos livros didáticos são conhecidos e aplicados em todos os estados do Brasil, outros, apenas no Rio, São Paulo e Norte do país”.

Segundo relata Dídima Maria de Mello Andrade, ex-aluna de *Dona Olga*, em entrevista, os livros eram pautados na pedagogia tradicional e no tecnicismo:

Tive oportunidade de “estudar” nos livros escritos por D.Olga no ensino fundamental na década de 60, gostava muito, embora todos tivessem sua origem na pedagogia tradicional e no tecnicismo. Entretanto, convém ressaltar que, mesmo sem a reflexão necessária e a possibilidade de desenvolver o senso crítico, até mesmo por conta da metodologia adotada na época, tenho em mente de maneira muito presente todos os conceitos apresentados nas áreas do conhecimento, isso me encaminhava a uma vontade muito grande de conhecer a pessoa que despertou em mim o desejo de aprender a escrever. Digo escrever porque a minha professora me fez aprender todas as classes gramaticais definidas na Gramática da Língua Portuguesa e dizia: “*Não existe livro melhor que esse para quem quer aprender a escrever corretamente, não existe ninguém igual a D. Olga*”. Eu comecei a idealizar essa D. Olga que era mencionada por minha professora e, quando a conheci, comecei a admirá-la como uma profissional, firme, corajosa e comprometida com a causa da educação na Bahia (ENTREVISTA DÍDIMA ANDRADE, 2007).

De acordo com a Revista Néon (2004), a experiência da sala de aula levou *Dona Olga* a perceber a carência de um material didático compatível com sua metodologia de ensino. O primeiro livro a ser publicado foi em 1950. Ela afirma que “Tudo começou em 1948, quando os alunos reclamavam das letras miúdas da gramática de Gaspar de Freitas, a mais utilizada então”. Propôs, então, à Maria Lígia, fazer uma gramática para os alunos e acrescentar a ele o material que preparava para as aulas e alguns exercícios que testavam com os alunos do Colégio Nossa Senhora do Carmo. Quando o livro ficou pronto, o levaram à Editora do Brasil.

De início, dois mil exemplares da gramática foram vendidos apenas entre os alunos do colégio Nossa Senhora do Carmo. Mas não demorou para que outras escolas o requisitassem. O livro “*Primeiras Noções de Gramática Portuguesa*”

alcançou a marca de 372 edições e 1.852.000 exemplares vendidos. A gramática escrita por Dona Olga e Dona Lígia passou a ser o carro-chefe das vendas da Editora. A demanda foi tanta que a Editora do Brasil acabou se instalando em Salvador. Primeiro em Pirajá, depois na Rua da Mangueira, vizinha às Faculdades Integradas.

**Imagem 1 – Capa do livro Minha Primeira Gramática Portuguesa**



Fonte: Acervo familiar

Recorrendo a uma entrevista de *Dona Olga*, no *Jornal Correio da Bahia*, pude observar como era o fazer pedagógico naquela época:

Naquele tempo não haviam livros didáticos para séries iniciais, as professoras, quando iam dar aula, copiavam o assunto no quadro para que seus alunos transcrevessem nos seus cadernos. Quando vi isso, julguei um erro, pois nesse sistema os equívocos cometidos pelos professores eram repetidos pelos alunos. Conversando com uma de minhas professoras, cheguei à conclusão de que precisávamos fazer livros e ela concordou comigo. No dia seguinte, começamos a elaborar a gramática. Eu fui pessoalmente à Editora do Brasil, que estava lançando livros na Bahia, solicitar a nossa encomenda. Eles aceitaram – é verdade que com má vontade, pois eles preferiam livros para ginásio – e publicaram 2000 exemplares. A gramática veio feia e errada, mas nós corrigimos livro por livro. A procura foi tanta que, imediatamente, tiraram cinco mil. O sucesso das vendas foi tanto que a Editora do Brasil nos encomendou um livro de Geografia, um de História do Brasil e um de Ciências Naturais. Foram no

total 32 livros publicados. Para você ter uma idéia da dimensão do nosso trabalho, vale a pena lembrar que dominamos esse mercado na Bahia durante 20 anos, dos anos 50 até 70. Acredito que a aceitação tenha sido pelo fato de estarmos, verdadeiramente, ensinando. Quando íamos constituir qualquer exercício, tínhamos em mente as necessidades e as possibilidades reais dos alunos. Todas as nossas publicações eram adequadas à realidade do alunado. (1998, p. 8)

Segundo declaração dada na mesma entrevista: “[...] quando começou a nos fazer mais encomendas e mandou nós fazermos uma coleção de livros de leitura, nós fizemos com o título *A Infância Brasileira* que se dividia em cartilha, primeiro, segundo, terceiro e quarto livro”. Após algum tempo de trabalho de parceria das professoras Olga e Maria Lígia, a coleção ficou pronta, a editora lançou e foi um sucesso. Conforme relato:

Veio mais encomendas, ele pediu uma de Geografia, isso em 1950. Seguindo a cada ano, ele nos dava uma encomenda. Não existia nada de geografia na Bahia, a gente preparava as aulas, escrevia no quadro muito tempo. Depois que surgiu o mimeógrafo. Nós preparávamos as aulas e testávamos na classe para ver se estava na compreensão do aluno. E saiu a primeira Geografia da Bahia para o terceiro ano, veio o pedido de uma Geografia do Brasil dividimos em regiões e fizemos uma Geografia para o quarto ano, então ele pediu um para a cidade de Salvador, fizemos para o segundo ano primário. Não parou por aí, ele nos encomendou uma coleção de Matemática. Foi a coleção mais difícil que eu achei. Ele pediu que fosse tudo junto 1, 2, 3 e 4 (quarto) ano primário. Trabalhávamos todos os dias sem domingo ou feriado porque quando chegava da editora a encomenda não era para dois ou três meses não. Era para ontem! Trabalhávamos muito até nas ilustrações (Jornal Correio da Bahia, 1998).

Assim, *Dona Olga e Maria Lígia Lordello de Magalhães* ficaram conhecidas como as autoras de uma renomada coleção de livros didáticos, destinados aos alunos do Ensino Fundamental – antigo Curso primário – da 1ª à 4ª série. Eles apresentaram os conteúdos programáticos das disciplinas: Português, Matemática, Geografia, História do Brasil e Ciências Naturais, escritos com grande dedicação, sabedoria e inteligência.

Imagem 2 – Capa do livro História do Brasil



Fonte: Acervo familiar

Estes livros tornaram-se referência para a facilitação do processo ensino-aprendizagem, nas escolas de 1º grau, já que apresentavam uma feição renovada, durante as décadas de 50 a 80, não somente em Salvador como em todo o estado da Bahia. A verdade é que dificilmente existe algum professor baiano de gerações mais antigas que não tenha estudado em um de seus livros. Este fato é comprobatório de que, direta ou indiretamente, todo baiano foi aluno de Olga.

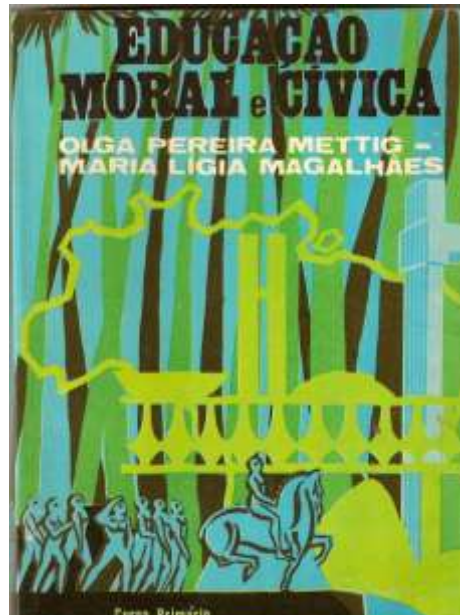
Segundo Augusta Emília, ex-aluna do Colégio Nossa Senhora do Carmo, atualmente professora da Faculdade Livre da Terceira Idade (Memória Olga Pereira Mettig – 1914 / 2004), de maneira pioneira estes livros introduziram, com uma linguagem didática e acessível a crianças, adolescentes e adultos, uma maneira dinâmica e moderna de se explicar os conteúdos a serem estudados, estabelecendo uma interação aluno e professor que os fazia vivenciar a realidade dos assuntos focalizados e dos conhecimentos adquiridos. Para Augusta, as autoras conseguiram, com essa nova metodologia, facilitar a vida escolar do alunado, frustrado em relação às dificuldades apresentadas em determinadas disciplinas, pois os livros de estudos utilizados na época não conseguiam despertar o interesse dos alunos, em virtude da linguagem impessoal, abstrata e de difícil compreensão.

Quanto ao método de ensino adotado nos livros, Olga declarou, em entrevista publicada no Jornal da Bahia (1967), que, quando preparava os livros, tinha o cuidado de escrever os seus textos com clareza, precisão e à altura da compreensão do aluno.

Ainda segundo Augusta Emília, os livros tiveram grande aceitação nas escolas públicas e privadas, concorrendo com publicações congêneres e primaram sempre pela excelente qualidade das suas lições, ricas em criatividade e originalidade de apresentação. Seus livros procuravam desenvolver habilidades e competências inerentes às propostas pedagógicas vigentes na época.

Com a publicação do Decreto-Lei nº 869, de 12 de setembro de 1969, que instituiu a Educação Moral e Cívica como disciplina obrigatória nas escolas de todos os graus e de todas as modalidades e com o movimento “Pra Frente Brasil”<sup>62</sup>, surgiu a necessidade de fundamentar uma educação dos princípios morais e cívicos pautados nos programas criados pelas Superintendências de Ensino. Assim Olga e Maria Lígia criaram um livro com esse tema para auxiliar o trabalho dos professores dessa disciplina. Este livro foi publicado até 1974, chegando a 25 edições.

**Imagem 3 – Capa do livro Educação Moral e Cívica**



Fonte: Acervo familiar

---

<sup>62</sup> Movimento surgido após o Golpe Militar de 1964 como parte da publicidade do regime militar para influenciar os brasileiros e promover o sentimento ufanista dos feitos do governo, veiculadas em todos os meios de comunicação, através de lemas, frases, músicas e do futebol.

Após alguns anos de publicação, como estratégia para não cansar o público e se manterem no mercado de publicação de livros, criaram um pseudônimo e registraram alguns livros com o nome de *Ana Paula*. “Essa foi a coleção: *Estudando Ciências, Estudando História, Estudando Geografia*. Eram livros grandes e bem ilustrados. O mercado nos mudou também” (Revista da Maioridade, 2002, p. 6).

Sobre o sucesso como educadora e como escritora, Olga dizia:

O que comanda o homem não é a inteligência, é a vontade, perseverança, prudência e justiça. Creio que só estes valores orientam o homem para o sucesso. A chave do sucesso em educação está no ideal. Entretanto, não me sinto plenamente realizada como educadora. A auto-realização consiste em fragmentos de instantes da vida de um educador, uma vez que a educação é um processo. Como tal é dinâmica e a realização completa lhe atribuí um sentido de estaticidade. Nenhum fato por si mesmo em educação é gratificante. Uma soma de experiências gratificam o educador. Por exemplo, a gratidão de alguns alunos, o sucesso de outros quando assume cargos que demonstram capacidade profissional. A gratificação do educador vem sempre do sucesso de outros (Jornal A Tarde. Caderno Mulher, 1987, p. 9.).

Segundo o Jornal Correio da Bahia (2000), nove em cada 10 baianos entre 37 e 57 anos de idade estudaram nos livros de Dona Olga durante o chamado curso primário. Os números impressionam. Em 20 anos, foram vendidos mais de 1 milhão de exemplares e publicadas 360 edições de 32 livros. “Fomos líderes do mercado de publicações nessa época”, conta professora Maria Lígia. “Até hoje, nos perguntam sobre as nossas obras”, orgulha-se.

Em 9 de março de 1972, o *Jornal Tribuna da Bahia* publica uma entrevista intitulada “*Professora Mettig defende livros didáticos e Reforma*”, na qual Olga reconhece a necessidade em fazer uma reformulação nas suas coleções, para que atendessem à Reforma do Ensino de 1971<sup>63</sup>, já que esta, se bem aplicada, seria um passo decisivo para o desenvolvimento da educação no país. Olga afirmava não ter sido pega de surpresa com essa reforma, pois, em seus Colégios, já havia iniciado o processo de reformulação. Na entrevista ela diz: “Algumas matérias como educação

---

<sup>63</sup> Reforma do ensino de 1º e 2º graus, proposta pelo Governo do General Emílio Garrastazu Médici, através da lei de nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, que, entre seus objetivos, destaca: “... b) no ensino de segundo grau, predomine a parte de formação especial (...) A parte de formação especial do currículo: a) terá o objetivo (...) de habilitação profissional, no ensino de 2º grau”. Este instrumento legal institucionalizou o ensino profissionalizante, capaz de atender ao mercado de trabalho, em detrimento das disciplinas de formação geral, especialmente as das Ciências Humanas, que, por esta lei, praticamente desapareceram do currículo do 2º grau (FONSECA, 1993, pp. 21-22).

artística, programas de saúde, ensino religioso e experiência do professor por área de estudo já eram ministrados nos meus colégios” (1972, p. 5).

*Dona Olga* defendia a Reforma do Ensino por acreditar que ela possibilitaria ao estudante de ensino de segundo grau ter uma profissão definida, o que não era possível, anteriormente. Desta forma contribuiu para uma mudança de mentalidade do professor, que passaria a dar mais formação ao aluno do que informação. Além disso, com o fim do exame de admissão, os alunos teriam maiores oportunidades para continuar na escola e, devido à exigência do Governo Federal, todos os diretores de escolas teriam nível Superior, o que para *Dona Olga* era fundamental para o desenvolvimento da educação no país.

Os livros deixaram de ser publicados em 1985, 18 anos depois da fundação, em 1967, da primeira Faculdade de Educação da Bahia - FEBA, e um ano após a criação da também pioneira Faculdade de Turismo da Bahia - FACTUR. “Paramos porque o trabalho na faculdade nos absorvia muito e percebemos que vinham surgindo outras boas publicações” (METTIG, 1998).

### **4.3 Faculdades Integradas Olga Mettig**

A professora Olga preocupava-se com os rumos da educação no Brasil, por isso decidiu criar o seu próprio “laboratório” de ensino. Acreditava que a educação era o único mecanismo capaz de ampliar a consciência do homem e proporcionar, assim, o progresso da civilização. Dessa maneira, fundou em 1967 a Faculdade de Educação da Bahia, utilizando a mesma filosofia que a impulsionou a criar a sua Escola – trabalho e amor. Tomando como base os relatos de Ney Campelo, Edvaldo Boaventura e Leda Jesuíno<sup>64</sup>, concluiu que a Faculdade de Educação contribuiu para a melhoria da qualidade da formação docente na Bahia.

Aos 70 anos planeja e cria, na década de 80, a Faculdade de Turismo e o Centro de Estudos de Pós-graduação Olga Mettig. Inaugurou, em 1982, a Faculdade Livre da Terceira Idade e, posteriormente, a Faculdade de Administração em Comércio Exterior, em 1998. O dinamismo de *Dona Olga* era tão surpreendente que

---

<sup>64</sup> Consultar Anexos BN, BQ e BR.

a levou a administrar, pessoalmente, a Faculdade de Educação, Turismo, Administração e a Faculdade Livre da Terceira Idade.

A seguir, apresento as instituições de Ensino Superior por ela fundadas:

### **Faculdade de Educação da Bahia**

A professora Olga Pereira Mettig demonstrou ser uma mulher de visão educacional e comunitária ao deixar-nos como legado sua luta em prol da melhoria da qualidade da educação no país. Assumindo um papel atuante na história da educação, realiza mais uma conquista com a fundação da Faculdade de Educação da Bahia – FEBA, em 27 de abril de 1967. Antes de concretizar tal feito, conforme matéria divulgada na Revista Néon (2004), *Dona Olga* viajou para o Rio de Janeiro, na época capital do Brasil, buscando maiores informações para a fundação da Faculdade. Encontrou diversas dificuldades que a levaram, inclusive, a duvidar da realização de sua obra, mas, mesmo assim, manteve-se persistente em sua labuta.

Participando de um Congresso de Educação, em Santa Catarina, *Dona Olga* recebeu a orientação de uma professora para enviar uma carta à autoridade competente, o ministro da Educação, convidando-o a visitar Salvador, pois, assim, aumentariam as possibilidades de construir sua faculdade.

Segundo afirma Lígia, *Dona Olga* não se conformava com o fato de suas alunas concluintes do Curso Normal dedicarem-se exclusivamente à vida doméstica. Defendia que elas precisavam continuar seus estudos, seguir carreira. Percebia que o Curso de Pedagogia da Universidade não atendia às necessidades do professor das séries iniciais e que precisava aprofundar seus conhecimentos em Psicologia Infantil, Psicologia da Aprendizagem, Metodologia e Prática de Ensino, disciplinas que deveriam compor um currículo digno de um curso de formação de professor do Ensino Primário. Isso se confirma pela entrevista:

A criação da Faculdade de Educação surgiu do desejo de ver suas alunas normalistas, concluintes do Curso Normal, continuarem seus estudos, aperfeiçoando sua formação para o magistério. Que estes estudos fossem em nível superior com especialização para o exercício profissional (METTIG, 2002, p. 12).

A FEBA obteve seu reconhecimento efetivo pelo parecer n° 618 do Conselho, homologado pelo Decreto Presidencial n° 67.434, publicado no Diário



Oficial de 29 de outubro de 1970. Segundo afirma a ilustre educadora, [...] “foi conquistado com muita persistência, compreensão, dedicação e amor” (In CASTRO, 1977, p. 11). Apresenta um caráter educacional e de pesquisa, oferecendo a seus alunos o grau de licenciatura em Pedagogia e especialização em Administração, Supervisão Escolar e Orientação Educacional. A professora Olga tinha como principal objetivo formar um profissional comprometido com as questões educacionais e que contribuísse, efetivamente, para a educação do seu estado. Assim, a FEBA foi criada com a proposta de educar para a vida, partindo da contextualização do fazer pedagógico dentro da realidade educacional e centrando sua meta no ideal do ser educador pleno:

[...] Faculdade de Educação, instituição controversa nas suas bases estruturais, discutível nos seus objetivos instrucionais e, mais do que isso, envolvendo perplexidade na análise dos seus fins últimos, na sua própria filosofia de ser, uma vez que, indiscutivelmente trata-se de uma instituição que se propõe a formar não apenas professores, mas pedagogos, ou seja, aqueles teóricos que deverão orientar, supervisionar e planificar, administrar os próprios professores, com a experiência dos mestres e a sabedoria daqueles que sabem ver o próprio cristal com que observam o mundo (SANTOS, 1977, p. 47).

A FEBA era considerada uma Faculdade referência em educação, até mesmo por ter a professora Olga como diretora. Afinal, era uma profissional conceituada e bem relacionada no campo educacional e político. Segundo dados coletados nas entrevistas com ex-alunos da FEBA, verifico que dava continuidade à filosofia dos Colégios de *Dona Olga*, trazendo os princípios da escola tradicional e primando pelos valores morais, pela disciplina, pela organização, pela virtuosidade humana, dentre outras questões que mereciam o reconhecimento da sociedade da época. Percebo, também, que o foco na qualidade da formação do educador era prioridade para a professora Olga, a qual acreditava que a educação era a principal forma de se construir uma sociedade mais justa, desenvolvendo, dentre outros aspectos, o respeito, a cidadania e o amor ao próximo. Em entrevista disse:

Olha, a faculdade antes era uma escola de cunho religioso [...] e talvez a faculdade, não sei se é bem essa a palavra, herdou um pouco desse carisma religioso lá da escola de ensino médio, não é? Porque a gente estudava na faculdade, era tudo assim muito certinho, muito direitinho, os professores não faltavam, parecia mais uma escola religiosa do que mesmo uma faculdade [...]. Os professores não faltavam, os horários bem organizados [...] não tinha greve e eu tinha interesse em terminar o curso porque eu tinha filho pequeno e não queria mais ficar perdendo tempo e não

era assim mais tão nova, [...]. Os professores obedeciam a todas as determinações e a direção pra mim era extremamente autoritária, os professores obedeciam a direção da faculdade, mesmo havendo uma coordenação quem determinava era a direção, da pessoa, da professora Olga (ENTREVISTA DÍDIMA ANDRADE, 2007).

Segundo a entrevistada, a faculdade mantinha uma postura neutra frente aos problemas políticos e econômicos da época, não encorajava questionamentos relacionados às políticas públicas, até mesmo por ser uma faculdade elitizada. Dídima afirma que a maioria dos estudantes era de classe média-alta, geralmente, mantendo-se distante dos problemas das classes populares. Apesar de não favorecer o desenvolvimento do senso crítico do indivíduo, nem de estimular a formação política, na época presente nas faculdades públicas, a FEBA era referência pela preocupação de *Dona Olga* com a formação didática do professor, sua capacitação para ensinar, sua formação moral. Dídima cita, ainda, que, quando fez seu mestrado em educação, percebeu que trazia um alto nível de embasamento teórico, recebido na graduação da FEBA. Apesar de o ensino ser conteudista e extremamente tradicional, atendia às suas necessidades.

*Dona Olga* afirma, em entrevista ao Jornal A tarde, que a filosofia da Associação Cultural e Educacional da Bahia (ACEBA), entidade mantenedora da faculdade, era entender o ser humano como essência de tudo. Sua meta era formar pessoas que pautassem suas ações na ética e na moralidade, que, com sua criatividade, fossem capazes de transformar o meio social no qual estivessem inseridos. Conforme entrevista:

[...] educar por meio de ensino, pesquisa e extensão, pessoas de visão crítica, capazes de agregar valores e se realizarem pessoal e profissionalmente, sustentadas por princípios éticos, democráticos e de cidadania (METTIG, 2002, p. 12).

Ainda segundo entrevista no Jornal A Tarde, Olga considerava o período em que Anísio Teixeira foi Ministro da Educação como uma fase áurea para a educação da Bahia: “Foi um período de muito progresso”. Outra fase importante foi a do doutor Isaías Alves, criador da Faculdade de Filosofia e Ciências. Nessa entrevista, Olga lamenta a proliferação de faculdades na capital, o que considerava negativo.

Ney Jorge Campelo, atual Secretário Municipal de Educação, ex-aluno da FEBA, fala do espírito empreendedor de *Dona Olga* e de sua preocupação em acompanhar de perto o andamento dos trabalhos em suas instituições. Recorda que

todas as decisões tinham que passar pelo crivo de *Dona Olga*, apesar de ela contar com uma equipe de gestores. Afirma, ainda, que as questões políticas podiam ser discutidas no espaço acadêmico, embora a instituição apresentasse um projeto político-pedagógico tradicional. O próprio contexto histórico daquela época favorecia tais discussões, início da década de 80, tempo em que se pretendia a redemocratização do país através de eleições diretas. Conforme Ney, “muitos acontecimentos na conjuntura política brasileira, favoreciam muito o debate político interno, no ambiente universitário, [...] era uma escola eminentemente feita por mulheres, o público de alunos era de mulheres, eu era um dos poucos alunos homens [...]”. Para o entrevistado, este fato, a princípio, dificultou o desenvolvimento do trabalho realizado frente à presidência do Diretório Acadêmico da Faculdade. As próprias alunas reagiam ao ver “um homem querendo liderar as mulheres da faculdade” e a própria faculdade apoiou esse momento de resistência, que, segundo ele, “não vingou”. Segundo entrevista:

A FEBA era considerada uma faculdade, uma IES especializada em educação. Havia uma referência de Faculdade de Educação da Bahia, como a faculdade com maior grau de “expertise” de especialização na formação pedagógica. Então essa razão foi que me levou. [...] não era uma faculdade com um Projeto Pedagógico que pudesse viver de influência Freiriana ou de Anísio Teixeira, eu não via isso no Projeto Pedagógico, ele tinha um formato mais ou menos da pedagogia tradicional, o curso, mas era uma faculdade que nós tínhamos acesso a esses livros, a essas informações e eram debatidas em sala de aula. A faculdade não é só o seu projeto ou a qualidade de seu dirigente, ela também é o contexto em que está inserida. E nós estamos falando do início da década de 80, ou seja, o processo de redemocratização do país, eleições diretas que vinham logo em seguida, muitos acontecimentos na conjuntura política brasileira que eu acho que favoreciam muito o debate político interno, no ambiente universitário (ENTREVISTA NEY CAMPELO, 2007).

Quando questionado sobre a posição de *Dona Olga* no que diz respeito às ações do DA, Ney afirma que, apesar das suas restrições ao movimento, nunca teve nenhuma atitude repressora. O DA realizava assembléias no pátio da faculdade com todos os alunos reunidos. Apesar de não haver nenhum contato mais próximo ou nenhuma relação entre o DA e a professora Olga, eles tinham um espaço próprio na faculdade, visitavam as salas de aula sem nenhum impedimento. Conforme entrevista:

Não me lembro de grandes avanços no atendimento aos pleitos. [...] Eu me lembro que o que era o fio condutor no caso da faculdade era a

mensalidade, e não houve atendimento a esse pleito, ela manteve a mensalidade [...] (Idem, 2007).

Ainda segundo Ney, sob o ponto de vista da função social da educação, quem dava o tom ao debate pedagógico eram os alunos. Afirma que, em 1981, através do diretório da FEBA, Paulo Freire veio pela primeira vez à Bahia, para participar do I Encontro Nacional dos Estudantes de Pedagogia (ENEP). Para Ney, *Dona Olga* representava competência acadêmica, conforme entrevista:

[...] ela se notabilizou pela qualidade, era uma pessoa consistente, era uma educadora que conhecia educação, que conhecia as teorias da educação, a prática educativa [...]. Eu diria também que compromisso é um outro valor [...], a faculdade é uma faculdade séria [...] que tinha credibilidade pelo seu compromisso com o pedagógico, com a formação docente [...]. Do ponto de vista, digamos assim, teórico, conteudista, era uma faculdade de excelência acadêmica, e isso estava muito no perfil, na personalidade de Olga [...] (Idem, 2007).

Ney ainda se recorda dos tablados sobre os quais os professores davam aulas e que configurava a posição de superioridade do professor frente aos alunos e era perfeitamente compreensível, considerando o contexto e as características conservadoras da educação da época. Quando questionado sobre o legado deixado por *Dona Olga*, Ney considera que sua obra é importante pois, em um país marcado pelas diferenças de gênero, onde a mulher ocupa uma posição secundária na sociedade, sobretudo em cargos gerenciais e que privilegia os grandes pensadores, educadores, filósofos sua força ficou patente e reconhecida. Afirma que *Dona Olga* ousou priorizar a educação em sua vida ao longo do tempo e que, independentemente do modelo pedagógico proposto por ela, se era tradicional ou inovador, não se pode negar a grande contribuição para a formação docente na Bahia. Ney Campelo, enquanto Secretário Municipal de Educação, informou que fará uma homenagem à Professora Olga Mettig, dando o seu nome a uma escola da capital baiana, assim como outras escolas terão os nomes de outras grandes educadoras baianas que contribuíram para a educação no estado como a professora Amélia Rodrigues.

Não só Ney aponta as qualidades de *Dona Olga*, como também Hermano Gouveia Neto, professor da FEBA e participante do Conselho Editorial da Revista da FEBA. Na edição da Revista da Faculdade de Educação da Bahia (1997), discorre sobre o currículo e as Atividades Programadas adotados pela instituição:

A Faculdade de Educação da Bahia foi o primeiro estabelecimento de ensino superior, não só na Bahia como no Brasil, que adotou as Atividades Programadas. Temos realizado uma série de experiências, muitas com êxito comprovado e que nos têm ajudado na renovação didática de nosso ensino, estimulando-nos, inclusive, para a permanente atualização dos conhecimentos das disciplinas que lecionamos (GOUVEIA NETO, 1977, p. 83).

Neste mesmo artigo, aborda a experiência acadêmica das Atividades Programadas e a resolução de sua autoria, adotada e votada pelo Conselho Departamental. Também defende a idéia de que é necessário ensinar além dos muros da Faculdade para dinamizar o ensino e motivar professores e alunos.

### **Centro de Pós-Graduação Olga Mettig**

Enquanto aguardava a aprovação do Projeto da Faculdade de Turismo, parado no Ministério da Educação, Olga preocupava-se com a especialização daqueles que concluíam o curso de graduação, segundo afirma a amiga Lígia, em entrevista:

Naquela época, somente as faculdades com mais de quatro anos de reconhecimento podiam instalar cursos de Pós-Graduação e a Faculdade de Educação da Bahia já havia completado dez anos de reconhecimento. Já era marcante o seu conceito acadêmico na comunidade (MAGALHÃES, 2006, p. 126).

Segundo relato de Lígia, *Dona Olga* foi incentivada pelo Professor Carlos Alberto Pedreira de Cerqueira, Coordenador Acadêmico da FEBA, a implementar o ensino de Pós-graduação por acreditar que o processo de aprendizagem não devia cessar jamais. O ensino de pós-graduação foi implantado na FEBA em 1982. O fato de a faculdade ter recebido o reconhecimento oficial possibilitava tal realização. O curso de especialização em Metodologia do Ensino Superior foi pioneiro na Bahia e, após anos de funcionamento, levou-a a criar o Centro de Estudos de Pós-graduação Olga Mettig, especializado em cursos de extensão e de pós-graduação ligados a diversas áreas. Em todos esses anos, muitos outros cursos de pós-graduação foram ministrados, procurando atender à demanda do mercado, conforme desejo da professora Olga Pereira Mettig. Ainda segundo relata Lígia Magalhães, em entrevista, todos os cursos, sejam de extensão ou de especialização, visavam dar

oportunidade de aperfeiçoamento àqueles que concluíram a graduação. Percebo que *Dona Olga*, ao mesmo tempo em que ansiava por novos conhecimentos, procurava oportunizar a que outros também tivessem oportunidades semelhantes e dessem continuidade aos estudos pois compreendia que aprender é um processo que não cessa nunca.

### **Faculdade de Turismo**

Lígia Magalhães afirma, em entrevista, que, em suas diversas viagens pelo mundo, *Dona Olga* observou a organização e a capacitação dos profissionais e dos serviços de turismo, o que a despertou para a necessidade de criar um curso de Turismo aqui na Bahia. Ela acreditava que o Turismo teria um futuro promissor no mundo contemporâneo, podendo ser uma das mais importantes alternativas para o desenvolvimento econômico, social e cultural do Brasil e de outros países em desenvolvimento. Segundo Lígia, com sua tenacidade, *Dona Olga* conseguiu a liberação do curso em 1984, quando já haviam sido criadas cinco faculdades no Brasil. Conforme entrevista:

A Faculdade de Turismo foi fruto de suas observações e experiências adquiridas em viagens e leitura de livros, revistas e jornais sobre o assunto. Com seu compromisso ligado à educação, idealizou uma instituição com a finalidade de preparar mão-de-obra, cientificamente especializada, para atender o turismo, promissor mercado de trabalho (ENTREVISTA MAGALHÃES, 2007).

Foram muitas as dificuldades para a formação do quadro de professores, com disciplinas de conteúdos inovadores nunca ministrados em sala de aula. O Conselho Federal de Educação exigia professores com formação específica. Segundo Magalhães (2006, p. 122), *Dona Olga* contou com a ajuda do sobrinho Francisco Senna, que trabalhava na Bahiatursa, órgão do governo responsável pela organização e desenvolvimento do turismo. Ao fazer indicações para o corpo docente, teve bastante dificuldades visto que o curso era composto por um currículo bem eclético, formado por disciplinas das áreas de administração e economia, dentre outras.

A tramitação do projeto durou três anos devido à exigência da avaliação das Faculdades em funcionamento pela Secretaria do Ensino Superior. Ainda segundo

Magalhães (2006, p. 123), *Dona Olga* aproveitou o tempo de espera para fazer contatos, participar de eventos relacionados ao turismo, realizar conferências e viajar em busca de novas experiências na área.

O curso foi autorizado em abril de 1984 e passou a funcionar no mesmo prédio da FEBA, no turno matutino, ocasião em que Doutor Marcelo Rocha, acumulando funções, assumiu a vice-diretoria das duas Faculdades, conforme afirma Magalhães (2006). A aula inaugural foi proferida por seu sobrinho Francisco Senna, que assumiu a Coordenação Acadêmica da Faculdade posteriormente. Depois de dois anos de funcionamento, a FACTUR ganha seu prédio próprio, na mesma Rua da Mangueira, em Nazaré.

### **Instituto de Educação Musical – 1992**

Carmem Maria Mettig Rocha, a segunda filha de Olga, afirma, em entrevista, que também foi contagiada pelo empreendedorismo da mãe, sendo estimulada a criar sua própria escola de música, ao aposentar-se como professora de Música da UFBA:

Tenho a convicção que a maior recompensa para uma mãe é sentir a admiração e afeição de seus filhos. Por isso declaro mais uma vez o grande reconhecimento pela minha formação, pelas gratas recordações da infância e juventude, sentindo sempre o orgulho de ser sua filha. Continuarei o seu sonho através das crianças e dos jovens do IEM e, em cada nota musical, cada canção e cada concerto lembrarei sempre o seu olhar sereno, seu discreto sorriso e seu belo ideal, que é também o meu objetivo de vida. (CARMEM ROCHA, Diretora do IEM e filha de Olga).

De acordo com o excerto da entrevista com Carmem, percebo a gratidão e o reconhecimento da influência da mãe em suas realizações tanto pessoais, quanto profissionais. *Dona Olga* possuía fina sensibilidade para perceber o quanto era importante a arte na formação de suas filhas e de seus alunos, assim proporcionou à sua filha o estudo da música, da dança, cursos de línguas, acompanhando-a nos inúmeros ensaios. Sempre incentivava a vocação artística de todos, acreditando que a arte era preponderante no despertar de uma personalidade verdadeiramente completa, pois desenvolvia a sensorialidade, a afetividade e a inteligência da criança. Conforme entrevista:

Ela sempre deu a maior força, sempre esteve presente em todas as minhas realizações artísticas, ela me apoiava desde pequena. O que mais admiro nela era ela saber o que era importante para a educação da gente. Proporcionou **atenção à crase) à** gente tudo que queria. Ela sabia que eu adorava arte, eu fiz balé, fiz piano, quando abriu a escola de Ginásio de Música [...] me botou, **que foi a minha vida, foi um curso maravilhoso.**

O Instituto de Educação Musical – IEM – não é somente uma escola voltada para a música, mas é uma escola que promove uma educação humana através da música, oferecendo vivências musicais sincréticas, seguindo o método do mestre belga Edgar Willems, conforme informações coletadas. O IEM trabalha com crianças a partir de dois anos, realiza um trabalho dinâmico, com uma equipe composta por profissionais qualificados e segue uma linha pedagógica reconhecida.

### **Faculdade Livre da Terceira Idade – 1992**

Idealizando um programa de crescimento pessoal e intelectual para as pessoas da terceira idade, *Dona Olga*, em mais uma atitude pioneira, criou a Faculdade Livre da Terceira Idade, uma de suas paixões, com o objetivo não só de levantar a auto-estima das pessoas como também de estender o período de aprendizado para um público até então pouco respeitado e assistido pela educação no Brasil.

Segundo depoimento de Dona Lígia, já existia um curso destinado às pessoas mais maduras em outro estabelecimento. Porém lá tratavam da prevenção de doenças e dos cuidados com a saúde. Ela afirma que Olga pretendia criar um curso no qual os participantes se sentissem bem, não se falasse em doenças, nem em velhice. Ela desejava desenvolver um projeto que incentivasse as pessoas a viajarem, a viverem mais intensamente a vida, com mais qualidade, um curso que fosse a extensão do Curso de Turismo e que oportunizasse ao idoso conhecer novos lugares, novas pessoas, outras culturas, consoante ao relato de Magalhães:

Neste projeto, não se fala em velhice nem em doenças. Quero um projeto como extensão do curso de Turismo. Que as pessoas sejam motivadas a crescer, viver uma nova qualidade de vida com mais sabedoria e entusiasmo (MAGALHÃES, 2006, p. 128).

A Faculdade da Terceira Idade surgiu com o objetivo de oferecer uma educação continuada e que trouxesse alternativas para uma melhor qualidade de



vida e desenvolvimento de habilidades que tornassem as pessoas mais úteis e respeitadas. Era um curso de extensão universitária, com atividades intelectuais, viagens culturais e turísticas, encontros de crescimento pessoal, eventos festivos e artísticos. A princípio, era composto apenas de dois semestres e uma idéia de renovar sua temática a cada semestre.

### **Faculdade de Administração em Comércio Exterior**

Em 31 de março de 1996, data máxima para a apresentação de projetos para a criação de novas faculdades, a equipe encabeçada por Olga apresentou o Projeto do Curso de Administração com habilitação em Comércio Exterior das Faculdades Olga Mettig, protocolado na Delegacia Regional do Ministério da Educação, em Salvador. Este projeto se expandiu, posteriormente, para mais duas habilitações: Tecnologia da Informação e Finanças e Mercado de Capitais; curso concebido como pioneiro na Bahia. A professora Olga contou mais uma vez com o apoio de sua equipe de trabalho que elaborou em tempo recorde, o projeto dessa Faculdade. A criação foi aprovada pelo MEC, em 31 de outubro de 1997, com ampliação das 50 vagas anuais previstas, inicialmente, para 100. Sob inspiração de *Dona Olga* a Faculdade implementou projetos de grande importância para a época: “Casa do pequeno engraxate”, “Café da manhã com pequenos empresários voltados ao comércio exterior”, “Prêmio da FGV ao empreendedorismo (apresentado no Rio de Janeiro), Projeto Treinar, Prêmio Guerreiro Ramos (pesquisa com vendedores de rua), dentre outros.

### **Faculdades Integradas Olga Mettig**

Mais uma vez incentivada pelo Professor Carlos Alberto Pedreira de Cerqueira, *Dona Olga* tomou a iniciativa de unificar as instituições, com base na Lei n. 9.394/96. Confiou à Professora Lícia Regina Moreira de Souza a elaboração do Regimento Unificado para criação e credenciamento das Faculdades Integradas Olga Mettig, o que ocorreu em 24 de maio de 2000, sob a portaria 674. Para dirigi-las, Olga designou o diretor da FEBA, Dr. Marcelo Augusto Carvalho Rocha, seu genro. Para vice-diretora, convidou a Professora Maria Augusta Cruz Abdon, uma amiga e companheira de lutas.

Percebo que, durante toda a sua trajetória, a professora Olga conseguiu, acima de qualquer coisa, manter sua reputação de mestra à frente de suas instituições de ensino. Seu nome serviu como referência em educação, conforme citam os entrevistados.

**Foto 8 - Sede das Faculdades Integradas Olga Mettig**



Fonte: Acervo familiar

#### **4.4 O pensamento pedagógico de Olga Mettig**

Olga sempre considerou a educação como um sistema, uma extensão, um produto de evolução da sociedade e que necessita ser adaptada ao meio. Algo que extrapola os muros da escola. Ao ser questionada sobre o pensamento pedagógico de *Dona Olga*, Lígia afirma:

O seu pensamento pedagógico era o de que a pessoa pode elevar-se e tornar-se membro de uma sociedade melhor. Que estas pessoas contribuíssem para o desenvolvimento de uma sociedade justa e solidária. Para isto, a formação destas pessoas estaria fundamentada nos valores morais, espirituais e de cidadania. A sociedade deveria ser composta de pessoas éticas, em busca da paz e da felicidade.

Acreditava que o papel da escola era a formação do ser humano integral, capaz de desenvolver seus níveis físicos, psíquicos e morais. Porém, em seu discurso e em sua prática, evidencia-se uma preocupação com a formação da personalidade, do desenvolvimento da cidadania através da boa conduta e dos bons costumes, como constata a citação. Segundo matéria divulgada no Jornal da Bahia (1967), o ensino ministrado no Colégio Nossa Senhora do Carmo era baseado na teoria psicogenética, de Jean Piaget, teoria esta que ganhou espaço no cenário educacional brasileiro a partir de 1970 e 1980. Segundo *Dona Olga*, “o mais aceito nas escolas modernas e de grandes vantagens para a aprendizagem e formação do educando”. É uma teoria que considera a origem do conhecimento, ou seja, como o educando aprende. Piaget era biólogo e observou o comportamento de seus filhos durante anos, o que lhe possibilitou formular uma teoria do desenvolvimento infantil, baseada em fases do desenvolvimento, que facultam ao educador a compreensão das dificuldades de aprendizagem demonstradas pelos educandos e as possíveis maneiras de minimizá-las. Trata-se de uma teoria que prima pela construção do conhecimento através da interação entre sujeito e objeto. O propósito da educação ensinada pela Professora Olga, nas palavras de Maria Lúcia Palmeira, Diretora da FEBA, em depoimento para a revista *Memória* (Olga Mettig 1914 / 2004):

[...] é formar mestras na arte de ensinar, desenvolver a ética profissional, o compromisso com o ser em desenvolvimento, foram valores semeados no terreno fértil da Faculdade de Educação da Bahia, a partir do desejo de construir gerações com visão crítica e com a proposta de interferir na sociedade, numa perspectiva humanística.

Vale lembrar que, segundo relato de Dídima, uma das ex-alunas entrevistadas, o pensamento pedagógico de Dona Olga evidenciava as influências da educação recebida por ela e do contexto social da época:

As bases estavam calcadas na pedagogia Tradicional, na verticalidade e no ideário tecnicista. Estudei no final dos anos 70 e início de 80 e todo processo de ensino na Bahia sofria os resultados do golpe de 1964. A FEBA não fugia à regra, embora alguns professores buscassem novas metodologias para discutir, em sala de aula, mesmo que de forma tímida. Apesar de os estudantes serem politizados e os diretórios acadêmicos estivessem reconquistando o seu espaço, ainda era difícil dialogar na faculdade.

Segundo a entrevistada, com uma filosofia de vida pautada na religiosidade e na fé, Olga Mettig apresenta uma educação inovadora, com alguns traços

conservadores. Assim, percebo que existia uma liberdade vigiada pois Dona Olga preocupava-se em não perder o controle das coisas, do andamento dos projetos, da administração das instituições, etc. Ao mesmo tempo em que incentivava o jovem a descobrir seus anseios individuais, é contraditória quando estabelecia limites rígidos, que precisavam ser cumpridos impreterivelmente, o que é demonstrado nos relatos.

Para *Dona Olga*, o professor é o detentor do saber e o aluno um ser que precisa ser estimulado a desenvolver-se. Apesar de aceitar o fato de ele trazer alguns conhecimentos e não ser uma tábula rasa, sua definição de educação confirma tal crença:

[...] em breve definição poderemos dizer que a educação é a ação do adulto que influi externa e sistematicamente sobre a criança, o adolescente e o jovem com o fim de estimular o pleno desenvolvimento do homem integral (METTIG, 2002).

O trecho do discurso da sessão de colação de grau, de 1977, ilustra o seu pensamento quanto à educação, à missão do educador e ao papel da escola, frente aos desafios da vida e à necessidade de integração entre lar e escola para o bem-estar dos jovens, das crianças e dos adolescentes. Para *Dona Olga*, “a missão do educador moderno é repensar os fins da sua atuação e recriar processos pedagógicos que os atualizem”. Assim, confirma sua preocupação com a formação do professor, sua capacitação para a prática docente e o compromisso com a reflexão sobre sua prática. [...] “Educar não é dar aos outros nossas riquezas. É despertar alguém para alguma coisa”. A responsabilidade do professor frente às necessidades desses jovens é visível em tal discurso, principalmente por ser encarada como uma missão “elevada e proveitosa”. *Dona Olga* afirma que o homem é um ser educável e que a educação pode torná-lo um ser melhor, sem “deformações”. Encarava a educação como um processo permanente, ininterrupto que, para ser autêntico, deveria primar pela virtuosidade do ser humano, “em busca de suas fraquezas e temores, de suas fortalezas e aspirações”. Portanto, é importante que a escola e família comunguem dos mesmos objetivos e trabalhem juntas em prol dessa realização. Discorre, também, sobre o fato da escola e da sociedade priorizarem o desenvolvimento intelectual do indivíduo, negligenciando toda a sua vida psicológica, por ignorarem que o homem não é somente formado por uma estrutura mental, intelectual. Ela ainda coloca a família como principal

responsável pelo equilíbrio psicológico do educando e pela harmonização do seu ser.

Apesar das afirmações de alguns entrevistados sobre *Dona Olga* não eleger nenhum pensador ou teoria da educação, encontro, em seu discurso, vestígios de sua admiração pela obra de John Dewey, o grande inspirador de Anísio Teixeira na defesa pela escola pública, gratuita, de qualidade e democrática, a escola em tempo integral:

Nos dias presentes não podemos deixar de reconhecer na obra filosófica – pedagógica de John Dewey a expressão mais positiva do pensamento do século XX em matéria de Educação. Podemos dizer que o grande filósofo e educador norte-americano, falecido em 1959, é a figura mais representativa e marcante da pedagogia contemporânea. O princípio mais característico de seu sistema educacional é a associação do ensino com as atividades exercidas em ambiente de vida social, através de instituições extra-curriculares. [...] A nossa Lei de Diretrizes e Bases possibilitou a aplicação dos princípios educacionais de Dewey nas escolas brasileiras, objetivando assim, 'O DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DA PERSONALIDADE HUMANA E A SUA PARTICIPAÇÃO NA OBRA DO BEM COMUM' (JORNAL TRIBUNA DA BAHIA, 1972).

Olga comunga com a filosofia de Dewey por acreditar que compete à educação o desenvolvimento das aptidões e vocações do ser humano já que possibilita uma boa formação profissional, sem negligenciar os aspectos emocionais e afetivos, a formação do caráter e a preparação para uma vida em sociedade.

O sobrinho neto de Olga, Francisco Senna, fala sobre sua preocupação em valorizar os talentos das pessoas, em incentivá-las a estudar e a fazer carreira, em buscar capacitação e não se acomodar nunca, pois considerava que a educação é um processo contínuo:

Ela tinha uma percepção muito grande, quando ela percebia algum tipo de talento em alguém, ela convidava aquela pessoa, conversava, trazia pra perto dela, sabia captar isso (ENTREVISTA SENNA, 2007).

Segundo dados coletados nas entrevistas, concluo que o diferencial teoricamente apresentado por Olga Mettig é, justamente, oferecer uma formação voltada à práxis pedagógica, pautada no pioneirismo de seus currículos e na solidez dos princípios norteadores da sua proposta pedagógica que serão evidenciados no capítulo a seguir.

# CAPÍTULO V

## CONTRIBUIÇÕES DE OLGA METTIG À EDUCAÇÃO BAIANA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

*...sinto-me muito realizada. Não completamente, porque ainda quero fazer mais alguma coisa. Mas o que fiz gostei de ter feito. Em tudo existia muito amor, devotamento, justiça, equidade...*

Olga Mettig

É inegável a importância e a representatividade do nome da educadora Olga Mettig na construção da história da educação na Bahia, principalmente no período de 1950-1970, por se tratar do período de maior produção intelectual da educadora. Como constatei através das entrevistas, relatos e reportagens publicadas nos diversos meios de comunicação da Bahia, seu nome é carregado de história, principalmente, por ser uma mulher determinada a atingir seus objetivos em favor da formação docente e da educação na Bahia. Seu trabalho representa a certeza de que investir no ser humano ainda é a melhor maneira para construirmos um futuro melhor. Afinal, o homem é o produto de suas ações que terão reflexos no meio em que vive.

*Dona Olga* foi um exemplo na educação baiana, apesar de ser uma pessoa conservadora, rígida em seus princípios e crenças, dura nas suas posições, exigente quanto ao método de trabalho em suas instituições. Sua história pessoal e profissional foi dedicada ao trabalho, com destacado amor à profissão, muitas vezes relegando a segundo plano questões pessoais e priorizando as necessidades profissionais.

O aspecto empreendedor e pioneiro de *Dona Olga* é revelado no momento em que estudo o espaço-tempo histórico de suas realizações, visto que todas essas

obras surgiram em uma sociedade patriarcal, época em que a mulher não tinha vez, nem voz. Igualmente, seu dinamismo provocou novas reflexões na sociedade da época, pois Olga nunca se conformou em ser expectadora da história, buscando fazer sua própria história e contribuir com a história de muitos outros indivíduos que, direta ou indiretamente, conviveram com ela e assim foi responsável por relevantes serviços prestados à formação do professor na Bahia. Falo, aqui, de uma educadora mulher que já era referência na educação no início da década de 70, num país até hoje muito marcado pela diferença de gênero, onde a mulher ocupa uma posição secundária na sociedade.

Os relatos orais ouvidos ao longo da pesquisa me fazem reconhecer o trabalho de *Dona Olga*, sua dedicação profissional, sua contribuição à educação baiana. A educadora, motivada pela deteriorização gradativa do ensino público e influenciada pelo contexto cultural em que estava inserida, criou e dirigiu, ao longo de mais de quatro décadas, instituições de ensino em todos os níveis. Atendeu a diversas faixas etárias, buscando sempre a formação de pessoas capazes de agregar valores à sociedade, realizarem-se pessoal e profissionalmente e sustentadas por princípios éticos, democráticos e de cidadania.

Apresentei ao longo do trabalho sua trajetória de vida pessoal e profissional. *Dona Olga* criou e dirigiu a Escola Nossa Senhora do Carmo (em 1948), o Ginásio Nossa Senhora do Carmo (em 1951), o Colégio Nossa Senhora do Carmo (em 1955), a Faculdade de Educação da Bahia (em 1967), o Centro de Pós-Graduação Olga Mettig (em 1982), a Faculdade de Turismo (em 1984), o Instituto de Educação Musical (em 1992), a Faculdade Livre da Terceira Idade (em 1992), a Faculdade de Administração (em 1996) e as Faculdades Integradas Olga Mettig (em 2000). Foi mais além ao publicar livros didáticos, de 1950 a 1985, que foram utilizados, durante três décadas, pelas melhores escolas da Bahia e em outros estados do Brasil.

Maria Lazara, ex-aluna da FEBA, diz que o reconhecimento advindo da criação dos livros didáticos trouxe confiabilidade e respeito ao nome de *Dona Olga*. Através dos relatos orais, verifiquei que muitas pessoas iam estudar na FEBA devido ao nome da Professora Olga, pois queriam conhecer o trabalho da mulher que revolucionou o ensino primário com os livros que, para a época, eram inovadores e favoreciam a aprendizagem dos alunos. Apesar de apresentarem um formato tradicional, com conceitos fechados, sem permitir o desenvolvimento do senso crítico

do educando, Dídima, outra ex-aluna, confirma que os livros didáticos de Dona Olga eram os preferidos, por serem mais coloridos, por trazerem mais conceitos sobre os conteúdos. Dídima diz, inclusive, que foi estudar na FEBA motivada a conhecer a figura da mulher responsável por escrever os livros que fizeram parte de sua formação no curso primário, atual Séries Iniciais do Ensino Fundamental.

Carmem Rocha relata que Olga acalentava um grande sonho, “o sonho dela era o Instituto Normal Superior. Em 2002 o MEC definiu as políticas para sua criação, porém o fechou em 2006, passando a ser chamado, novamente, de Curso de Pedagogia. Ela sonhava com ele”. Carmem assegura que Dona Olga não concordava com a licenciatura no curso de Pedagogia, por não formar “bem” o professor de Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Se estivesse viva, certamente, ficaria “chateada” com o fechamento do curso. Carmem conta que a mãe organizou o Curso Normal Superior das FAMETTIG com tanto empenho que, quando a comissão do MEC veio inspecionar, ficou encantada com a organização do programa. Porém, mesmo assim, não logrou êxito a sua abertura. Segundo Lígia Magalhães, se estivesse viva, *Dona Olga* protestaria contra o fechamento de um curso tão importante.

Segundo depoimento de Lícia Regina Moreira de Souza, “A possibilidade de olhar o caminho que estava percorrendo com uma visão diferente, ‘a visão dos pássaros’, organizou seus pensamentos e idéias, orientando-a na escolha de alternativas e tomadas de decisões” (Memória Olga Pereira Mettig – 1914 / 2004). Segundo a amiga, as raízes de seu empreendedorismo estão nos seus sonhos de criança. Sonhos esses que a impulsionaram a agir, persistentemente, em busca das grandes realizações.

Dentre as diversas contribuições da Professora Olga, segundo relato de Lígia Magalhães, a Faculdade da Terceira Idade era “a menina dos seus olhos”. Lígia conta que, quando viajava, a amiga observava as excursões de idosos, todos sempre tão dispostos e felizes, questionando-se sobre uma maneira de ajudar os idosos da sua cidade a sair de casa e a buscar desenvolver atividades diferentes, que lhes possibilitassem conhecer outros lugares, fazer amigos, esquecer das doenças e das dificuldades próprias da idade.

Mesmo considerando que seu trabalho se apoiava no tradicionalismo educacional e que demonstrava autoritarismo, o que é capaz de gerar críticas, não



posso deixar de perceber, através dos relatos orais e dos documentos analisados, que *Dona Olga* contribuiu muito para a formação de profissionais da educação. Isso porque tiveram a base da formação nas instituições criadas e dirigidas pela educadora, num momento em que, no país, as liberdades democráticas eram muito restritas.

O reconhecimento do legado que professora Olga Mettig deixa para a educação baiana é marcado por seu compromisso com a educação, por reconhecer sua importância como estratégia de transformação social e humana, no que se refere tanto ao desenvolvimento socioeconômico quanto à promoção humana. O que mais marca Olga Mettig é o seu papel de mulher educadora, que ousou priorizar a educação ao longo de toda sua existência. Ainda que se questione o modelo pedagógico imprimido por ela, por não se tratar de um modelo inovador, era um esforço de socialização de conhecimento de uma instituição de ensino privada na cidade de Salvador.

Olga Mettig foi reconhecida pela sociedade ao longo de toda a sua vida profissional. No decorrer das mais de quatro décadas, reportagens e entrevistas sobre sua vida e obra foram realizadas e publicadas, além das homenagens recebidas<sup>65</sup>, como já apresentado neste trabalho. Tais homenagens abrangem as manifestações póstumas e os pronunciamentos dos mais diversos segmentos da sociedade. Após sua morte (em 2004), a sociedade acadêmica, consternada com o ocorrido, registrou a grande perda para a educação baiana e autoridades políticas, dirigentes de instituições de ensino de nível fundamental, médio e superior, amigos, ex-alunos, profissionais da educação e prestadores de serviço das instituições criadas por ela prantearam sua memória.

Assim, busquei traduzir a importância da professora Olga, por meio da realização de um estudo que contribua para a história da educação, o qual centra-se na trajetória de vida e na análise do pensamento pedagógico da educadora Olga Mettig e, mais especificamente, suas contribuições para o processo de formação docente. Procurei entender os percursos formativos e as decorrências do seu

---

<sup>1</sup> Sobre as homenagens póstumas, afirmo que, no processo final da escrita deste trabalho, foi-me possível contatar com este material disponibilizado pela família. Parte deste acervo encontra-se anexado ao trabalho, permitindo-me reafirmar a implicação da educadora Olga Mettig para a constituição da formação de professores para o Estado e para o campo da História da Educação na Bahia. Fica aqui a intenção e a potência que esta fonte abre para outros trabalhos e diferentes leituras sobre o papel desta educadora no contexto educacional baiano.

pensamento pedagógico na constituição do magistério baiano no espaço-tempo histórico delineado.

Vale ressaltar que este estudo não pretende esgotar o tema, principalmente por perceber que as análises provenientes da pesquisa bibliográfica podem ser aprofundadas e apontam para novas investigações e enriquecimento, conforme a necessidade assim exija. Afinal, nunca devemos nos contentar com o essencial e uma pesquisa deve trazer contribuições para todos. Sendo assim, devemos ultrapassar nossos limites. Pensando que sempre pode ficar melhor.

Peço licença para concluir este trabalho com um pensamento de Dona Olga, pois entendo que ele representa suas idéias sobre educação e os motivos para a realização de suas obras:

O que comanda o homem não é a inteligência, é a vontade, perseverança, prudência e justiça. Creio que só estes valores orientam o homem para o sucesso. A chave do sucesso em educação está no ideal. Entretanto, não me sinto plenamente realizada como educadora. A auto-realização consiste em fragmentos de instantes da vida de um educador, uma vez que a educação é um processo. Como tal é dinâmica e a realização completa lhe atribui um sentido de estaticidade. Nenhum fato por si mesmo em educação é gratificante. Uma soma de experiências gratificam o educador. Por exemplo, a gratidão de alguns alunos, o sucesso de outros quando assumem cargos que demonstram capacidade profissional. A gratificação do educador vem sempre do sucesso de outros (JORNAL A TARDE, Caderno Mulher, 1987, p. 9, grifo nosso).

## REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org). *História e histórias de vida: destacados educadores fazem a história da educação rio-grandense*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- ANDREOTT, Azilde L. *Leis Orgânicas do Ensino de 1942 e 1946 ou Reforma Capanema*. Disponível em: <[http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/glossario/verb\\_c\\_leis\\_organicas\\_de\\_ensino\\_de\\_1942\\_e\\_1946.htm](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/glossario/verb_c_leis_organicas_de_ensino_de_1942_e_1946.htm)>. Acesso em: 08 jun 2007.
- APPLE, Michael W. *Ideologia e Currículo*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006
- AQUINO, Luciene Chaves de. De Escola Normal de Natal a Instituto de Educação Presidente Kennedy (1908–1965): uma referência na formação docente no Rio Grande do Norte - um lugar generificado. *Revista da FAEEDBA – Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 14, n. 24, p. 87-102, jul./dez., 2005.
- BARRETO, Angela. Entrevista com Olga Mettig. *Jornal A Tarde*. 13. jan. 1991. p. 9.
- BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: PRIORE, Mary Del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2001. p. 607 - 639.
- BISPO JR, Jorge S. *Construindo a masculinidade na escola: o colégio Antônio Vieira (1911-1949)*. Dissertação de Mestrado, UFBA, 2004.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983.
- CASTRO, Celso, D'ARAUJO, Maria Celina e SOARES, Gláucio Ary Dillon (Orgs.) *Visões do golpe. A memória militar sobre 1964*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- CASTRO, Dinorah d'Araujo Berbert de, Uma Educadora de Escol: Olga Pereira Mettig (Dados biográficos). In: *Revista da Faculdade de Educação da Bahia*. nº 1, v. 1, Salvador – Bahia, Ano 1977, p. 7-14.
- CATANI, Denice Bárbara; BUENO, Belmira Oliveira; SOUSA, Cynthia Pereira de; e SOUZA, Maria Cecília C. de. (Orgs.). *Docência, memória e gênero: estudos sobre formação*. 4. ed. São Paulo: Escrituras Editora, 2003.
- \_\_\_\_\_. Práticas de formação e ofício docente. In: CATANI, Denice Bárbara; BUENO, Belmira Oliveira; e SOUSA, Cynthia Pereira de (Orgs.). *A Vida e o ofício*

*dos professores: formação contínua, autobiografia e pesquisa em colaboração*. 4. ed. São Paulo: Escrituras Editora, 2003a. p. 21-29.

\_\_\_\_\_. As leituras da própria vida e a escrita de experiências de formação. In: *Revista da FAEEDBA – Educação e contemporaneidade*, Salvador, v. 14, n. 24, p. 31-40, jul/dez, 2005.

\_\_\_\_\_. A autobiografia como saber e a educação como invenção de si. In: SOUZA, Elizeu Clementino, ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Orgs.). *Tempos, Narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. p. 77-87.

COELHO, Germano. Paulo Freire e o Movimento de Cultura Popular. In: ROSAS, Paulo (Org.) *Paulo Freire: Educação e transformação social*. Recife: Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas/Editora Universitária, 2002, p.31-95.

COELHO, Lígia Martha Coimbra da Costa. *Escola Pública, Educação Integral em Tempo Integral e Trabalho Educativo no Ensino Fundamental*. 26ª Reunião Anual da ANPED – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, GT 13 - Educação Fundamental, 2003. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/gt13anped/textos26ra/ligiamarthacoimbradacostacoelho.pdf>. Acesso em: 18 Agosto 2007.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. Memórias que interrogam: formação e atuação docente. In: SOUZA, Elizeu Clementino, ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Orgs.). *Tempos, Narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. p. 279-296.

FAGUNDES, Teresa Cristina Pereira Carvalho. *Mulher e Pedagogia: um vínculo resignificado*. Salvador: Helvécia, 2005.

FISCHER, Beatriz Daudt. A professora primária nos impressos pedagógicos (de 1950 a 1970) In: STEPHANOU, Maria e BASTOS, Maria Helena Camara (Orgs.). *Histórias e Memórias da Educação no Brasil*, vol. III: Século XX. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. p. 324-335.

FONSECA, Selva Guimarães. *Caminhos da História Ensinada*, Campinas, SP, Papyrus, 1993, pp. 21-22.

GÓES, Moacyr de e CUNHA, Luiz Antonio. *O Golpe na Educação*. 11. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

GOMES, Marco Antonio de Oliveira. *Vozes em defesa da ordem: o debate entre o público e o privado na educação (1945-1968)*. Dissertação de Mestrado, UNICAMP, 2001.

GOUVEIA NETO, Hermano. Atividades Programadas. In: *Revista da Faculdade de Educação da Bahia*. nº 1, v. 1, Salvador – Bahia, Ano 1977, p. 83-92.

HILSDORF, Maria Lúcia S. *História da educação brasileira*. São Paulo: Thomsom, 2003.

HORTA, José Silvério Baía. *O hino, o sermão e a ordem do dia: a educação no Brasil (1930-1945)*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

JAMESON, Frederic. Periodizando os anos 60. In: HOLANNANDA, Heloisa Buarque de (org.). *Pós-Modernismo e política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992, p. 81-126.

JORNAL CORREIO DA BAHIA. *Diário de Olga*. 26. nov. 2000.

JORNAL JUVENTUDE. *Histórico do Colégio Nossa Senhora do Carmo*. Número Especial, Colégio Nossa Senhora do Carmo, Maio de 1964.

JORNAL TRIBUNA DA BAHIA. *Professora Mettig defende livros didáticos e reforma*. Salvador, 09 març. 1972, p. 5.

JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.

\_\_\_\_\_. Os relatos de histórias de vida como desvelamento dos desafios existenciais da formação e do conhecimento: destinos sócio-culturais e projetos de vida programados na invenção de si. In: SOUZA, Elizeu Clementino e ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Orgs.). *Tempos, Narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: EDIPUCRS. Salvador: EDUNEB, 2006. p. 21-40.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Disponível em:  
<[www.luckesi.com.br/textos/resenha\\_biografica.doc](http://www.luckesi.com.br/textos/resenha_biografica.doc)>. Acesso em: 17 jul. 2007.

MAGALHÃES, Maria Lígia Lordello de Magalhães. *Olga Mettig: quando crescer quero ser professora: vida e obra de uma educadora baiana*. Salvador: Sociedade Cultural e Educacional da Bahia/Faculdades Integradas Olga Mettig, 2006.

MELLO, Maria Alba Guedes Machado. *Isaías Alves de Almeida e a educação na Bahia*. *Revista FAEEBA – Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 14, n. 24. P. 125-140. Jul/dez. 2005

MENEZES, Jaci. Educação, história e memória: apresentação. In: *Revista da FAEEBA: Educação e contemporaneidade*, Salvador, v. 14, n. 24, p. 13-17, jul/dez, 2005.

METTIG, Beto. *A perda do ícone da educação baiana*. *Jornal Bahia Bella*. Salvador, ano 1, n. 2, p. 1 e 4, maio 2004.

METTIG, Olga Pereira. Ela é notícia. In: *Jornal da Bahia*, Salvador, 28 e 29 mai. 1967.

\_\_\_\_\_. Educadora luta pela melhoria do ensino. In: *Jornal Correio da Bahia – Caderno Aqui Salvador*, Salvador, 07 març. 1998, p. 8.

\_\_\_\_\_. Educar tem de ser com base ética e moral. In: *Jornal A Tarde – Caderno Local*, Salvador, 03 març. 2002, p. 12.

MEMÓRIA Olga pereira Mettig. 1914 – 2004.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. *Ensino: As abordagens do processo*. Temas Básicos da Educação e Ensino. São Paulo: EPU, 1986.

NÓVOA, António; CAVACO, Maria Helena e HAMELINE, Daniel. *Profissão Professor*. Porto: Porto, 1995.

\_\_\_\_\_. *Vidas de professores*. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2000.

\_\_\_\_\_. Prefácio. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). *História e histórias de vida: destacados educadores fazem a história da educação rio-grandense*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 7-12.

PASSOS, Elizete Silva. *Mulheres moralmente fortes*. Salvador: Gráfica Santa Helena, 1993.

POIRIER, Jean. CLAPIER-VALLADON, Simone. RAYBAULT, Paul. *Histórias de vida: Teoria e prática*. 2. ed. Oeiras: Celta editora, 1999.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: Cpdoc/FGV, v. 2, n. 3, 1989. p. 3-15.

PROFESSORA Mettig defende livros didáticos e Reforma. *Jornal Tribuna da Bahia*. Salvador, 9. mar. 1972. p. 5.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do indivizível ao divizível. In: SIMPSON, Olga de Moraes Von (Org.). *Experimentos com histórias de vida* (Itália-Brasil). São Paulo: Vértice, 1988, p. 14-43.

REVISTA DA MAIORIDADE. *Olga Pereira Mettig e Lígia Lordelo de Magalhães, as inventoras do livro didático para o curso primário*. Jul/Agos. 2002, pág. 1 e 6.

\_\_\_\_\_. *Prefeito inaugura praça e homenageia Olga Mettig*. Set. 2002, pág. 6.

REVISTA IC Shopping News da Bahia. *Colégio Nossa Senhora do Carmo é organização educacional modelar*. Caderno Especial, p. 11.

REVISTA NEON. *OLGA Mettig: a voz do trono*. Salvador, ano 6, n. 42, pp. 32-33, jun. 2004.

REVISTA PANORAMA DA BAHIA. *Mulher exemplar – professora cachoeirana é destaque no ensino da Bahia*. Salvador, ano 4, n. 80, p. 33, 20. abr. 1987.

SANTOS, Leda Jesuíno dos. A Educação do Amanhã. In: *Revista da Faculdade de Educação da Bahia*. nº 1, v. 1, Salvador – Bahia, Ano 1977, p. 47-56.

SCHWARTZMAN Simon, BOMENY, Helena Maria Bousquet e COSTA, Vanda Maria Ribeiro. *Tempos de Capanema*. 2ª Ed. Rio de Janeiro e São Paulo, Editora Paz e Terra e Fundação Getúlio Vargas, 2000.

SILVA, Nair Moreira da. A cidade “heróica” tem heroína anônima. *Jornal A Tarde*. Salvador. Caderno Mulher.1987, p. 9.

SOUSA, Cynthia Pereira. A evocação da entrada na escola: retratos autobiográficos de professores e professoras. In: BUENO, B. O.; CATANI, D. B. e SOUSA, C. P. (Org.) *A vida e o ofício dos professores*. São Paulo: Escrituras, 1998. p. 31-44.

SOUZA, Elizeu Clementino de. História de vida e formação de professores: um olhar sobre a singularidade das narrativas (auto)biográficas. In: MACEDO, Roberto Sidnei; SILVA, Gelcivânia Mota; TORRES, Mônica Moreira (Orgs.). *Currículo e docência: tensões contemporâneas, interfaces pós-formais*. Salvador: UNEB, 2003. p. 35-56.

\_\_\_\_\_. *O conhecimento de si: narrativas do itinerário escolar e formação de professores*. 2004, 344 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia (ufba), Salvador, 2004.

\_\_\_\_\_. *O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores*. Rio de Janeiro: DP&A, Salvador: UNEB, 2006.

\_\_\_\_\_. A Arte de Contar e Trocar Experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. In: *Revista Educação em Questão*. V. 25, n. 11, jan./abr. 2006, pp. 22/39, Natal, RN: EDUFRN, 2006a.

\_\_\_\_\_ e ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Orgs.). *Tempos, Narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: EDIPUCRS. Salvador: EDUNEB, 2006b.

\_\_\_\_\_. *Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino*. Porto Alegre: EDIPUCRS. Salvador: EDUNEB, 2006c.

STEPHANOU, Maria e BASTOS, Maria Helena Câmara (Org.). *Histórias e memórias da Educação no Brasil*. V. III. Século XX. Petrópolis: Vozes, 2005.

TAVARES, Luís Henrique Dias. *História da Bahia*. 10. ed. São Paulo: UNESP. Salvador: EDUFBA, 2001.

TEIXEIRA, Anísio. *Educação não é privilégio*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1994.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VASCONCELOS, Pedro de Almeida. *Salvador – transformações e permanências 1549 – 1999*. Ilhéus: EDITUS, 2002.

VIEIRA, Ricardo. *História de Vida e Identidade*. Professores e interculturalidade. Porto: Afrontamento, 1999. (Coleção Biblioteca das Ciências do Homem).

## LISTA DE ANEXOS

- ANEXO A** - Roteiro de Entrevista - Maria Lúgia Lordello Magalhães.
- ANEXO B** - Roteiro de Entrevista - Família.
- ANEXO C** - Roteiro de Entrevista - Outros.
- ANEXO D** - Roteiro de Entrevista - Ex-alunos.
- ANEXO E** - Abaixo Assinado Professores da Escola Rui Barbosa – 1947
- ANEXO F** - Ata de Encerramento 1º Grau da Escola Nossa Senhora do Carmo – 1976
- ANEXO G** - Aumento Salarial como Professor na Capital – 1946
- ANEXO H** - Capa Caderno Voz da Infância – Revista Escola Rui Barbosa – Ano 1, No 1 – 1944
- ANEXO I** - Capa Caderno Voz da Infância – Revista Escola Rui Barbosa – Ano 2, No 2 – 1949
- ANEXO J** - Caderno de Pensamentos de Olga Mettig
- ANEXO K** - Caderno de Recortes de Olga Mettig
- ANEXO L** - Carta de Agradecimento – Joselina - 1940
- ANEXO M** - Certificados de Formação de Olga Mettig
- ANEXO N** - Contrato de Compra e Venda do imóvel Colégio Nossa Senhora do Carmo – 1973
- ANEXO O** - Contrato de Locação do imóvel Colégio Nossa Senhora do Carmo - 1973
- ANEXO P** - Contrato Social da Sociedade Civil Limitada Colégio Nossa Senhora do Carmo – 1973
- ANEXO Q** - Decreto Nomeação como Inspetora Olga Pereira Mettig – 14.08.1947
- ANEXO R** - Diário Oficial Aposentadoria – 10.07.68 – Olga Mettig
- ANEXO S** - Discurso Colação Grau Magistério – Colégio Normal Nossa Senhora do Carmo – 1977
- ANEXO T** - Discurso encerramento do ano letivo Escola Rui Barbosa – 1944
- ANEXO U** - Distrato de Contrato Social da Sociedade Civil Limitada Colégio Nossa Senhora do Carmo - 1988
- ANEXO V** - Estudos Adicionais - Leis e Normas - Colégio Nossa Senhora do Carmo – 1970
- ANEXO W** - Homenagem a Olga Mettig - autor desconhecido



- ANEXO X** - Homenagem de alunos e professores da Escola Ruy Barbosa
- ANEXO Y** - Homenagem dentro de orientadores educacionais da Bahia 1971
- ANEXO Z** - Homenagem Medalha Barão de Macaúbas – 1984
- ANEXO AA** - Informe da Organização do clube de leitura – 1978
- ANEXO AB** - Jornal A Tarde – Caderno Lazer e Informação 13.01.1991
- ANEXO AC** - Jornal A Tarde – Caderno Local 03.03.2002
- ANEXO AD** - Jornal A Tarde – Caderno Mulher pág. 9
- ANEXO AE** - Jornal Bahia Bella – Maio 2004 - Reportagem póstuma
- ANEXO AF** - Jornal Correio da Bahia - Caderno Aqui Salvador 07.03.1998
- ANEXO AG** - Jornal Correio da Bahia – 26.11.2000
- ANEXO AH** - Jornal da Bahia - 28 e 29.05.67
- ANEXO AI** - Jornal Tribuna da Bahia - 09.03.1972
- ANEXO AJ** - Solicitação de Transferência do Educandário Sagrado Coração de Jesus - Olga Mettig – 1932
- ANEXO AK** - Licença de trabalho – 1941
- ANEXO AL** - Nomeação de professora interina – 1937
- ANEXO AM** - Nomeação Diretora Escola Ruy Barbosa – 1944
- ANEXO AN** - Nomeação Diretora Escola Ruy Barbosa – 1947
- ANEXO AO** - Nomeação Inspetora da Classe F – 1947
- ANEXO AP** - Nomeação Inspetora da Classe G – 1949
- ANEXO AQ** - Nomeação para Diretora da Escola Joana Angélica
- ANEXO AR** - Nomeação para professora – 1938
- ANEXO AS** - Nomeação para professora – 1942
- ANEXO AT** - Nomeação para professora interina – 07.1936
- ANEXO AU** - Nomeação para professora interina – 1941
- ANEXO AV** - Normas de Comportamento para Alunos - Colégio Nossa Senhora do Carmo – 1975
- ANEXO AW** - Normas para Avaliação do Rendimento Escolar - Colégio Nossa Senhora do Carmo – 1977
- ANEXO AX** - Ofício Extinção Colégio Nossa Senhora do Carmo - DOE – 1994
- ANEXO AY** - Plano de implantação do regimento Colégio N. S. do Carmo – 1973
- ANEXO AZ** - Portaria designação inspetora – 1974
- ANEXO BA** - Rascunhos de ofícios para abertura de escola
- ANEXO BB** - Regimento escolar - Colégio Nossa Senhora do Carmo – 1973
- ANEXO BC** - Relatório atividades diretora das escolas Joana Angélica e Rui Barbosa

- ANEXO BD** - Relato da Vida Funcional de Olga Pereira Mettig – 1955
- ANEXO BE** - Reportagem da Who's Who in Brazil - 25.09.72
- ANEXO BF** - Revista da Maioridade – Jul/Agos. 2002 - Reportagem Livro Didático
- ANEXO BG** - Revista da Maioridade – Set. 2002 - Homenagem Praça
- ANEXO BH** - Revista IC Shopping News da Bahia
- ANEXO BI** - Revista Neon - 06.2004
- ANEXO BJ** - Revista Panorama da Bahia - 20.04.1987
- ANEXO BK** - Modelo Termo de Cessão de Entrevista
- ANEXO BL** - Entrevista/Questionário Maria Lígia Lordello de Magalhães
- ANEXO BM** - Entrevista/Questionário Dídima Maria de Mello Andrade
- ANEXO BN** - Entrevista Gravada Ney Jorge Campello
- ANEXO BO** - Entrevista Gravada Maria Lazara da Silva
- ANEXO BP** - Entrevista Gravada Carmem Maria Mettig Rocha
- ANEXO BQ** - Entrevista Gravada Edivaldo Boaventura
- ANEXO BR** - Entrevista Gravada Leda Jesuína dos Santos
- ANEXO BS** - Entrevista Gravada Dídima Maria de Mello Andrade
- ANEXO BT** - Entrevista Gravada Francisco Soares Sena
- ANEXO BU** - Entrevista Gravada Olga Pereira Mettig Filha
- ANEXO BV** - Informe N 3 - MAIO 2004 - Faculdades Integradas Olga Mettig
- ANEXO BW** - Diploma Falecido Irmandade da Terra Santa
- ANEXO BX** - Homenagem Póstuma - Vereador Pedro Godinho
- ANEXO BY** - Homenagem Póstuma - Minha irmãzinha mui querida
- ANEXO BZ** - Homenagem Póstuma - Antônio Imbassahy
- ANEXO CA** - Homenagem Póstuma - Sérgio Carneiro
- ANEXO CB** - Homenagem Póstuma - Mário Negromonte
- ANEXO CC** - Homenagem Póstuma - Câmara Municipal de Cachoeira
- ANEXO CD** - Homenagem Póstuma - Tribunal de Contas do Estado da Bahia
- ANEXO CE** - Homenagem Póstuma - Tribunal de Contas dos Municípios do Estado da Bahia
- ANEXO CF** - Homenagem Póstuma - Armando Neto - Superintendente IEL-BA
- ANEXO CG** - Homenagem Póstuma - Bahiatursa
- ANEXO CH** - Homenagem Póstuma - Banco do Nordeste do Brasil
- ANEXO CI** - Homenagem Póstuma - Chico Senna
- ANEXO CJ** - Homenagem Póstuma - Colégio São Paulo
- ANEXO CK** - Homenagem Póstuma - Correio da Bahia - 23.04.2004

- ANEXO CL** - Homenagem Póstuma - Dionísio Carmo-Neto
- ANEXO CM** - Homenagem Póstuma - Erick Magalhães Vasconcelos
- ANEXO CN** - Homenagem Póstuma - Escola Kimimo
- ANEXO CO** - Homenagem Póstuma - Faculdade Livre da Terceira Idade
- ANEXO CP** - Homenagem Póstuma - Faculdade Ruy Barbosa - Universidade Católica do Salvador
- ANEXO CQ** - Homenagem Póstuma - Faculdades Integradas Olga Mettig
- ANEXO CR** - Homenagem Póstuma - Floricultura Jardim da Saudade - Filhos
- ANEXO CS** - Homenagem Póstuma - Fundação 2 de Julho
- ANEXO CT** - Homenagem Póstuma - Espaço Turismo - Aldalice Gedeon
- ANEXO CU** - Homenagem Póstuma - Homenagem Aluna Faculdade da Terceira Idade
- ANEXO CV** - Homenagem Póstuma - Ildásio Tavares
- ANEXO CW** - Homenagem Póstuma - Lemos (Body)
- ANEXO CX** - Homenagem Póstuma - Lícia Regina
- ANEXO CY** - Homenagem Póstuma - Maria Lígia Lordello de Magalhães
- ANEXO CZ** - Homenagem Póstuma - Marcelo Silva Borges - Estudante de Pedagogia
- ANEXO DA** - Homenagem Póstuma - Maria Alice Teixeira - Faculdade Social da Bahia
- ANEXO DB** - Homenagem Póstuma - Discurso Sepultamento por Maria Augusta Cruz Abdon
- ANEXO DC** - Homenagem Póstuma - Padre Domingos Mianulli - Colégio Antônio Vieira
- ANEXO DD** - Homenagem Póstuma - Prof<sup>a</sup> Ivete Alves do Sacramento - Universidade do Estado da Bahia
- ANEXO DE** - Homenagem Póstuma - PROMÉDICA
- ANEXO DF** - Homenagem Póstuma - Regina Mesquita
- ANEXO DG** - Homenagem Póstuma - Rotary Club Bahia Leste
- ANEXO DH** - Homenagem Póstuma - Sérgio Foguel
- ANEXO DI** - Homenagem Póstuma - Theodomiro Queiroz - Diretor do Teatro Castro Alves
- ANEXO DJ** - Homenagem Póstuma - UNIFACS
- ANEXO DK** - Homenagem Póstuma - Visão Turismo - Academia Bahiana de Educação
- ANEXO DL** - Homenagem Póstuma - Wellington Medeiros - Colégio Maristas
- ANEXO DM** - CD Interativo com os Anexos digitalizados.